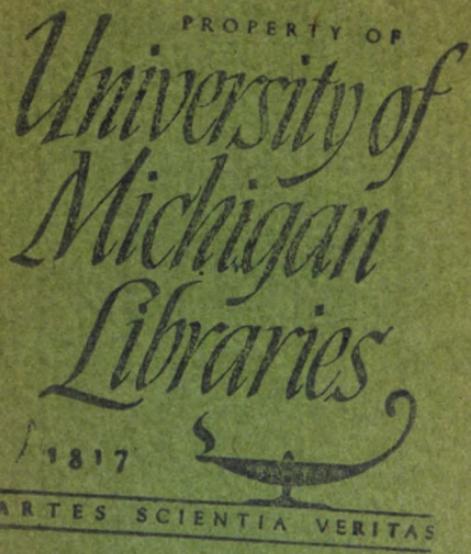
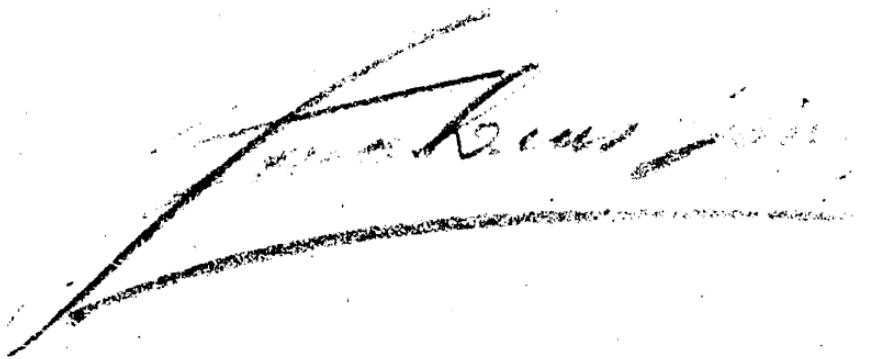


Cantos matutinos

Francisco Gomes de Amorim





CANTOS MATUTINOS.



S. J. J. G. de Souza

ANNALES MATHÉMATIQUES

1861

ÉDITIONS GARNIER ET FILS

PARIS

ANNALES MATHÉMATIQUES

1861

ANNALES MATHÉMATIQUES

ÉDITIONS GARNIER ET FILS

PARIS



U.S. PATENT OFFICE.

George de Amosie

CANTÓS MATUTINOS

POR

Francisco Gomes de Amorim

Socio correspondente da

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

LISBOA — TYPOGRAPHIA PROGRESSO

Rua da Cruz do Paço N.º 15

1858

869.8
66292ca

63 - 362139

AO VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

FALLECIDO EM 9 DE DEZEMBRO DE 1884

O seu discípulo e amigo inconsolável
Gomes de Amorim.

Eu tinha pouco mais de nove annos, quando algumas leis repressivas do trafico da escravatura preta encaminharam a especulação dos negreiros para o commercio dos escravos brancos. A Inglaterra usava da sua influencia sobre Portugal, e os traficantes não se tinham ainda lembrado de inspirar ás auctoridades da Africa portugueza o patriotico pensamento de se associarem com elles, para se vingarem da pressão exercida pelos inglezes sobre o seu *innocente* negocio.

Os negreiros correram pois para o continente do reino, e ilhas dos Açores, e dentro em pouco os mercados do Brasil abundavam novamente em carne humana, com grande vantagem para os consumidores, que podiam comprar escravos brancos mais baratos do que os pretos.

Os engajadores inundavam, como agora, as

provincias do norte do reino, agarrando gente por todos os meios possiveis, e não sei mesmo se por alguns impossiveis, porque eram elles homens para grandes difficultades. Investiam com as proprias auctoridades ! e se não posso avançar que seduzissem alguma, indo-a vender aos brasileiros, como fizeram a um pobre rei africano, que foi meu remador, affirmo que os filhos dos regedores de aldeia, e ainda os dos administradores dos coneelhos, eram os que de preferencia cubiçava a caprichosa exploração dos agentes. A razão desta distincção era talvez com o intuito de escarnecer d'um poder, que não queria ou não podia coarctar este criminoso trafico. O certo é que ninguem escapava á sua influencia, e que por fim tambem eu fui victima delles, ainda que indirectamente, e por minha vontade.

A minha terra é uma linda aldeia chamada Avelomar, situada n'uma praia do Minho; pela sua situação e abundancia de populaçao não podia ella deixar de ser um dos theatros de operações dos engajadores; e por se ligarem a esta circumstancia todos os acontecimentos da minha vida, permitta o leitor que eu ponha já em scena a minha humilde pessoa.

Nasci sem nenhuma circumstancia que possa dar relevo a uma biographia, e declaro que me criei como toda a gente, sem nenhum acontecimento notavel que, distinguindo os meus primeiros annos, me levasse mais tarde ao livro das ni-

fancias celebres. Eu não tinha agudezas, não era engracado, e não aprendia coisa alguma. Os meus talentos limitavam-se a escolher cada dia um meio diferente, que me livrasse de ir á escola, porque n'ella me esperavam certas familiaridades d'um instrumento, cujo nome latino me havia inspirado profundo horror á erudição do meu mestre. O instrumento era a *ferula*; e o professor andava-me sempre com o olho em cima, porque, devo dizer, ainda que me custe, eu desacreditava o seu methodo de ensino. Entrei aos cinco annos para a sua aula, e sahi quasi aos dez sem saber assignar o meu nome, ou soletrar duas palavras! Verdade é que tinha adquirido sobre os meus camaradas uma superioridade incontestavel, nos exercicios archeologicos de atirar á funda, apanhar passaros a laço, e, visto que é preciso confessar tudo, em achar pretextos plausiveis para não dar lição, cada vez que isso me competia.

A minha boa mãe era a unica pessoa que ainda não tinha perdido as esperanças de me ver emendado; todos os mais, parentes, conhecidos ou mestres, me prophetisavam um futuro desastroso, declarando-me inutil para tudo. Um visinho muito rabujento, ao qual eu tinha derrubado uma parede para apanhar um ninho de pintasilgo, fez-me o tremendo prognostico de que eu ainda havia de acabar em malfeitor de estrada! Deus lhe perdoe, porque tinha excellentes uvas, e eu vingava-me n'ellas da maledicencia do proprietario.

As minhas occupações mais favoritas eram grandes correrias pelas praias do Minho, onde eu ia empoleirar-me nos rochedos mais elevados, a olhar para as ondas horas esquecidas, cada vez que via passar as azas brancas d'um navio a duzentas braças da costa. Fóra d'isto, vagabundeava pelos campos dias inteiros, contemplando as cristas azuladas das serras de Barroso e de S. Felix, sem me lembrar de almoço ou de jantar, e ainda menos dos cuidados dos meus parentes.

Estas distracções, em similhante edade, não podiam deixar de dar nas vistas a toda a gente. Aconselharam a minha mãe que me *arrumasse*, fosse como fosse, porque eu tinha ares de lunático, além de ser um vadio que não queria aprender coisa alguma. Chegaram a assustal-a, apezar dos meus poucos annos; e um lavrador nosso parente offereceu-se para me corrigir, se quizessem entregar-me aos seus cuidados. À vista da minha rudeza, tiraram-me da escola, com grande satisfação do mestre, e a minha familia resolveu que eu seria agricultor. Apenas, porém, me haviam installado em casa d'aquelle que pretendia *fazer-me gente*, levantei contra elle cinco tiros, que bebiam os ventos por mim, por causa de um puchão d'orelhas. Elle queixou-se a minha mãe, e eu fui chamado á barra; mas pedi uma sessão secreta, e n'ella a convenci de que elle me assassinaria infallivelmente, se me deixassem lá ficar. Não ha lógica para as mães como as lagrimas dos filhos.

Fiquei em casa, mas foi por pouco tempo. Um cor-doeiro da Povoa de Varzim comprometeu-se a mandar-me ensinar a ler e escrever correctamente, com a condição de que eu viveria em sua casa para vigiar o estabelecimento. Mas quando lá me apanhou, mandou-me virar á roda, do mesmo modo que se eu fôra um dos seus aprendizes. Estava arranjado comigo ! Formei-lhe perante a minha santa mãe um capítulo muito mais odioso do que o do lavrador, e o affecto materno, commovido com a descripção dos horrores e maus tractos, que eu pintava com certa viveza de colorido, arrancou-me a este novo tyranno, reconduzindo-me triumphante ao lar domestico.

Foi então que os engajadores, espalhando notícias exageradas, ou falsas, ácerca das enormes riquezas do Brasil, e da facilidade com que ellas se obtinham, conseguiram desvairar um grande numero de rapazes da minha aldeia. Meu irmão Manuel foi uma das victimas, se não engajada, enganada pelos alliciadores. Para o acompanharmos ao *bota-fôra*, eu e a minha familia fizemos a jornada do Porto. Alli nos demorámos até quasi á saída do navio que devia conduzil-o, e como eu ia a bordo todos os dias, os agentes procuravam seduzir-me para que fosse tambem para o Brasil, promettendo levar-me *quasi de graça*. Incitaram-me tanto, e tão saudoso eu me sentia do irmão, que era o meu braço direito nas brigas escolares, que por fim pedi a minha mãe que me dei-

xasse seguir o meu destino. Tinha havido já uma revolução domestica, para se consentir na partida de meu irmão, tão novo ainda; mas perante o meu pedido, todos pozeram as mãos na cabeça, e fizera minha mãe responsavel, perante o céu e a terra, pelas desgraças que de futuro me sucedessem se ella condescendesse com simulhante loucura. Com tudo, eu chorei tanto, e tão bem, que não houve remedio senão fechar os olhos a todos os sacrificios, lançar mão dos recursos extremos, e deixar-me sair pela barra fóra com dez annos incompletos.

Para fazer inteira justiça aos meus queridos e bondosos compatriotas, declaro que todos foram sensiveis á minha partida, perdoando-me, ou esquecendo generosamente as numerosas memorias que eu deixei a quasi todos, nas arvores derreadas, nas paredes caídas, e nas seáras pisadas durante as minhas excursões de vagabundo. Quanto a minha mãe, nunca mais teve alegria, nem perdoou a si o haver-nos deixado partir, a mim e a meu irmão, para um paiz desconhecido.

Eu tambem chorei muito, com saudades d'ella, nos primeiros oito dias; mas a viagem foi-se tornando trabalhosa, e os perigos presentes desvaneceram quasi as maguas da ausencia. O amor de mãe não tem rival na terra, e foi por isso que a minha ficou inconsolavel, e que eu me fui habituando tão cedo a passar sem ella!

- Depois de uma viagem a que não faltaram a fome,

a sede, as calmas e as tormentas, chegámos a essa formosa terra de Santa Maria de Belém do Pará, que tinha de ser testimunha dos meus altos feitos, e de me deixar um dia eterna saudade

Apenas desembarcámos, formaram-nos em turmas no caes da alfandega, para que os negociantes da cidade viessem escolher d'entre nós aquelle que mais lhes agradasse.

Eu estava alli, sem saber para que, no meio de uma multidão de gente de todas as cores, que se ria de mim e dos meus compatriotas, ao mesmo tempo que varios homens brancos, e vestidos quasi todos tambem de branco, gyravam em torno de nós. Os meus companheiros iam desapparecendo, mas a mim ninguem me queria. Um d'aquelle homens vestidos de branco andou muito tempo a mirar-me por todos os lados, chegou-se a mim duas vezes, levantou-me a cabeça, mandou-me fallar, e murmurou varias palavras das quaes eu percebi as ultimas, que foram as seguintes: « isto não presta ! » Outros olhavam-me com commiseração, e diziam: « É uma consciencia trazer creanças como aquella. » Um preto aproximou-se tambem, perguntou-me o meu nome n'uma lingua quasi barbara, e accrescentou depois: « se eu o queria servir ! » Outro, roto e descalço, carregou-me sobre os olhos o bonet que eu tinha na cabeça, com grande aplauso de apupos dos seus patricios e amigos presentes. Um homem, depois de nos examinar a todos, disse duas palavras ao ca-

pitão do navio, que estava alli dirigindo o seu negocio, e intimou a meu irmão que o seguisse, sem lhe declarar para onde, nem em virtude de que direito o levava, e sem que o pasmo nos permitisse que nos despedissemos uns dos outros; de maneira que na mesma terra, n'uma cidade pequenissima, só depois de seis mezes é que eu tive noticias de meu irmão! e a maior parte dos meus patricios e companheiros de viagem nunca mais os tornei a vér...

Achava-me quasi só, e sem perceber que estava n'um mercado de escravos brancos, e que era considerado *refugo* pelos entendedores! Por fim, do meio dos poucos homens de branco que alli se achavam ainda, saiu um, vestido de pardo, e acariciou-me, pondo-me a mão no rosto, e convidando-me a seguir-o. Então rebentaram-me as lagrimas com violencia; até alli encarára feramente a desgraça que não via, mas que sentia. Do momento, porém, em que me chegou a vez de partir, como os outros, sem saber para onde, chorei. — Mas o meu patrão era um excellente e honrado homem. Chamava-se o sr. José Maria Fernandes, e inscrevo aqui o seu nome para sua satisfação. O digno comerciante vive ainda, apezar do rheumatismo que o maltracta; se estas linhas lhe chegarem á mão, peço-lhe que me perdoe a muita marmellada que lhe devorei, porque tambem eu lhe perdoei a prodigalidade com que elle me servia de palmatoadas, cada vez que o meu pondonor nacional

me fazia quebrar a cabeça do preto, ou preta, que insultava o meu paiz ou a minha pessoa.

Comecei de tal modo a minha aprendizagem de caixeiro, que no fim de um anno podia com rasão lisongear-me de ser o terror da maior parte da gente que frequentava o estabelecimento.

Não era pela minha força physica, nem pela minha figura, creio eu! O certo é que não sei d'onde me vinha audacia para tão grandes commettimentos; mas ainda que o insultador fosse um gigante, não ia sem correcção. As minhas armas eram os pesos da balança, os copos, as garrafas, e nos grandes apuros cortava as dificuldades saindo para a rua, e correndo o aggressor á pedrada. De dois resultados que isto podia ter, um era sempre infallivel, no caso de haver cabeça quebrada: ou eu comprava á força de agua-ardente o silencio da vítima, ou a palniatoria se encarregava de me cortar os vòos de tão despropositado heroísmo.

Finalmente, chegou um dia em que o meu patrão declarou positivamente, que já me não podia nem queria soffrer. Eu tinha atirado á cara d'um homem elegantissimo, que me dirigira um dito grosseiro, com quatro arrateis de manteiga de vacca. O desgraçado era creado, ou escravo, do presidente da província; andava sempre recendente de perfumes e vestido de roupa alvissima, trajo de que tinha grande presumpção e vaidade. Porque o não servi com a rapidez que exigia, e julgando-se offendido na sua qualidade de servo

do chefe do paiz, permitti-se a liberdade de me dizer uma palavra, que eu entendi não dever deixar passar, e respondi, batendo-lhe ás mãos ambas eom uma enorme colher de manteiga sobre o nariz.

Confesso que por muito tempo me ensoberbeci, e tive esta acção por uma das mais brilhantes do primeiro periodo da minha vida. Os cabellos, admiravelmente frisados, do meu adversario tornaram-se n'um estado lastimoso, e a cara ficou tão bem coberta que, a não ser a diferença da materia, parecia que eu o queria modelar em cera para lhe mandar fazer o busto. A victima pôde apenas tirar a manteiga dos olhos, ao tempo que eu, espangado da minha audacia, enterrava novamente a colher no barril para repetir a dóse, á primeira tentativa de ataque que elle fizesse. Porém não era essa a sua intenção; mal abriu um olho, partiu como um raio pela porta fóra, e foi mostrar-se ao meu patrão, que morava do outro lado da rua.

Em satisfação ao presidente e ao seu lacaio, apanhei seis duzias de palmatoadas; porém visto que ellas não evitaram o perdermos o freguez, quiz o meu patrão desistir dos meus serviços como prejudiciaes, e fallou a todos os seus vizinhos, a fim de ver se algum me queria para as suas lojas; mas a minha reputação tinha chegado longe. Responderam todos atterrados, que não queriam nem ver-me! e foi necessário procurar-me um estabelecimento no extremo opposto da cidade, onde

eu era ainda desconhecido, mas aonde dentro em pouco me tornei de uma tal popularidade, que dezoito annos são já passados sem que ella tenha desapparecido inteiramente !

Ao completar os meus doze annos, comecei a envergonhar-me de não saber ler, e appliquei-me voluntariamente, e com tanta dedicação, que aprendi em poucos mezes. O primeiro livro que me foi ás mãos, e que hade ter um dia em outra parte um capitulo especial, foi a *Historia de Carlos Magno*. Eu não lia só para mim, queria auditorio, e era bem pouco escrupuloso na escolha delle ! A quantos pretos, tapuyos, e mulatos apanhava, nos momentos em que meu patrão sahia de casa, lia a morte de Roldão, e elles desatavam n'um berreiro de choro, tão feio e temeroso que vexaria o proprio Adamastor.

O meu segundo livro foram os *Lusiadas* de Camões.

Não escrevo estes apontamentos para a posteridade me fazer a biographia ; faço-os para os leitores dos **Cantos Matutinos**. Do rapaz endiabrado e picaresco, que eu confesso ter sido, pode-se esperar tudo, menos um bom poeta. Aos que, depois de saberem os pontos capitaes de tão arrevesado começo de vida, não acharem toleraveis os meus versos, responderei : que os façam melhores ; lastimando que o censor não passasse pelas mesmas provas que eu passei.

No Pará era raro, n'aquelle tempo, o patrão que

* *

permittia aos seus caixeiros o ocuparem na leitura as horas vagas; mas o fructo prohibido aguça o apetite; a tyrannia inspira naturalmente o desejo da resistencia, e por isso era tambem raro o caixeiro que não se entregava com avidez a leituras clandestinas. E a isso talvez deve aquella cidade o grande numero de mancebos illustrados, que hoje dirigem o seu commercio. Entre elles é vulgar o conhecimento dos nossos melhores classicos, e tanto se tem desenvolvido nos ultimos doze annos o gosto do estudo, que o mais humilde caixeiro de taberna não ignora nenhuma das modernas publicações portuguezas.

Brigando com a má vontade e oposição que encontraram por vezes as minhas tentativas estudiosas, decorei em poucos mezes todas as estancias dos *Lusiadas*, e foram elles as primeiras lições que eu tive de poesia e de historia. A brutalidade de alguns patrões, e o meu indocil caracter, que repelia a servidão, fizeram-me tomar odio eterno á vida de caixeiro.

Meu irmão, e um primo de quem eu era hospede, fizeram esforços desesperados para me domar. Depois de se convencerem que eu me não sujeitava ao commercio, perguntaram-me se queria seguir outra qualquer carreira; se me sentia com vocação para artista, militar, padre, medico, ou advogado; deram-me a escolher todas as profissões, compromettendo-se a mandarem educar-me convenientemente; porém eu não me decidi por ne-

nhuma. E uma vez que me apoquentaram mais do que de ordinario, á cerca do meu destino, respondi ao acaso — que me fizessem calafate !

Meu irmão, que, apesar de toda a sua gravidade e bom senso, tinha apenas mais anno e meio do que eu, achou-me muita graça; porém meu primo que era homem serio e que estava cançado das minhas extravagancias, (segundo elle dizia), avançou a mão para me agarrar uma orelha, que eu tive a prudencia de pôr fóra do seu alcance — fuggindo de casa.

As grandes florestas estavam perlo; havia muito tempo que eu aspirava com delicias o perfume que me trazia dos sertões a brisa nocturna. A causa da minha repugnancia a todas as occupações era o desejo e a curiosidade, que me mordiam noite e dia, de correr para essas eternas solidões que me chamavam de longe. Sentia-me como atacado de nostalgia das selvas, que eram a pátria do meu pensamento.

Um dia de madrugada, tendo-me despedido sómente do meu sempre bom irmão, embarquei n'uma canoa que se destinava ao fabrico de goma elastica, e parti para o rio Xingú. Logo que me vi no meio das florestas virgens conheci que tinha achado o meu reino, o paiz da fantazia. Habituei-me á presença quotidiana da onça, do tigre, e do tamanduá; ás mil variedades de serpentes, aos jacarés, aos gentios de todas as raças, e á sua existencia, costumes, e festins barbaros. Pare-

ceu-me que a vida errante da tribu fôra de propósito creada para a minha organisação; dentro em pouco tempo, a cor da minha pelle era igual á dos tapuyos. Deixei a espingarda pela frecha; a lingua portugueza pelo dialecto gutural dos jurunas, ou pela lingua dos tupis; preferi, emsí, o selvagem ao homem civilisado, e comecei a vagamundear pelos bosques, como o tinha feito nas campinas do Minho.

Não sei se tive rasão; mas o certo é que seguia mau caminho para auxiliar e desenvolver a primeira tentativa que fizera na leitura.

Tornei a perder os livros de vista, e ainda com menos saudade do que no momento de embarcar para o Brazil, e talvez que também com menos vontade de me volver a elles. É verdade que o germe tinha ficado de algum modo enredado no meu cerebro. Eu sabia os *Lusiadas*, e não os deixava esquecer, repetindo mentalmente uma ou outra estancia, quando esperava, com a corda do arco retezada e a tacoára em punho, a passagem da anta, ou do veado.

Depois de vagar um anno pelas matas e choeiras do Xingú, subi o Amazonas, e fui completar o meu decimo terceiro anniversario na *villa de Alemquer*, situada em um braço do mesmo rio, entre os dois grandes lagos — Curumú, e Surubíu.

Nessa povoaçãoosinha, de que não posso lembrar-me sem uma doce melancolia, encontrei um

dia, em easa d'uma familia indigena, e dentro de um ceslo forrado com folhas de bananeira brava, quatro ou cinco livros velhos. Um destes era o poema *Camões*, de Almeida Garrett, edição do Rio de Janeiro.

Li-o, e a essa leitura, repetida muitas vezes depois, se devem não só os **Cantos Matutinos**, porém todos os meus modestos opusculos.

Aquelle poema transformou-me repentinamente, e sem eu saber como; principiei a vér debaixo de outro aspecto os rios, os lagos, as florestas, e as montanhas. Pareceu-me que as flores derramavam maior perfume, e se vestiam de mais vivas cores; que o ceu e os astros brilhavam pela primeira vez aos meus olhos, e que toda a naturesa tomava formas novas e sublimes. Julguei entender o canto das aves, o murmúrio das aguas, e o gemer da brisa entre as assucenas bravas e as mimosas gigantes. As harmonias do verso vibravam na minha alma; ouvi dentro em mim outra voz que balbuciava, traduzindo as minhas sensações por meio de palavras cortadas, vagas, encoherentes, e inintelligiveis para o mundo, e que eu não sei como nem onde as aprendia! Cuidei-as inspiradas por Deus, e sei que me foram reveladas por essa elegia sublime do grande poeta, que já não vive!

Ousei dirigir uma carta a Almeida Garrett em que lhe contava, com a mesma simplicidade e singeleza com que o faço agora, tudo o que deixo escripto; e concluia perguntando-lhe se o que eu

sentia então seriam indícios, que revelassem em mim a ave que pretende voar antes de lhe nascerem as azas. A carta gastou muito tempo em descer da beira dos Andes, e atravessar o Atlântico. Depois della partir, eu sorria-me da louca tentativa que fizera, e deixei de esperar uma resposta que já me parecia impossível de obter. Mas no fim de dois annos e meio, a resposta chegou ás minhas mãos. Era uma consolação, um estímulo, um impulso.

Encontrei-a no Pará em 1844, tendo eu já dese-
sete annos. Divulguei a noticia, e toda agente quiz
ver a carta de um poeta, que alli é e foi sempre
adorado. Duvidou-se que fosse delle; mas entre os
curiosos appareceu um, que reconheceu a letra.
Era negociante honrado, e os incredulos não tive-
ram remedio senão curvarem-se diante da sua pa-
lavra. Já ninguem se ria das minhas passadas
criancices; olhavam-me quasi com respeito; e os
caixeiros que haviam sido meus contemporaneos
estalavam com desejos de me proclamar poeta,
visto que eu me correspondia com o que era para
elles, e para mim, quasi um semi-Deus.

Resolvi então voltar a Portugal, com a firme
vontade de vir para Lisboa estudar, e decidido a
morrer na lucta, se tanto fosse preciso. No mo-
mento da minha partida, fui bastante temerario
para consentir que se publicasse um soneto de
despedida aos meus amigos, do qual aproveitei
doze linhas para zurzir os invejosos. Era a pri-

meira vez que o meu nome ousava ir desaccommo-
dar os typos, e Deus sabe se não teria sido melhor
o deixal-os dormir sem me tornar jamais seu co-
nhecido !

.....

Ninguem, que tenha o habito de ler jornaes, pôde ignorar as minhas relações com o fallecido visconde de Almeida Garrett. Desde o momento em que nos encontrámos pela primeira vez, alé áquelle em que o vi espirar-me nos braços, proferindo o meu nome, e dizendo-me estas derradeiras palavras: «*já o não vejo !*» devi-lhe sempre a maior affeição e os melhores conselhos que um filho pôde receber de seu pae. Foi elle o meu mestre; porém, apesar de todos se dizerem seus discípulos depois da sua morte, elle não deixou ninguem que o represente na terra. Segundo a expressão de Thiofilo Gauthier « cada poeta celebre leva consigo o seu segredo quando desce á sepultura. »

Não se espere pois, que os **Cantos Matutinos** façam lembrar os cantos inimitaveis da lyra que emudeceu ao despedir de si as *Folhas Cahidas*.

Mas se os meus humildes versos não pôdem provar claramente, que os seus me fizeram poeta, mostrarão ao menos que o discípulo se não esqueceu do mestre.

Lastimo que Deus me não dotasse de muito talento, para que sendo este livro mais duradoiro, ficasse um verdadeiro monumento á memoria do cantor illustre.

E ainda assim, modesto como é, pôde ser que alguém estranhe o havel-o eu dedicado a um morto, n'um paiz em que os vivos recebem com tanto prazer, e pagam por altos preços, todo o incenso que lisongeie a sua vaidade. Porém nos cemiterios entra-se sem favor e sem licença ; as portas abrem-se para todos, grandes ou pequenos, sem se lhes perguntar quem são, ou d'onde vem, e sem pôr em duvida o seu direito de entrada ! Os que repousam lá dentro não tem inveja uns dos outros ; não cubiçam os tumulos grandiosos, as cryptas soberbas onde habitam os seus vizinhos da direita, nem escarneçem da pedra raza e sem inscripção, ou da cruz tosca de pau, que indica apenas a morada dos vizinhos do lado esquerdo ! Alli, vale tanto a coroa de modestas flores como a coroa de ouro.

Daqui proveio a minha escolha ; e a minha mão, obedecia ao impulso do coração saudoso, quando deixou cahir o livro sobre uma sepultura.

Lisboa 13 de agosto de 1858.

LIVRO PRIMEIRO.

A MORTE DE GARRETT

Que me resta j'agora ?

O que me resta
Sobre a terra dos vivos ? Um amigo,
Um amigo, n'este arido deserto
Da vida, me fallece

Garrett — Canções.

Extinto é tudo já ! — Silencio triste
Succede aos eccos dos maviosos cantos !
Oh ! patria, que seu genio possuiste,
Paga-lhe agora com eternos prantos.

Eu vi-o lá no extremo do calvario,
Á cruz dá redempção ir abraçar-se !...
Como a luz a expirar no sanctuario,
Eu vi o grande espirito apagar-se !

Vi-o despir o manto dos arminhos,
Arrancando da fronte as vivas flores ;
E cingir a corôa dos espinhos,
Agradecendo a Deus tamanhas dores !

Vi-o grande nos dias de ventura,
 Erguer-se como o genio da poesia !
 Era grande na angustia e na amargura,
 E foi grande nas horas da agonia !

Como se lhe voltara a mocidade
 Mais e mais a meus olhos se animava !...
 De continuo crescendo em magestade,
 Um gigante a meus pés se elevava !

Era a posteridade que se erguia
 Desenhando-lhe o vulto no futuro ;
 Antes de vêr o corpo em cinza fria,
 Quando o espirito a Deus voou seguro.

II

Vais partir, mestre ? e o amigo
 Não vês que deixas aqui ?
 Que sempre viveu contigo
 Mas não vivirá sem ti ?
 Não ouves, mestre ? Jesus !
 Porque ficas silencioso ?
 Quando por ti clamo aneloso,
 Ajoelhado ao pé da cruz ?

Já me não vês? Já não sentes
 Que te sustenho esta mão?
 Escuta as preces ferventes
 Que solta o meu coração.
 Pois assim te perderei?...
 Morto! morto o meu amigo!
 — Orfão — só tinha este abrigo...
 Sem este mesmo fiquei!

Entre tanto, rosto enxuto,
 Só eu me vejo chorar!
 O mundo ri do tributo
 Que não se atreve a pagar!
 Adeus, mestre! adeus, adeus...
 Ninguem me conhece agora,
 Por isso minha alma chora,
 Onde nem choram os teus!

Correi, lagrimas ardentes,
 Despenhai-vos com fervor!
 Sem medo aos indiferentes
 Que não entendem a dor.
 Podem lagrimas brotar
 De um coração duro e rude;
 Mas Deus negou a virtude
 Aos que não sabem chorar. —

Oh! mestre! que *desenganos*,
E que mundo enganador!
 Desde teus mais verdes annos
 Sentiste o seu amargor!
 Mas eu já mais te verei
 Conduzir-me entre os escólhos?
 Ai! n'esta terra de abrolhos
 Que outro arrimo encontrarei?!

Sem protecções, esquecido
 Minha esperança acabou;
 Comtigo havia nascido,
 No teu sepulchro expirou.
 Que me resta agora a mim?
 Uma cruz no mundo erguida!
 O que me resta da vida,
 Senão desejar-lhe o fim?...

III

Cahiu Athlante! e o templo da memoria
 Luz eterna vestiu,
 Quando de pé no pedestal da historia
 O gigante surgiu!

Lá, sustém outro mundo — um mundo immenso!
 — O mundo do porvir! —
 Que pasmado a seus pés fica suspenso
 De nunca o vér cahir!

CANTOS MATUTINOS.

Agora a patria que do somno acorda
O cerca de esquadrões;
E o povo em torno a suspirar recorda
As immortaes canções !

Juntos vão confundir se nas fileiras
Do cortejo final.
Cobre-o com essas pompas derradeiras,
E chora, Portugal !

Gemem tresentos annos que passaram
Eternas convulsões ;
Que só depois de seculos acharam
Um cantor de Camões !

IV

Folga genio sublimado,
Folga na etherea mansão,
Que já teu canto inspirado
Esmorece a ingratidão !
Choram todos !... não fingidos,
Antes vão arrependidos
Os que a inveja acabrunhou ;
Extinguiu-se a luz brilhante,
E o vêr cahir o gigante
A todos desassombrou.

Mestre! mas eu que te amava,
 Jâmais te verei voltar?
 E a musa que me inspirava
 Quem hade agora animar?
 Oh! meu verdadeiro amigo,
 À campa descem comtigo
 As minhas aspirações!
 Tu eras, grande poeta,
 Tu eras o meu profeta,
 Como o do Jau foi Camões.

E como o Jau sem conforto
 Devo no mundo ficar,
 Vendo do mestre que é morto
 O sceptro despedaçar?
 Longe do rei da harmonia
 Acaso pôde a poesia
 Em minha alma renascer?
 Que outra voz ou que outra lyra
 Onde a tua se partira
 Ousará seu canto erguer?

Sem animo e sem vontade,
 Jâ não tenho inspiraçao;
 Geme comigo a saudade
 N'esta ultima cançao;
 O meu derradeiro canto
 Vai orvalhado do pranto

Que minha alma derramou;
 Por ti amava a poesia,
 O teu genio em mim vivia,
 Mas contigo se ausentou.

De ti nasceu, de ti vinha
 O fogo que me aqueceu;
 Todo em ti origem tinha,
 Comtigo me falleceu.
 Agora triste e gelado,
 D'esse genio desherdado
 Pôde o discip'lo viver?
 Não; recebe este holocausto:
 Onde o mestre cão exhausto
 Vem o discip'lo morrer.



Eu vi-o lá no extremo do calvario
 Á cruz da redempção ir abraçar-se!
 Como a luz a espirar no sanctuario,
 Eu vi o grande espirito apagar-se.

Não triumphas, oh, morte! se o feriste
 Seus despojos mortaes tornaste santos;
 E apoz teu grito rouco, feio, e triste,
 Succede o ecco eterno dos seus cantos!...





MEDITAÇÃO

O mundo vive n'esse espaço immenso
Aonde Deus derrama a criação;
Com seus raios o sol tributa incenso
A quem lhe dera o orbe por mansão.

Seguem as turbas misterioso rumo,
Revolvem-se correndo sem parar!
Como a columna de ligeiro fumo
Que o vento arrasta nas regiões do ar.

E passam gerações a cento e cento,
Onde vão ellas? Quem o diz? Ninguem.
Como um golpe de luz no firmamento!
Se apaga a vida que brilhou tambem!

Desaparece rápida no espaço,
 Conduzindo apoz si vivo fulgor;
 Apenas no caminho deixa um traço
 Da força omnipotente do Senhor!

A um poder occulto, immenso e forte
 Cedem imperios, curvam-se nações;
 E vão sem murmurar da vida á morte,
 Do passado apagando as tradições.

Astros e flores, tudo inclina a fronte,
 Cumprindo do Senhor as sabias leis.
 Por todo o longo espaço do horizonte
 Só Elle impera como Rei dos reis.

Vergando a face para o chão fecundo,
 Onde a vida ressurge d'entre o pó,
 Eu te adoro, oh! Senhor, oh Rei do mundo,
 Porque em meu coração reinas tu só.

Renegando da vida desvairada,
 Das grandezas da terra que sonhei.
 Da minha mocidade esperdiçada
 Choro as rosas, que louco desfolhei!

Mas ai! choro tambem pela esperança,
 Que então yinha meus dias alegrar!
 Pelos sonhos, e crenças, e a lembrança
 Dos tempos que não tornam a voltar!

Oh! saudade! saudade eu a ti venho
Por vêr a Deus na eterna solidão!
E a Elle peço que me guie o lenho-
Das praias do naufragio à redempção.



III

AS DUAS ESTRELLAS

Ha no ceu duas estrellas,
Uma fixa, outra errante;
A primeira deslumbrante,
E a segunda sem alvor;
Esta gyra em torno áquella
Por sympathia atrahida,
E recebe a luz perdida
Da que tem maior fulgor.

Daquellas duas estrellas
Uma é tua e outra é minha;
O destino as encaminha,
Fazendo-as aproximar;
Deixa-as seguir seu mysterio
Sob o manto do futuro;
Se o teu affecto é seguro
Deus as mandará juntar.

IV

A LUIZA

Ai! Luiza, passaram os annos,
Mas deixaram-me viva saudade
Da querida e feliz mocidade,
Que ao teu lado contigo passei!
Tu não tinhas doze annos ainda;
Nem eu vinte! saudosa lembrança!...
Não te lembra? tu eras creança,
E por isso mil beijos te dei.

Não te lembra? Nas tardes de Maio
Quando atraç dos insectos corrias,
Ou travessa meus passos seguias,
De teu pae devastando o jardim?
Que mudança fizeram os annos!
N'essa quadra que tanto voava,
Era eu que de ti me occultava,
Eras tu quem chamava por mim!

Mas cresceste... cresceste de modo
 Que uma vez eu parei de repente,
 Quando ia com beijo inocente
 — Como sempre—teus labios cobrir!
 E pásmei de te vêr esses olhos,
 Com que sempre me tinhas olhado,
 E senti o meu sangue abrasado
 Pelo rosto incendido à subir!

Como foi não o sei, mas o beijo
 Expirou de vergonha e de medo,
 Quando viu revelado o segredo
 Do botão convertido na flor;
 E cuidei que não eras a mesma,
 Por te vêr tão gentil e crescida
 Com os olhos mostrar-me outra vida,
 Outro ceu de mais vívido alvor!

Ai! Luiza, de então em diante
 Acabou para mim a ventura!
 Nunca mais conheci a doçura
 De chegar a teus labios os meus.
 Com os annos passou a innocencia...
 Hoje eu cório e tu córas de pejo
 Quando ás vezes, se acaso te vejo,
 Os meus olhos procuram os teus!

Oh! se tu não mudáras a idade
 Como ainda mil beijos te dera!
 Mas passou a feliz primavera,
 E a creança tornou-se mulher.
 Que farias agora, Luiza,
 Se esta bocca que é tão atrevida,
 Recordando a ventura perdida,
 Com saudades um beijo te der?

Que farás? ficas minha inimiga?
 Poderás esquecer o passado,
 E por causa de um beijo furtado
 Fugirás de quem sempre te amou?
 Então não; o passado adorando,
 Outra vez a viver começemos;
 Com a infancia nem tudo perdemos
 Se o afecto de então nos ficou.

Ai! guardemos a doce memoria
 D'esses dias de pura innocencia!
 Eu bem sei que mudou a existencia,
 Que a donzella respeita o pudor;
 Mas se nós não mudámos, Luiza,
 O que importa do tempo a mudança?
 Eses beijos que eu dei na criança
 À mulher não promettem amor?

V

O JAU

Já curvada a fronte augusta,
E coberta a face adusta
De funerea palidez,
Camões á mingua expirára...
E a só voz que o confortará,
Nem fôra a de um portuguez!

Era a do escravo, que a sorte
Levou ao leito de morte
Do mais sublime cantor,
Para lhe dar como herança,
Não a luz d'uma esperança
Mas saudade, fome, e dor!...

Que lhe importa agora a vida?
 Planta de longe trazida
 Que ao transplantar-se murchou!
 Sem a luz que tudo anima,
 Sem o ar do patrio clima
 Que na infancia respirou!

O seu amigo está morto:
 E o captivo sem conforto,
 É livre e não quer viver...
 E chora o seu captiveiro,
 Seu senhor, seu companheiro
 Que já não torna a volver!

Só do Senhor tem saudade;
 Que lhe importa a liberdade?
 Pobre, escravo, era feliz!...
 Mas agora sem abrigo,
 Onde hade achar outro amigo
 Tão longe do seu paiz?...

À margem do Tejo andando
 Vai um sitio procurando
 Presado de seu Senhor;
 Logar fatal! mas querido,
 Onde Camões tinha ouvido
 Promessas de eterno amor.

Às turvas aguas do rio
 Lançando um olhar sombrio,
 O pobre Jau murmurou:
 « Alli jaz sua ventura!
 « Seu amor, sua tristura,
 « Onde nasceu expirou....

Depois a voz se lhe inflamma:
 « Terra d'ingratos! — exclama —
 « Que não sabe o que perdeu!
 « Eu só, captivo, exilado,
 « Entre os seus tenho chorado
 « Pelo genio que morreu.

« Oh! meu senhor, n'estas aguas
 « Que augmentaram tuas maguas
 « As minhas irão tambem;
 « Vou guardar o teu segredo....
 « Soube-o eu, este arvoredo,
 « *Ella*, Deus, e mais ninguem.

« O Tejo que alli suspira
 « Por tua saudosa lyra,
 « Do teu Jau dobra o chorar.
 « Oh! meu senhor.... meu amigo,
 « Para não viver comtigo,
 « Tambem não quero ficar. »

Calára-se a voz plangente,
E arrebatada corrente
Ao mar o corpo levou;
A sua alma, aos céus veando,
Da terra que ia deixando
O corpo não confiou.

Não; que o pobre Jau sabia
Como a terra onde morria
Géra ingratos corações!
E temeu a desventura
De ficar sem sepultura ..
Como ficára Camões.



VI

OREMOS

A MEUS IRMÃOS

1

Estes são os nossos campos,
Esta a terra onde nascemos ;
E reunidos nos achamos...
Pelos que faltam oremos.
Junto ao pé da cruz vermelha
Que nosso pae nos deixou,
Onde a nossa mãe querida
Tantas vezes se prostrou,
A rogar a Deus por elle
Que nas ondas se afogou:
Oremos. Tudo é silencio,
Tudo inspira a oração;
Tudo aqui recorda os mortos,
Porque tudo é solidão.
Oremos--- calada a noite
Infunde meditação.

II

Ajoelhae — o pensamento
 No passado vae perder-se,
 E da oraçao fugindo
 Para Deus não quer erguer-se.
 Vê além o sol da infancia
 E busca n'elle aquecer-se !
 — Deixae-o, que brevemente
 Da mãe o rasto seguindo,
 Quando não a achar na terra
 Para os céus irá subindo.
 — Deixae-o, que nas palavras
 Não consiste a oraçao ;
 Tambem ora o pensamento
 Em sua contemplação ;
 Deixae-o voar, e oremos
 Com a voz do coração.

III

Oh ! campos de vivas flores,
 Do Minho prados queridos,
 Sempre cheios de verdura,
 Alegres, sempre florídos !
 O tempo da nossa infancia

Como aqui correu ditoso!
 Como então, inda nas praias
 Ferve o mar além ruidoso!
 Como então, n'estes salgueiros,
 Ao nascer e ao pôr do sol,
 Resoam todos os dias
 Os cantos do rouxinol!
 Ai! d'esses tempos felizes
 Quem saudades não teria?
 Quem, depois de os ter gozado,
 Quem aqui não volveria?

IV

Mas oh! que tudo é mudado;
 É tudo engano o que vemos!
 Só a terra é inda a mesma
 Que nós então conhecemos.
 O prado já muitas vezes,
 Depois que nós o deixámos,
 Se vestiu de novas flores,
 Que pelas mesmas tomámos!
 O cantor destes salgueiros
 O mesmo não é também;
 Da gente do nosso tempo
 Não resta quasi ninguem!
 Até mesmo está mudada
 Nossa propria habitação!

Tudo aqui era alegria,
 Esperança, animação;
 Agora tudo é silêncio,
 Tudo é morna solidão.
 O nosso lar apagou-se,
 Ninguem mais aqui volveu;
 Da casa todos se afastam
 Depois que a dona morreu !

V

Que faremos nós agora
 Desta saudosa morada,
 Onde tudo são lembranças
 Da nossa mãe adorada?
 Converta-se n'um recinto
 Sagrado por nosso amor,
 Onde juntos poderemos
 Orar a Deus com fervor.

— Oremos — que o pensamento
 Já do mundo ao céu volven,
 E aos pés do trono Eterno
 Já nossa mãe conheceu.
 O amor daquella santa
 Por nós à terra baixou,
 E no berço onde nascemos
 De novo nos ajuntou.
 — Sentiremos dentro em pouco

Da sorte novos espinhos,
Impellindo-nos de novo
Para diversos caminhos...
Oremos pois, e roguemos
A quem a vida nos deu,
Que, separados na terra,
Nos torne a juntar no céu.



VII

SE EU A AMEI?

Fui felice e saggio anch'io,
Dove e quando dir non so;
Stesso è il velo dell'oblio
Sull'etade che passò.

L. Carrer.

Se eu a amei? Como esconder
Este vivo sentimento,
Que me ficou de a perder?
Meu anciado pensamento,
Noite e dia a vae seguindo
Por me dar maior tormento!

Se eu a amei? No coração
Diz-me que sim a saudade,
Se o orgulho diz que não.
E fui amado — é verdade;
Mas paguei por alto preço
Esta inocente vaidade!

Não quero agora mentir;
 Não quero dar o castigo
 A quem só sabe fingir.
 Eu vejo ainda o perigo,
 E o coração com que a amava,
 Tornou-se meu inimigo.

É mais della do que meu;
 Vivendo da minha vida!
 Mas coitado! enlouqueceu
 Sentindo a viva ferida
 Que lhe fez com mão traidora
 Quem delle vive esquecida.

Amei—a, dizer que não
 É dar virtude á mintira
 Para negal-a á paixão;
 Se a minha alma inda suspira,
 É por saber que ventura
 N'outra alma lhe fugira.

Se eu a amei? Pois não o diz
 Este amor proprio fingido,
 Que me fez tão infeliz?
 Mesmo apezar de offendido,
 Se ella voltasse de novo,
 Achava-me arrependido.

Se eu a amei? Oh! se eu a amei!...
 Pois estes olhos pisados
 Não dizem quanto eu chorei?
 Por seus olhos namorados
 Não dizem que ainda choram,
 Estes meus desconsolados?

Se eu a amei? Pois esta dor
 Nos meus versos tradusida,
 Não repete ainda—amor?
 Pois esta queixa sentida
 Não é a dor da saudade
 Pela ventura perdida?

Se eu a amei? Com tal amor!...
 Foi sonho de pouca dura...
 Despertei achando a dôr,
 No que toimei por ventura!
 Sumiu-se a unica estrella.
 Que no céu cuidei segura.

• Amei-a de mais, se amei!...
 Segui-a sem conhecê-la,
 Quando em meu caminho a achei
 Foi grande a dôr de perde-la,
 Mas é maior o castigo
 De nunca tornar a vel-a.

VIII

A MADRUGADA

NO RIO DAS AMAZONAS EM 1812

Sê bem vinda madrugada,
Que eu sympatizo contigo ;
Parece que me conforta
O ver-te chorar comigo.

São eguaes nossos destinos,
Equal sorte nos domina ;
Tu chegas sempre chorando,
Chorar sempre é minha sina.

Mas é doce o teu orvalho,
E o teu pranto vem do céu ;
E eu choro fel amargo,
Por que n'alma nasce o meu.

Da minha amada familia
 Quem me dera ao lar volver!
 E gozar no ceu da patria
 O teu doce alvorecer!

Mas a estrella que me guia
 Pelo espaço vaga errante;
 Já nem resta uma esperança
 Ao perdido viandante!

Neste mundo de desterro
 O meu viver é penar;
 De dia sem ter socego,
 De noite sem reposar!

E nem quando nasce o dia
 Se alegra meu coração;
 Que as trevas aonde eu vivo
 Nunca mais a luz verão.

Mas tu choras madrugada,
 E eu sympathiso contigo;
 Porque o meu pranto é mais doce
 Quando alguem chora comigo.

IX

O DESTERRADO

NA FOZ DO RIO NEGRO EM 1842

Como são brancas as flores
Deste verde laranjal!
É doce a sua fragrancia,
Como a deste roseiral;
Mas tem mais suave aroma,
As rosas de Portugal.

O solo destas florestas
O brilhante e o oiro encerra;
São immensos estes rios,
Immensos o valle e a serra;
Porém não tem a belleza
Dos campos da minha terra.

Estes astros são mais bellos?
 É mais bello o seu fulgor?
 Mas luzem no ceu do exilio
 Não lhes tenho igual amor.
 Ai! astros da minha terra
 Quem me dera o vosso alvor!

De amores embriagada
 A rola suspira aqui;
 Com estes vivos perfumes
 Tudo ama, folga, e ri!
 Mas oh! que tem mais encantos
 A terra aonde eu nasci!

Lá era a lua mais linda,
 Mais para os olhos as flores;
 As noites da primavera
 São alli mais para amores;
 E nos bosques de salgueiros
 Tambem ha meigos cantores.

Oh! não; não é bello o sítio
 Do meu desterro infeliz
 Onde tudo—a toda a hora—
 Que sou proscripto me diz
 Não; não ha terras formosas
 Senão as do meu paiz!

X

VERSONS A UM AMIGO

Qualquer os fará ~~mais~~ bellos
Niuguem tam d'âma os faria.
Garrett.

Do frio inverno aos rigores
Succede amena estação;
O aroma das novas flores
Traz conforto ao coração.
Torna aos campos a bellesa;
Sorri toda a naturesa;
Brilha, pura, a luz dos ceus;
Parece que a primavera,
O universo regenera
Desde o homem até Deus.

Do mundo as vozes são hymnos
Agradecendo ao Senhor,
Que manda seus dons divinos
Ás aves, á terra, á flor.
Tudo brilha, tudo cresce,
Tudo revive e floresce
Da primavera ao nascer;
Folga, pois, tambem com ella,
Que vem, cada vez mais bella,
Tua vida florescer.

No seu berço viste o dia,
Foi ella quem te creou;
Tua primeira alegria,
A primavera a inspirou.
Folga, pois, com a sua vinda!
Não a vez florida e linda
Cingindo celeste veu?
Pois assim vem por costume
Derramar o seu perfume
No anniversario teu.



XI

AS DUAS FRAGATAS

O sol no mar se abysmava,
E da noite o denso veu,
D'estrellas se recamava,
Estendendo-se no ceu.
O oceano socegado,
Da eterna luta cançado
Parecia agora dormir;
Nem uma briza gemia;
Só muito ao longe se ouvia
Triste a voz d'Alcyon carpir!

De repente o ceu toldou-se,
Rugiu ao longe o trovão;
Acordando o mar turbou-se
Revolto pelo tufão;
Brame, serve, corre irado!

Se por Deus não fôr domado
 Toda a terra inundará!
 Só de ouvil-o as caravanas
 Pelas praias Africanas
 Erguiam tremendo — Allah! —

Já nem fulgura uma estrella!
 Rapida a noite avançou.
 Da negra côr da procella
 O horizonte se forrou.
 Das nuvens que vem rasgando,
 Desce o raio no ar lançando
 O seu fulgido clarão!
 — Arriba! — Orça! — bradaram
 Duas vozes que vibraram
 Do meio do furacão.

Um clamor tremendo e forte
 Que o mar não pode abafar:
 Grito de angustia, de morte,
 De quem vae a naufragar,
 Dos dois navios partira,
 Quando n'elles se sentira
 Um contra o outro bater!
 Passaram alguns instantes,
 Sem que a voz dos commandantes,
 Se fizesse obedecer.

Orça, timoneiro! — Arriba! —
 Clamam os dois outra vez.
 Corre a gente ao páu da giba
 E os capitães ao convés;
 Redobram de esforço e brios:
 Cedem por fim os navios,
 Começando a governar;
 Um que virou pelo vento
 Logo tomou barlavento,
 E foram andando a par.

Nem uma falla trocaram
 As duas tripulações;
 Nem os nomes perguntaram
 Dos navios e nações!
 Nem uma á outra equipagem
 Bradára o — Boa viagem! —
 Que é uso dizer no mar;
 Porém ambas se entendiam:
 Eguaes manobras faziam
 Para se não separar.

A manhan já vem rompendo,
 Acalma-se o temporal;
 Vão os dois sempre correndo
 Com amura e vento equal;
 E do dia á luz primeira,

*

De ambos os dois a trincheira
 Mostra as bocas dos canhões;
 De ambos os dois nas cobertas
 As portinholas abertas,
 Deixaram ver os murrões!

Eram fragatas de guerra,
 Ambas da mesma nação;
 Mas sendo d'uma só terra
 Não têm igual pavilhão!...
 Sobre a tolda, vigilantes,
 Ambos os seus commandantes
 Pegaram no porta-voz;
 Como hesitando se olhavam...
 A mesma lingua fallavam,
 Tinham os mesmos avós!

— Oh! do navio! Atravessa!
 D'onde vens? E aonde vaes? —
 E tu? que fragata é essa?
 Pertence aos nossos leaes?
 — Venha um escaler á minha....
 Viva o rei! — Viva a Rainha! —
 Mette em cheio! — Deixa orçar! —
 Atravessa a gavia e gata!
 — Rende-te com a fragata,
 Se não eu vou-te arrazar! —

— Iça flamula e bandeira !
 Quer-me arrazar ! vamos ver...
 Fogo á bateria inteira !
 Cheio mais ! Deixa correr. —
 Bradam na outra fragata !
 — Caça a gata e sobre-gata !
 Eu tambem responder sei ;
 Grande e gavia a sotavento !
 Secco e gata a barlavento !
 Fogo ! fogo ! viva o rei ! —

— Bateria de bombordo !
 Tudo prompto a repetir !
 Ála os braços de estibordo !
 Deixa a fragata seguir. —
 Fogo ! — Fogo ! — ambos bradaram ,
 De novo se dispararam
 Ao mesmo tempo os canhões ;
 Cincoenta ballas partiram ;
 Ao mesmo tempo caíram
 As duas mastreações !

Entre o fumo que os esconde ,
 Cada vez com mais furor
 A voz do canhão responde
 Ao seu barbaro rancor !
 As fragatas, já sem rumo ,

Por entre as nuvens do fumo,
 Vão emfim abalroar!
 Arrazadas ambas ellas,
 Sem leme, sem mastro e vellas,
 Ambas quasi a naufragar!

Mas o combate não cessa!
 Quando se cala o canhão,
 Outra peleja começa
 Peito a peito e mão por mão!
 Como feras se espedaçam!
 Ardendo em furia se abraçam,
 Succumbem da mesma dôr!
 E no oceano adormecido
 Tomba primeiro o vencido,
 E depois o vencedor!

Nas avarias abertas
 Entra a golfadas o mar;
 Sóbe a cima das cobertas,
 A carnagem faz parar!
 As fragatas enrascadas,
 Vão como irmãs abraçadas
 No mesmo leito dormir;
 Dos seus odios esquecidas,
 Se foram rivaes nas vidas,
 Egual morte as vae unir.

Sobre as pôpas, vacillantes,
Se procuram conhecer,
Os altivos commandantes
Que acabam de combater.
— Irmão! — Irmão! — Commovidos,
Do passado arrependidos
Ambos iam exclamar;
Eis que os abyssos se abriram!
E quando depois se uniram
Só se via o ceu e o mar!



XII

O CREPUSCULO

Quando a hora do crepúsculo
Amortece a luz ao dia,
E o céu, o mar e a terra
Infundem melancolia;
Quando vôa o pensamento
Nas azas da fantasia :

Nessa hora de misterio
Em que tudo tem docura,
Em que a flor dá mais perfume,
E a saudade mais tristura;
Quando a vida é toda amores,
E o amor todo é ternura:

Não sentes então mais forte
 Palpitar teu coração?
 Não vês no céu de teus sonhos
 Perpassando uma visão,
 Que te deixa confundidos
 Desejo e recordação?

Vago ançear não te arrebata?
 Não sentes prazer e dôr?
 Em tuas faces de neve
 Não sentes mudar-se a côr,
 Quando a voz de teus sentidos
 Murmura sonhando — amor? —

Pois do que vês não confies,
 Se desejas ser feliz:
 Nem da hora, nem do sonho,
 Nem da voz que — amor — te diz;
 Porque depois de acordada
 Ficarás mais infeliz.

Nessa hora mysteriosa
 Todos, ai! todos sonhamos!
 Vêmos no céu a esperança,
 Nossa no mundo a cuidamos;
 Vae-se o crepusculo, e o sonho,
 E nas trevas acordamos.

XIII

A UMA POETISA

I

Mandaste-me cantar quando eu chorava,
Sósinho e sem conforto,
Á beira d'um sepulchro!
Oh! tu não sabes como é triste a vida
Para aquelle que vive no abandono!
Como as horas da noite correm lentas,
De sombrias imagens povoadas;
Como o silencio assusta!
Como n'um coração ermo de affeçōes
Côa o pavor da morte,
Quando contempla a solidão que o gela!

II

Oh! tu não sabes como é triste o ermo!
 Flor animada nos vergeis formosos
 Da beira do Mondego,
 Nunca provaste da amargosa taça
 Onde eu tenho bebido.
 Doce orvalho dos céus na tua fronte
 As rosas da innocencia vivifica;
 E do mundo as caricias extremosas
 Te levarão do berço á sepultura.
 Quando da bella baste em que nasceste
 Pallida para a terra te inclinares,
 O amor e a saudade,
 Teu nome repetindo,
 Farão chorar por ti o céu e a terra.

III

Porém eu vago errante pelo mundo,
 Sem norte conhecido;
 Entre lavas e gelos rae revolvo,
 Sem que ao menos um ecco me responda,
 Quando os hymnos d'angustia
 As cordas de minh'alma despedaçam.
 Oh! perdóa, gentil, mimosa virgem,
 Meus acerbos queixumes!
 As notas da tua voz harmoniosa
 Miúha dor mitigaram;

O acre de meus prantos adoçaste
 Com tua sympathia;
 E para ouvir as tuas harmonias
 Calei os meus gemidos.

IV

Mas ai! a melodia de teus carmes
 Não pode dar-me vida.
 A minha solidão qual d'antes era,
 Ou mais triste, ficou depois de ouvir-te.
 Se volves a cantar... ai! não, não cantes...
 É meiga a tua voz, doce o teu canto,
 Mas o meu coração vive deserto
 E servido te amára,
 Se outra vez lhe fallasses de conforto.
 Oh! não é de te amar que temo a culpa,
 Nem os crimes de amor o ceu castiga ;
 É que se te eu amasse morrerias,
 Porque a morte adivinhá meus afectos
 Para os assassinar inda no berço!

V

Foge ai! foge de mim! não me lastimes;
 Pode ser-te funesta a sympathia
 Que minha dor te inspira.
 Eu não sei o que fiz, e em que mereço
 O destino fatal que me persegue;
 Mas ai! dos que de mim se compadecem!

VI

Não sabes como vivo? Entre sepulchro,
 Meu sombrio horizonte se limita;
 Meus olhos torvos com terror se movem,
 Tristes, embaciados,
 De uma para outra sepultura;
 E se no alvor das campas se desvairam
 Em vão se volvem procurando a vida!

VII

Tudo em torno de mim respira morte,
 Solidão e silêncio!
 Eu cuido às vezes não ser já do mundo,
 Quando vejo passar tantos fantasmas
 De sonhadas vênturas!
 Converte-se-me o corpo em fria pedra,
 E sinto-me descer a pouco e pouco
 Às entranhas da terra;
 Ouço a lousa bater com surdo estrondo,
 E agitar os vermes que se movem
 Para vir devorar-me!...
 Quando desperto desses pesadelos
 E me vejo na terra solitário,
 Quizera transformar em realidade
 Essa visão da tumba,
 Ilha de meus sentidos perturbados!

VIII

Adeus, pois; o meu canto são gemidos,
Ou dolorosos gritos de agonia...
Não os queiras ouvir; canta se podes
 Teus hymnos d'esperança;
Mas não falles de gloria ao moribundo,
Que só a paz dos tumulos deseja.
 Eu nasci para as dores,
Como as estrellas para o ceu nasceram,
 E para o campo as flores. .



XIV

O MARINHEIRO

Para adormecer n'um rio,
Junto aos pés d'uma cidade,
Não foi feito o meu navio
Que zomba da tempestade.
Leva as ancoras ! desferra !
Larga, larga, deixa a ferra ;
Iça longo e sem parar !
Fóra sobreis e cutelos !
Uma talha aos enderbelos !
Ancora toda a beijar !

Larga essas velas de prôa !
Gavia grande, todo o pano !
Meu navio é uma c'rôa
Sobre a fronte do oceano.
Eu sou rei, aqui domino !

A estrella do meu destino
 Só no mar brilha feliz.
 Quando sopra o vento forte,
 Seguindo sempre meu norte,
 Que me importa o meu paiz ?

Onde nasci ?... não o digo,
 Porque não o sei ao certo ;
 Quando busquei um amigo
 Achei o mundo deserto...
 Só tive contentamento,
 Quando ouvi a voz do vento
 Nas gávias a sibilar ;
 Quando, sem medo ao perigo,
 Tive as nuvens por abrigo,
 Achei consolo em chorar...

E chorei ouvindo as pragas
 Dos meus rudes companheiros ;
 Mas tomei amor ás vagas
 Na furia dos aguaceiros.
 Se á rouca voz da tormenta,
 Vinha a onda turbulenta
 Quebrar dentro do convez,
 Eu pasmando a contemplava ;
 A vista me fascinava
 O abysmo que tinha aos pés.

Cada vez que o mar bramia,
 Solto o cabello na fronte,
 Os meus braços estendia
 Para a curva do horizonte.
 Sempre de pé na coberta,
 Sobre a abobeda deserta
 Adivinhava o tufão ;
 Olhos no topo dos mastros,
 Aprendi a ler nos astros
 A vinda do furacão.

Assim fui homem, primeiro
 Que de homem tivera a idade !
 A escola do marinheiro,
 É a voz da tempestade.
 Oh ! do leme, encontro ! arriba ! —
 Folga a bujarrona, e giba
 Olha as bolinas de ré !
 Caça a draiwa e o traquete !
 Ala velacho, e joanete,
 Vá de longo ! bate o pé.

Temos vento Les-Nord-Este,
 Já vai o cabo dobrado.
 Faz proa de sudueste ;
 Aguenta o leme ! cuidado, —
 Passa talha na retranca.

Olha a escota ! volta franca !
 Arria mais... de vagar...
 Volta ! volta ! — sete e meia :
 O vento não escaceia ;
 Corre assim, que é bom andar.

Meu paiz é n'estes mares,
 Meus campos estes banzeiros,
 Este navio meus lares,
 Minha familia os pampeiros !
 Diz-me a voz do cataclismo,
 Que dormirei n'este abysmo
 Aos eccos do temporal ;
 Envolvido n'estas vellas,
 Como o anjo das procellas,
 Ou como o genio do mal !

Com furia o mar se elevanta,
 E ás nuvens cuspindo a vaga,
 Pela tremenda garganta,
 O laes das vergas alaga !
 O espaço todo se abala,
 Se o trovão rugindo estala
 E o raio lança dos ceus :
 Mas o navio não treme,
 Que a minha mão vai no leme,
 E sobre ella a mão de Deus.

Corre, meu fino velleiro,
Até que no céu se apague
A estrella do marinheiro,
Depois que a onda te esmague ;
Que venha, atravez do espaço,
Do senhor o occulto braço
Tuas pranchas deslocar ;
Tu és da terra inimigo,
Por isso virás comigo
Dormir no fundo do mar.

XV

ROSA COLHIDA

Oh flor, como eras formosa
No botão!
Como a fronte aos ceus erguias
Sem olháres para o chão.
Ai! triste flor!
Agora colhida
Foi-se-te o verdor!
E a cõr,
E a vida,
E o amor!

Qual foi a profana mão
Que te colheu?
E como o teu jardineiro
Adormeceu?

Elle que era tão cioso,
Da tua formosora,
Da tua virgindade,
Como se descuidou?

Ai! qual foi a bocca impura,
Que te bafejou
Depois de colhida,
E perdida,
Te deixou?

Oh! rainha dos jardins,
Mimo cobiçado
Por todos,
E por ninguem tocado!
Flôr, de tentação
Tão defendida,
Como andas hoje
De mão em mão,
Rosa colhida?

Vês agora como o orgulho
Te enganava?
Não cuidavas,

Que a belleza se acabava.

Aíl triste flor!

Agora colhida

Foi-se-te o verðor,

E a cõr,

E a vida,

E o amor!

XVI

GARIBALDI

1848

Ahi aventure ! aventure ! aventure !
Già la terra è coperta d'acelse :
Tutta è sangue la vasta pianura.
Mazzoni.

I

Ai, desgraça ! desgraça ! desgraça !
Tudo em Roma são ruinas, estragos !
Jorra o sangue dos muros da praça,
Convertendo as campinas em lagos.

O frances e o romano abraçados
Brandem juntos o ferro homicida ;
Juntos cahem, dos peitos rasgados
Sentem juntos fugir-lhes a vida.

No combate furioso e tremendo
Já de Roma os soldados falecem ;
Querem livres cahir combalendo
Porque ao menos c'o a patria adormecem.

Se o valor e o esforço bastara
 Em defesa da patria e da vida;
 Nem a França os romanos domara,
 Nem a Italia vivera opprimida.

Mas, ai Roma! o poder inimigo
 Era immenso, infinito .. cedeste!
 Os teus bravos cahiram contigo,
 Um só vive — só um não perdeste!

Esse, martyr de heroica esperança,
 Abraçado da Italia á bandeira,
 Não o percas jamais da lembrança,
 Nelle vive tua luz derradeira.

Bem o vês, no fragor da batalha,
 Já coberto de sangue e de gloria;
 Como pavido affronta a metralha,
 Assustando o franeez e a victoria!

Como um tigre de sangue sedento,
 Se arremessa nas hostes da Gallia;
 Nellas vinga com ferro cruento
 Os agravos de Roma e da Italia!

« Quero a morte ! matae-me ! » Clamava.
 « Contra mim o arcabuz ou a lança !
 « Por ser livre esta mão pelejava,
 « Turba infame d'escravos, avança !

« Elles fogem ? Covardes ! . . . à morte !
 « Minha Italia tu morres vingada.
 « Vencedor ! este braço inda é forte,
 « Esta mão súistem inda uma espada ! »

Assim falla — e um largo terreiro
 Nas oppostas fileiras abria ;
 Pasmam todos do ousado guerreiro,
 A seus golpes a terra tremia !

Mas caiu ! como o roble gigante
 Esmagando na queda os arbustos ;
 Tal o viram, um terço assaltante
 Esmagar sob os membros robustos !

Chora a Italia perdida a esperança
 Roma chora aceitando o tyranno ;
 Do caudilho se grava a lembrança,
 Na memoria do povo romano !

E elle vive! N'um campo de mortos
 Acha a vida por Deus conservada.
 E seu pranto dos olhos absortos,
 Se despenha no troço da espada.

Pouco a pouco do solo opprimido
 Ergue a vista à captiva cidade;
 E no peito abafando um gemido
 Sua voz murmurou — liberdade? —

Como espectro da terra surgindo,
 D'entre os mortos d'un pulo se alçava;
 Novo esforço no peito sentindo,
 Este adeus aos tyrannos vibrava:

II

Ficae, herdeiros de Nero,
 Com vosso domínio atroz!
 Sem liberdade não quero
 A terra dos meus avós.
 É vossa agora, tyrannos!
 Se vivem n'ella romanos
 Vergados á escravidão:
 É raça vil de traidores,
 Turba que aceita senhores
 Porquê não tem coração.

Os valentes soccumbiram,
 Por isso Roma cedeu;
 As nações pasmadas viram
 Como a França nos venceu;
 E nas paginas da historia
 Se registrou a memoria
 Da affronta que ella nos fez,
 Mas a injuria foi vingada,
 Porque Roma cahe banhada
 N'um mar de sangue francez.

E tu, Vigario de Christo,
 Tua mão longe que faz?
 A lei de Deus é um mixto
 De misericordia e de paz.
 Dos apóstolos a herança
 Devia ser de esperança
 Para a triste e oppressa grei;
 Porque Deus sobre o Calvario
 Ordenou ao seu Vigario,
 Que pastor fosse e não rei.

Christo na cruz expirara
 Para os homens libertar;
 Hoje exanime a tiara
 Deixa os livres esmagar!
 Na historia tinhas o exemplo:

Do Cordeiro o sacro templo
 Não pôde o sangue aspergir;
 E o desditoso soldado,
 É martyr, não é culpado,
 Que o deixaste soccumbir!

Para tanta crueldade
 Que faltas fizemos nós?
 Porque em pró da liberdade
 Ousámos erguer a voz,
 Pedes tu jugo estrangeiro!
 Procuras o captiveiro
 Do teu paiz e dos teus!
 Oh! mal haja quem deseja,
 Ante a humildade da egreja,
 Preferir um reino a Deus!

Mas escravos não ficámos,
 Porque o ultimo cahiu!
 Dez contra mil pelejámos,
 E nenhum de nós fugiu!
 Nenhum a fronte suprema
 Curvou tambem ao diadema
 Do apostolo feito rei;
 Cahem todos combatendo,
 Porque te vaes esquecendo
 Da lei de Deus e da grei.

Roma, coberta de luto
 Recebe-te com desdem ;
 É pranto e sangue o tributo
 Da nova Jerusalem !
 Chora, cidade captiva,
 Como outr'ora a mais aliva
 Das cidades d'Israel !
 Mas se a outra foi remida,
 Tu não podes ser punida
 Porque a Deus eras fiel.

E não durmas, desgraçada,
 Que o sonno da escravidão
 Te deixará transformada,
 Sem brios nem coração.
 N'esse triste captiveiro
 Farás teu povo guerreiro,
 Se lhe fallares de mim ;
 Guarda a fé e a esperança :
 Que se no bem há mudança,
 Todo o martyrio tem fim.

Eu, que não era teu filho,
 E que por mãe te adoptei,
 Volto ao mar — ao tombadilho
 Que por teus muros deixei.
 Meus irmãos deram-te as vidas ;

Eu levo trinta feridas,
 Todas no peito — bem vez !
 De mim a morte fugia,
 Porque as costas não volvia
 Garibaldi o genovez.

Vivo fiquei ? Foi destino ;
 Já sem arcabuz e espada
 Me atirei, cego e sem tino,
 Para as filas da avançada.
 Peitos, craneos espedaço ;
 Meus pulsos tornam-se d'ágio,
 Torna-se ferro esta mão !
 Sobre mim chevem as ballas ;
 Mas eu vou rompeando as alas,
 De mortos cobrindo o chão !

Rebramem correndo as vagas
 Do exercito aggressor ;
 Contra mim lanças e adagas
 Se arremegam com furor ;
 Em vão me ferem ! a vida,
 Por mil golpes offendida,
 Persiste no corpo meu !
 Ante mim tudo cahia,
 Tudo meu pulso abatia ;
 De pé ficava só eu !

Tomba-me a carne a pedaços,
 Dos olhos foge-me a luz ;
 Porém erguidos os braços,
 Como os braços de uma cruz,
 Ferem, derribam, esmagam ;
 As minhas faces alagam
 C' o sangue dos que prostrei !
 Tudo pasma, foge, e corre,
 Todo o que fica alli morre,
 Eu mesmo de mim pasmei !

E não morri ! mutilado,
 Porém vivo, em mim ficou
 O derradeiro soldado
 Que Deus a Roma deixou.
 Com que fim ? Da providencia
 A mysteriosa sciencia
 Não é dado aos homens lér. --
 Porém, oh ! Roma não durmas,
 Que um dia com novas turmas
 A teu lado me has de vér.

Só vejo escravos na terra,
 Só homens livres no mar ;
 Dos elementos a guerra
 De novo irei affrontar.
 Adeus, oh ! restos sagrados

Dos meus valentes soldados!
 Martyres da patria, adeus !
 Venceram nossos destinos,
 E os vossos assassinos
 Folgam c' o as iras de Deus !

III

Assim disse, porém soluçava
 Proferindo esse adeus derradeiro,
 Vendo o sangue que a terra inundava
 Derramado por ferro estrangeiro.

Era noite. — Seu grito de guerra
 Solta ao ar, para Roma o envia,
 Fere os eccos do valle e da serra,
 Mas, captiva, a cidade dormia !

« Adeus pois ! » murmurou, e occulto
 Pelas sombras da noite se lança !
 Vendo ao longe sumir o seu vulto
 Chora Roma a perdida esperança.

Porém quando reservem os mares,
 Parecendo ameaçar tempestade,
 Uma voz que retumba nos ares
 Vem às praias bradar — liberdade ! —

XVII

A VISÃO

Si tu n'es point l'enfant d'un vain délire,
Descends vers moi de ton brillant séjour !
Mon cœur t'attend, il t'appelle, il soupire,
Descends des cieux, descends, esprit d'amour !

P. Flaugergues.

Nas horas em que do céu
O brilho do sol fugia;
Quando a terra se cobria
De pesado e escuro veu;
Quando em silencio profundo
Tudo em torno adormecia;
Em sonhos eu me perdia
Em procura de outro mundo,—
E então sómente a via.

Ai, como o tempo voava!
Quando a formosa visão,
Sahindo da cerração,
A meus olhos se mostrava!

Como rápidos instantes
As noites me pareciam,
Porque todas me fugiam
Como as horas dos amantes!
Oh! quem as vira voltar,
E nunca mais as perderá! ...
Ou quem as não conhecera,
Se tinham de se acabar!

O seu pallido semblante,
No ether puro dos céus
Com saudade os olhos meus
Precuram a cada instante.
Quando a noite não vê lua,
Cheio de contentamento,
Cuido eu vêr a imagem sua
Pairando no firmamento.
Illusão! — Oh! doce amada,
Se tens poder de voltar,
Vem de novo enfeitiçar
A minha alma enamorada.

Não vens? Não ouves o grito
Que te diz a muita dor,
De quem expia o amor,
Com saudades de proscripto?
Serias um sonho vâo?

Porem eu vi-le de certo,
 N'um ceu d'estrellas coberto,
 Das noites na solidão...
 De nuvens toda vestida,
 Os meus olhos fascinavas;
 Cuidei que ao ceu me levavas,
 De lá te julguei descida.

Não vês que minha alma chora
 Com saudades de te vér?
 Para mim volve a nascer,
 De noite sé minha aurora.
 Se fui eu que o ser te dei,
 Se dos meus sonhos és filha,
 Bella como eu te sonhei
 De novo a meus olhos brilha.

Nem sonho, nem realidade!
 Surda a terra, mudo o ceu,
 Não respondem á saudade
 Que devora o peito meu.



*

XVIII

AMANHÃ

Oh ! demain, c'est la grande chose !
De quoi demain sera-t-il fait ?
L'homme aujourd'hui sème la cause
Demain Dieu fait mûrir l'effet.

V. Hugo.

Se eu verei ámanhã o novo dia
Raiando no horizonte;
E o sol aparecer sobre os pinheiros
Que povôam o monte?...

Se eu verei ámanhã estas estrelas
Brilhar no firmamento?...
Se ouvirei o murmúrio destas folhas
Batidas pelo vento?...

Se eu verei ámanhã nascer a lua
De nuvens coroada?...
E se ouvirei o susurrar das aguas
Que descem da quebrada?...

Se ouvirei ámanhã as avesinhas
Que hoje cantam amores?...

Se aspirarei o ar embalsamado
Destas vívidas flores?...

Se eu virei ámanhã á mesma hora
Gemer aqui sósinho,
Como a rola que sobre o ramo secco
Chora a perda do ninho?...

Ai! ámanhã terão caído as folhas,
E a rama dos pinheiros!...
Eu não verei o sol do novo dia
Passar sobre os oiteiros!..

Ámanhã não verei a luz dos astros,
Nem o correr das aguas!...
Não ouvirei a doce voz das aves
Cantando suas maguas!...

Ai! ámanhã não ouvirei a brisa
Murmurar-me aos ouvidos!...
Nem o perfume destas vivas flores
Gosarão meus sentidos!...

Ámanhã não verei no firmamento
A luz que me aquecia!
Nem pedirei á solidão da noite
Amorosa poesia!...

Àmanhã é o dia do descanso
Da paz e do conforto!
Àmanhã cabe no termo da viagem
O peregrino morto.



XIX

SONHOS

Tu vives de mim distante,
Mas pelo teu pensamento,
Uma lembrança do amante
Não apparece um momento?
O que fazes n'esta hora?
Eu sonho ver-te comigo;
Sonhas-me tambem comtigo
Por entre as nevoas da aurora?

Ou dormem os teus sentidos,
Sem conhecer um desejo,
Em tua alma adormecidos,
E cobertos com teu pejo?
Pois eu sonhava acordado;
Comigo te via agora,
E receiava que a aurora
Te affastasse do meu lado.

Quebrou o dia o encanto
 Desta noite bem fadada,
 Que me tornou com seu manto
 Uma illusão n'uma fada.
 Todas as noites, querida,
 Ella te rouba do leito ;
 E depois junto a meu peito,
 Vem pousar-te adormecida.

Deixa-me furtar-te o beijo
 Que sempre me tens negado ;
 Porém tu córas de pejo,
 Não vês que é beijo sonhado ?
 — Expira ao nascer do dia
 O fogo que me devora ;
 A tua imagem descóra
 Como a nuvem fugidia.

Oh ! sonhos de amor queridos,
 Que passaes tão brevemente !
 Quem podéra em meus sentidos
 Prender-vos eternamente !
 Como correm apressados
 Os instantes desta vida,
 Quando a tenho adormecida
 N'estes sonhos encantados !

E tu não sonhas comigo,
Nem quando estás acordada?
Pois não sabes o castigo
Que é ter ventura sonhada!
Antes nunca haver sonhado,
Do que em sonhos ter ventura;
Para illusão que não dura,
Antes viver acordado.



XX

ADEUS !

Adeus!... tu dizes-me adeus!...
Pois assim queres deixar-me
Sem a luz dos olhos teus?
Porque fui eu confiar-me
D'essas pallidas estrellas
Que não podiam guiar-me?

Quando do teu rosto as vi
Em minha alma reflectindo,
Por estrellas as segui.
Mas tão cego as fui seguindo,
Que não via um só instante,
Que de mim iam fugindo!

Porque fugiram não sei;
 Mas em trevas me deixaram
 Quando por guia as tomei.
 Se uma vez me allumiaram,
 Quando mais as desejava,
 Foi então que se apagaram!

Da luz que do céu não vem,
 Seja de noite ou de dia,
 Não se confie ninguem;
 Pois quem della se confia,
 Verá que mais se lhe apaga,
 Quanto mais viva allumia.

Adeus! pois queres fugir
 A quem a tudo fugira,
 — Mesmo a Deus — por te seguir?
 Abranda tamanha ira,
 Se não quizeres que eu diga,
 Que o teu amor foi mentira.

Mentires, tu! Isso não;
 Quem mentiu foi meu desejo,
 Que seguia uma illusão.
 Escuta, não tenhás pejo,
 Se o que eu tanto desejava
 Na phantasia ainda vejo.

Eu queria o teu amor,
 Da tua alma á virgindade
 Colher eu sómente a flor ;
 Ter eu só a liberdade,
 De te amar eternamente
 Como á minha divindade.

E perder-te agora assim ?...
 Mas se amor me não tiveste,
 Ao menos tem dó de mim.
 Sábes o mal que fizeste,
 Antes deste desengano,
 Com a esp'rança que me deste ?

Oh ! como tu és cruel !
 Primeiro nectar divino,
 E depois amargo fel !
 Tens o coração ferino,
 Mas eu de ti não me queixo,
 Queixo-me do meu destino.

Adeus ! pois queres dizer,
 N'essa tua despedida,
 Que me não tornas a ver ?
 Pois não vês que a minha vida
 De te vêr se alimentava,
 E agora fica perdida !

Adeus! pois assim te vais
Friamente repetindo:
— Adeus para nunca mais!
Pois assim me vais fugindo!
Mas que será da minha alma
Se ainda te for seguindo?

Ai! adeus, cruel, adeus!
Vê que me deixas perdido
Por causa dos olhos teus!
Mas não fico arrependido,
E tu serás castigada,
Se eu a Deus tenho offendido.



XXI

A UMA FLOR

Pobre flor! & a qué temprana
Déste al mundo tu sonrisa?
Hoy te meco fresca brisa
Pero morirás maúana.
Zorrilla.

Em madrugada gentil
Surgiste;
Ao primeiro sol de abril
Sorriste.

Da primavera entre as flores
Viveste;
A luz do céu por amores
Tiveste.

Quando o orvalho matutino
Passava,
Mel em teu calix divino
Deixava.

Porém o sol do verão
Crestou-te!
Do outono o furacão
Murchou-te!...

Assim é toda a belleza,
Fugidía!...
Capricho da natureza,
Flor d'um dia.



XXII

CORAÇÃO MORTO

Vês como este coração
Ainda por ti suspira? -
Pede ainda compaixão
Depois de tão esmagado
Pela tua ingratidão!
Insensato! — Porque ousou
Quebrar a longa mudez,
Onde de ti se occultou,
Quando da ultima vez
A teus golpes escapou?
Conhecendo teu rancor,
Eu de ti o defendia,
Inspirei-lhe tanto medo
Que por fim, se te sentia,
Nem a bater se atrevia!

Porém um dia — uma hora,
 Hora tremenda e fatal! —
 A voz do anjo do mal,
 Por tua bocca tentadora,
 O silencio lhe partiu;
 — Eu dormia e tu vellavas...
 A teus perfidos suspiros
 O louco se descobriu.
 Correu de novo á tortura:
 Com prazer o algoz beijava,
 Cuidando ser de ternura
 O tremor que o agitava!
 E eu cego, eu, seduzido,
 Tambem achava doçura
 No fel que tinha bebido;
 E já quasi arrependido,
 Esgotava a taça impura!

Passou logo a embriaguez;
 E eu vi cheio de pena
 A hiena, tornada hiena,
 Bebendo sangue outra vez.
 Com a mão perfida e crua,
 Em lugar do amor d'outr'ora,
 Atrofia e quebra agora
 Uma vida que foi sua!
 Sacia-te! ceva a ira;

Fere-o, que ainda respira,
 Este coração cobarde...
 Ainda por ti suspira !
 Fere! corta o parasita
 Do sonho dos seus amores;
 Arranca a planta maldita
 Do meio das outras flores.
 Fere-o! ainda palpita !
 Rasga bem esta ferida...
 Mais fundo... assim...—Com a vida
 O sangue se precipita !
 Comprime-o com tua mão;
 Agora bate mais forte...
 A espaços pára... estremece
 Nas ancias cruas da morte !

Folga e ri, mulher sem alma,
 Tu foste quem o matou ;
 Quem com fria crueldade
 O meu sér espedaçou !
 Não sabes como eu gosava,
 Quando este que agora é morto
 Vivia, soffria, amava ?
 Como elle amor me pedia
 Para quem o assassinava !...
 —Agora deves folgar ;
 Inerte, fria a materia

Já se não pôde animar.
 É morta a vivida chamma;
 Apagada a luz etherea,
 Não sente, não vê, não ama,
 Não acha prazer ou dôr!..
 — É de gelo o céu e a terra
 Sem a existencia do amor. —

Vida, amor, fé, esperança,
 Tudo se foi, tudo é morto;
 Já não pode haver conforto
 Onde tudo é sem mudança.
 Que queres de mim agora?
 Dá-me o coração, se podes
 Volvê-lo de novo à vida,
 Como a luz à nova aurora.
 Eu sei que renasce a flor,
 Que deu á terra a semente;
 Porque a terra tem calor
 Para o arbusto innocent,
 Que lhe deixara no seio
 Os fructos do seu amor.
 Porém coração que morre
 Já não torna a reviver;
 Da morte sentindo o frio
 Não pode ao calor volver.

*

Matando-me o coração,
Tornaste-me indiferente
À piedade, à compaixão;
Ao afecto, à luz ardente
Da divina inspiração;
Ao prazer, à liberdade,
Ao amor da divindade,
Às injúrias — ao perdão.
E queres que te eu perdoe?
Perdoar-te sem te amar!
Ao coração que te amava
Acabas de assassinar;
Com elle te perdoava;
Sem elle?... Deus te perdoe,
Que eu não posso perdoar.



XXIII

MELANCHOLIAS

(FRAGMENTO)

I

Além — além os encantados sonhos
Da minha mocidade; as vagas sombras
De tudo quanto amei, tremulas passam!...
Oh! para sempre adeus horas felizes,
Negras nuvens cubriram esses astros
Que vi resplandecer no ceu da infancia.

II

É esta a patria de meus paes, é esta
Aquelle terra que as canções primeiras
Da minha lyra partilhou constante,
Com o amor e adorações de um filho!
Mae rival de outra mae, sempre querida,
E depois de perdida em vão chorada....

III

Ai! o primeiro goso da existencia
 É um amor de mãe! — Por mão dos anjos
 O envia Deus ao coração dos homens,
 Para fechar as fundas cicatrizes
 Que o odio gera e as paixões irritam!
 Amor, amor de mãe! nem uma nuvem
 Turva a pureza da tua doce origem!
 Prazer celeste, filho da virtude,
 Porque passas tão breve? Porque deixas
 Ficar ao desamparo cá na terra
 Quem com teu santo brilho acompanhavas?

IV

Nas apagadas cinzas de meu peito,
 Já não pôde atear-se uma centelha
 Do fogo extinto; mas nos olhos frios
 Talvez haja uma lagrima esquecida
 Pela aridez do mundo... eil-a rolando
 Pelas cavadas faces do proscripto.
 Uma lagrima só! e não pagava,
 Chorando todo o resto de meus dias,
 O amor da mãe que me roubou a morte!...

V

Pelo fundo do valle, entre as montanhas,
 Ao clarão do crepúsculo, se agitam

Pallidos, melancholicos phantasmas,
 Imagens tristes de passados gosos...
 E eu a segui-lo com os olhos d'alma,
 Orphão de pae e mãe, orphão de tudo,
 Estrangeiro aqui sou, e a mim pergunto
 Se acaso a terra do meu berço é esta!...
 Inertes massas de pesado gelo,
 Vão o meu ermo coração cobrindo...

VI

Que me resta dos meus passados annos?
 Descoradas visões, que andam vagando
 Diante da memoria espavorida.
 As flores de meus dias de innocencia,
 Dispersas pelos ventos do infortunio,
 Murchas cahiram em geladas campas!

VII

Se canto ainda, da existencia minha
 O circulo fatal vejo estreitar-se;
 Mas não sou como o cysne moribundo,
 Que extincta quasi a voz murmura ainda,
 Brandas, suave notas d'harmonia,
 Onde só falta amor faltando a vida.
 Canto com rouca voz hymnos de angustia;
 Negro fel que do peito amargurado
 Em ondas se derrama para os labios!

VIII

Ai! como a primavera de meus annos
 Mudou sem transição para um inverno
 Enevoado, sem ar, nem luz, nem vida!
 Onde nem uma planta reverdece;
 Onde a nenhuma flor o fructo vinga!
 Onde o terreno aspero e deserto,
 D'um sudario de neve se reveste...
 E eu heide passar por estes ermos
 Sem sentir o calor de um só affecto!...

-IX

Eur vão o meu espirito se embebe
 No fundo de passado, e alli procura,
 D'esse mundo de sombras e saudades
 Fazer que ressuscite uma esperança!
 Em vão! a traz de mim tudo está morto;
 E adiante —nas trevas do horizonte,
 Só vejo a noite de um eterno sonmo!...

X

Esperança! esperança, luz celeste
 Que vais no meio da maior procella
 Dar alento ao perdido navegante;
 Que passas pelo vicio, immaculada,
 E no fundo das humidas masmorras,
 Ou de abafados carceres te não pejas

De acender o fanal da liberdade;
Só no meu coração raiar não queres!

XI

Nas almas dessa escoria corrompida,
Eterna brilhas, sem horror do sangue,
Que a victima innocenté lhe deixára
Nas mãos impuras! O assassino, o impio,
Em seus damnados corações affagam
A doce imagem que de mim se affaste!

XII

Nos barbaros sertões, por ti, o escravo
Alegre vive, e as asperas fadigas
Do seu rude mister sofre, cantando.
No mar comtigo e com a patria sonha,
Sem temor da tormenta, o marinheiro.
Arroja-se o soldado nas batalhas,
Entrelaçando as palmas da victoria
Nas sempre verdes flores da esperança.
E até na extrema hora o moribundo,
Desenganado já e os olhos torvos
Pelas sombras da morte anuveisados,
Reune as forças para amar-te ainda!

XIII

Sou eu só miserrimo dos enles,

Que da febre da angustia devorado,
 Não sentirei caír no arido peito
 Uma sógota do teu doce orvalho!

XIV

Oh! como te eu amava em outro tempo,
 E como a toda a hora me sorrias!
 Mas então inda o calix da amargura
 Meus labios não havia roxeado!
 Agora que me vejo no abandono
 É quando já não queres confortar-me!...

XV

Vem, ainda uma vez, meiga esperança,
 Vem verter nas feridas de minh'alma
 Teu balsamo divino; estrella pura,
 No ceu do meu exilio a brilhar volve;
 Sê precursora de uma nova aurora.

XVI

Esperança! esperança! Ai! desvario...
 O que pôde esperar este cadaver
 Galvanisado pelos tristes restos
 D'uma infezada vida! Que esperança
 Pôde suster o corpo que se curva
 Já para o seio desse monstro informe,
 Que depois de o gerar vae devoral-o?...

Esperança? E a luz que foge á vista?
E o ar corrompido que entra a custo
Nos pulmões desecados? E o meu sangue,
Que lhe falta o calor da mocidade?
Quem os hade mudar? E os meus affectos
Quem os fará erguer das sepulturas?

XVII

Ai! para sempre adeus, minha esperança!...
Mas se ainda uma vez quizeres ver-me,
Não me falles do mundo aonde eu peno;
Vem fallar-me do ceu que é tua patria,
E lá minha alma voará contigo.



XXIV

QUINZE ANNOS!

Quinze annos! quando a vida
Vae florida
Desabrochar;
Eu, que não vivia ainda
Sinto-a finda
A vacillar!

Eu, que tive aos nove annos
Desenganos
Como ninguem;
Que peno aqui desterrado,
Separado
De minha mãe.

Eu já não tenho esperança!
 Tão creança,
 Já vivo só!
 Já na dói, sem ter segundo,
 N'este mundo,
 Não acho dói!

Já mil vezes n'estas plagas,
 E nas vagas,
 A morte vi!
 Lutei com o mar e os ventos;
 Os tormentos,
 Todos venci!

Meu destino e minha esp'rança,
 De creança,
 Achei rivaes;
 Como flor da haste pendida,
 Combatida
 Por vendavaes.

Confiei meu fado escuro
 Ao ceu puro
 Da solidão:
 Mas o ar da terra estranha,
 Na montanha
 É um volcão.

Não tem o aroma dos prados
 Matisados,
 Do meu paiz!
 Corre fogo destas fontes;
 N'estes montes,
 Não sou feliz.

Como heide eu ter alegria
 Neste dia,
 Longe dos meus?
 Assim o quer minha estrela,
 E por ella
 O manda Deus.

Caminhar é meu destino;
 Peregrino
 Sempre serei;
 Sempre em triste soledade
 Com saudade
 Suspirarei.

Poeta, sempre na lyra
 Me suspira
 Um sonho vâo;
 Um fantasma que eu só vejo,
 Um desejo,
 Uma illusão!

Pelos ares vôle e corre;
Nunca morre...
Ou vae ou vem
Pelo cimo dos palmares;
E nos mares
Vaga também.

Foge oh! sol da phantasia
Da poesia,
E seu condão!
Essa chamma abraza e mata,
Se dilata
O seu clarão.

Quinze annos! Cesse o canto;
Doce pranto
Aos olhos vem;
Ao lembrar-me o patrio ninho,
E o carinho
De minha mãe.

Ao lembrar-me do passado
Desvendado;
E do porvir,
Incerta, vagá esperança,
Que não cança
De me mentir.

XXV

A MORTE DO CONDE DAS ANTAS

*Dos olhos dos valentes do Mindello
Corre o pranto callado !
Guerreiros não dóreis : o pranto é bello
Nas faces de um soldado.
Mendes Leal.*

Silencio!... já no cimo das muralhas
Adormece o canhão;
Dorme com elle o genio das batalhas,
O grande capitão.

Sobre mil faces pelo sol crestadas
Saudoso pranto cæ.
À sombra das bandeiras enclinadas,
Caçadores, chorae!

Chorae o general na despedida,
Porque vae lá ficar.
Desta vez a batalha está perdida,
Não o vereis voltar.

Chorae-o pela morte subjugado,
 Que em vida livre foi;
 Tinha no rude peito do soldado
 A alma de um heroe.

Caçadores, sentido! Joelho em terra!
 Armas em funeral!
 Orai a Deus por elle.—É finda a guerra.—
 Passae, meu general.

Vós que fostes com elle tantas vezes
 De inimigos terror;
 Chorae agora, bravos portuguezes,
 O bravo caçador.

Jaz partida no chão a forte espada
 Junto do mausoleu;
 E a liberdade aos restos abraçada
 Chora o filho seu.

O nome do guerreiro é já da historia,
 Se o homem acabou;
 E é pouco um tumulo p'ra conter a gloria
 Que na vida ganhou.

Cobre a campa o estandarte das victorias
 Envolto em negro dó.
 Testimunha que foi de tantas glorias,
 Agora varre o pó!...

Mas, silencio!... no cimo das muralhas
Adormece o canhão;
Dorme com elle o genio das batalhas
O grande capitão.



XXVI

DESTINO

Falou-te a voz da minha alma,
A tua não n'a entendeu :
Coração não tens no peito
Ou é diferente do meu.
Garrett.

Não tu não tens coração...
Os teus olhos mentirosos
Não entendem a palavra,
Que importa serem formosos,
Se a outros olhos que choram
Não dizem consolação?

Quando de mim te falou
A minha alma apaixonada,
Muda tua alma ficou !
Mas a minha fascinada,
Não podendo já fugir-te
Nos teus olhos se abraçou.

*

Oh! se a souberas sentir!...
 Em seus afectos quizeras
 Todo o teu ser confundir.
 Logo á paixão entenderas:
 E nunca mais nossas almas
 Desejáras desunir.

Por que foges do prazer?
 Sem amor não ha ventura,
 Nem sem ventura ha viver.
 Tu não sabes a doçura
 D'um volver de meigos olhos
 A quem os sabe entender...

Para que é tanto rigor?
 Pois não te move á piedade
 A minha continua dór?
 Do meu destino a maldade
 Acaso já te diria,
 Que ninguem me tem amor?

Já saberás, por meu mal,
 Na minha fronte já leste
 Que o meu destino é fatal?
 Como foi que a conheceste,
 A minha sina maldita,
 Que não tem no mundo igual?

Sim; é verdade, sou eu...
 Fui eu que baixei á terra
 Condenado pelo ceu!
 O fogo que esta alma encerra,
 Que de meu ser se alimenta,
 Nunca ninguem o entendeu.

Sim; é meu destino amar;
 Amar em vão, cegamente,
 Sem um coração achar
 Que na chaga viva, ardente,
 Que as entranhas me devora,
 Venha um balsamo deitar.

Amar sim, amar em vão
 É meu destino, é meu fado,
 Sem achar consolação!
 Oh! como eu tenho chorado!...
 Mas ninguem no mundo entende
 Do poeta o coração ..

Tinhas tu esse poder;
 Teve-o teu rosto divino,
 Dos teus olhos no volver.
 Mas pôde mais o destino;
 Entender-me não quizeste,
 E tambem te heide perder.

Se haverá destino assim!
 Quando a viver começava,
 Logo á vida ver o fim!...
 Sabes tu como eu te amava?
 Foges do amor verdadeiro,
 Cuidando fugir de mim!

Ninguem como eu te hade amar,
 Nem mais terno e mais ardente
 Hade teu jugo aceitar! —
 Quem sahe o culto fervente,
 Quem tem o amor inspirado
 Que o poeta pode dár?

Não queres ter compaixão?
 Não te movem meus pezares...
 És mulher sem coração;
 Mas se alguma vez amares,
 Deus te dé igual destino,
 — Destino de amar em vão.



XXVII

DELIRIO

Vé, y pide á Dios que me valga.

Pues no puedo ser amado...

Larra.

I

Já te disse que é destino,
Que foi meu destino amar-te
Em vão.
Sei que não tens coração,
E que seduzes com arte
A multidão;
Sei que és de pedra mais fria
Do que o gelo,
Que nem a ira do zelo
A tua alma aqueceria;
Sei... que não posso acordar-te
O coração,
E que é meu destino amar-te
Em vão.

II

Anjo do ceu,
 Mas quem te ha de amar na terra
 Se não fôr eu?
 O mundo, que não entende
 O canto meu,
 Como ha de entender o teu?
 Tu és anjo, eu sou poeta,
 A nossa patria é no ceu;
 Quem no mundo ha de adorar-te
 Se não fôr eu?

III

Vem comigo; inda te amo! —
 Quanto mais quero esquecer-te,
 Mais arde em mim o desejo
 De mais tornar a querer-te.
 Choro o tempo que perdemos
 Em busca d'outros amores;
 Arrepende-te comigo,
 Que ambos sómos peccadores.
 Eu pequei... com meus ciumes,
 De amor a todas fallava;
 Mas com teu rosto as cobria
 Cuidando que não te amava.
 Sempre a tua pura imagem
 Nos meus desejos vivia,

E de affeições criminosas
 Meu coração defendia.
 Mas tu?... talvez esquecida,
 Alegre, talvez, folgavas,
 Vendo-me acabar c'o a vida,
 Sabendo que me matavas?
 Talvez amando — e feliz?...
 Talvez chegando á ventura
 Por preço d'um infeliz,
 Que baixava á sepultura?
 Foge de mim se o fizeste;
 Deixa-me em paz acabar...
 Não, não; perdão... vieste...
 Eu tambem sei perdoar.
 Mas tarde vem o soccorro
 Da tua consolação!
 Se o meu corpo inda tem vida,
 Tu já não tens coração.
 Pousa a fronte no meu hombro,
 Deixa-te ficar assim;
 Morre comigo.—Tu foges?
 Pois queres viver sem mim?!

IV

Se a tua querida mão
 Sentisse como palpita
 Meu anciado coração;
 Na convulsão que o agita

Conhecerias a morte
Com que o triste lucta em vão.

A morte! ai! a morte, sim;
Já de illusões despedido,
Bem a sinto dentro em mim!
Sei como tenho vivido;
Teu amor foi um tormento
Que apressou mais o meu fim.

Amar! como é doce amar!...
E sinto fugir-me a vida
Quando começo a gosar!
Tenho a esperança perdida
Quando minha alma em tua alma
Começava a remoçar!

Porque me queres fugir?
Dá-me ao menos a alegria
De me poder despedir!
Assiste à minha agonia;
Parte depois... c' o a certeza
De te eu não poder seguir.

V

Adeus, coração de gelo,
Adeus!

Eu morro e vou para os céus.
Lá não fugirão teus olhos
Dos meus,
Porque amar é lei de Deus.

Se queres ficar no mundo,
Adéus,
Que a minha patria é nos céus.

Já meus olhos ver não podem
Os teus;
Por ti morro... adéus, adéus...



XXVIII

QUANDO EU TE VI

Não te lembras? era noite,
Noite escura como agora,
N'essa abençoada hora
Em que te vi e te amei;
Era noite — eu só e triste,
Quando á tristeza fugia
Busquei de um baile a folia,
E n'ella me embriaguei.

Mas durou pouco o delirio;
De mim mesmo aborrecido,
Como á dôr tinha fugido
Tambem do prazer fugi;
Em breve o ruido das danças
Meu coração esmagava;
Já não ria, não dançava,
Já nem respirava alli.

Então corri ao theatro;
Sentia em mim a loucura!
Fosse qual fosse a ventura
Era preciso gosar.—
Gosar!... enganar a alma,
Que morrendo ao desalento
Trasbordava sentimento
Por não ter a quem amar.

Entrei; o prazer e o riso
Em torno de mim se achavam,
Também de si me affastavam
Porque não era dos seus.
Fugi, e foi nessa hora
Que vi teu rosto divino;
Seria acaso, ou destino,
Ou providencia de Deus?

Não sei; mas quando meus olhos
Em teus olhos se fitaram,
Nossos rostos se voltaram,
Para volver outra vez;
Encontravam-se de novo,
E de novo se fugiam;
Mas a buscar-se volviam
Com doçura e timidez.

Já nada me aborrecia,
 O ruido não me assustava;
 Já nem o riso evitava,
 Nem tinha medo ao prazer;
 Nascia em mim outra vida:
 Como nunca tinha amado,
 Que me importava o passado
 Se eu começava a viver?

E os teus languidos olhos
 Já meus olhos entendiam;
 Ainda amor não diziam,
 Que lh'o vedava o pudor;
 Mas um raio de esperança,
 Que n'elles me apparecia,
 Em minha alma se embebia
 Como promessa de amor.

Lembras-te que era de noite,
 Noite escura como agora?
 Lembras-te do sitio e hora
 Em que te vi e te amei?
 Pois d'essa noite a memoria
 Não deve ser esquecida;
 Conserva-a por mim, querida,
 Como eu por ti a guardei.

XXIX

MEU PAE

NO MAR, EM 1846

I

« Adeus, Mariana, adeus; ao marinheiro
« As batalhas da terra pouco importam.
« Ver o irmão ao irmão assassinando
« Quadros são que minh' alma desconfortam.

« Adeus... não chores; a derrota é longa
« E a terra do exilio bem distante!...
« Mas o navio é bom, e Deus é grande;
« E meu amor por ti será constante.

« Adeus... vae abraçar os nossos filhos;
« Se os eu visse outra vez não partirla...
« Adeus!... adeus!...» — E já no largo oceano—
« Adeus, familia e patria! » — repetia.

II

« Erguei as tenras mãosinhas,
 « Erguei, erguei para os ceus;
 « Que por serdes inocentes
 « Sereis ouvidos por Deus.
 « Oh! como o mar está bravo!
 « Rezai, rezai, filhos meus.

« Todos tres dizei comigo,
 « Filhos, dizei, com fervor:
 — « Para quem anda nas ondas
 « Misericordia, senhor!
 « Salvae-os da tempestade,
 « Salvae-os por vosso amor!

« Senhor Deus, misericordia
 « Para quem anda a penar;
 « No meio da noite escura
 « Por sobre as agoas do mar.
 « Senhor Deus, misericordia!
 « Não os deixeis naufragar.

« E tu, Rainha dos Anjos,
 « Oh! senhora da Bonança;
 « Estrella na tempestade,
 « Casto lume d'esperança;
 « O nosso pae, que anda longe,
 « Restitue-nos sem tardança ». —

III

Os hymnos da virtude e da innocencia
 Em vão subiram pelo espaço immenso;
 E aos pés do throno celestial e puro
 Se converteram em divino incenso.

A alma do pae, as orações dos filhos
 Juntas voaram para os ceus profundos;
 Mas nos abyssos do oceano o corpo
 Sepultado ficou entre dois mundos!

Oh! como é triste o acabar nas ondas!
 Depois de morto ainda navegando!...
 Errar ao som das aguas e dos ventos,
 Para onde? em que sitio? e até quando?

Não dormir em tranquilla sepultura
 Onde possam os filhos visital-o!
 Onde o pranto dos seus lhe banhe as cinzas,
 Onde o amor e a dôr venham guardal-o!

Perdôa-me, Senhor, se eu te blasfemo,
 Perdôa ao triste orfão sem ventura...
 Orfão a quem do pae nem resta ao menos
 A triste prova de uma sepultura!

Perdõa-me, Senhor, que a cada hora
 Do meu martyrio reverdece a palma.
 E se eu morrer tambem n'este oceano,
 Perca-se o corpo, não se perca esta alma.

Recostado na amura do navio,
 Quando a lua discorre nos espacos;
 Em cada vaga que a meu lado geme
 Vejo um cadaver estender-me os braços!

Oh! se eu fosse tambem amortiñado
 N'essa onda que vejo encapellar-se!...
 Talvez meu corpo no profundo abyssmo
 Ao corpo de meu pae fosse abraçar-se!

« Eis terra! a nossa terra! » bradam todos,
 Fita a sofrega vista no horisonte;
 Eu só ás vagas com saudade a volvo,
 E á justiça de Deus inclino á fronte.



XXX

ALBONI

Quem és tu? na tua fronte
Fulguram raios divinos,
Quando entões d'esses hymnos
Que arrastam as multidões!
E essa voz harmoniosa,
De teus lábios desprendida,
Porque diz — amor e vida —
Para estranhos corações?

Quem és tu, genio sublime,
Que o prazer e a dôr retratas,
Quando artista te arrebatas
No fogo da inspiração?
E o mundo enthusiasmado
Confessa que podes tanto,
Que basta ouvir o teu canto
Para entender a paixão!

*

Chora e ri a turba ignara
Debaixo do teu imperio,
Sem comprehendêr o mysterio
Com que a sabes dominar!
Á tua voz sente comtigo ;
Como inocente creança,
Folga, se fallas de esp'rança,
Entristece-a o teu pezar!

Quem és, pois, e que segredos
Te confiou a natureza,
Quando em tua mente aceza
A luz da gloria brilhou?
Que não podes ser do mundo
Diz-m'o a minha idolatria:
És o genio da hármonia
Que Deus á terra mandou.



XXXI

O DESERTO

NO ALTO AMAZONAS EM 1845

Arrancado subitamente a todas as riquezas da vida orgânica, o viageute penetra com surpresa n'esses espacos sem arvores, onde encontra, apenas alguns traços de vegetação.

Humboldt — Quadros da Natureza.

Eis o deserto!... um deserto
Das regiões americanas!
Os Pampas são alli perto,
Ficam além as Guayanas...
Vinte legoas, cem, duzentas,
Mais talvez de quatro centas...
Quem sabe quantas serão?
Sente-se o homem pequeno
Perante o immenso terreno
D'essa eterna solidão!

O cactus agigantado,
 Cemo guarda do horizonte,
 De enormes flores toucado,
 Ante vós levanta a fronte:
 — Solitaria sentinella
 Que attenta vigia e vella,
 Por que não passeis além: —
 At! do que se precipita
 N'essa amplidão infinita
 D'onde não volve ninguem !

Mas sentis não sei que abalo,
 Não sei que desejo incerto
 De impellir vosso cavallo
 Atravez d'esse deserto...
 É o abyssmo que fascina ;
 Tudo que a mente imagina
 Querem os olhos gozar ;
 O vago, e o desconhecido,
 Ir onde ninguem tem ido,
 Isso vos hade tentar.

Ousado sois ? cavalleiro !
 Sabeis affrontar a morte ?
 O cavallo é bem ligeiro ?
 Votae-vos a Deus e á sorte !
 Mettei balas na clavina,

A faca de ponta fina
 Que vos não caia ao correr ;
 Largae rédea, dae d'esporas,
 Um dia são doze horas,
 Mas tendes muito que ver.

Andae caminho de leste,
 Vede como o sol discorre ;
 Se vos perdeis para oeste,
 É mais um que por lá morre.
 — A galope ! — como o vento,
 Quasi como o pensamento
 Vosso cavallo arrancou ;
 Os lagos, o monte, a selva,
 Os prados de verde relva,
 Já tudo ao longe ficou.

Livre sois em novo mundo,
 Um mundo de immensidade !
 N'este silencio profundo
 Reina eterna a liberdade.
 Mas o horisonte não morre !
 Mais vosso cavallo corre,
 Mais elle foge de vós ;
 E na distancia uniforme
 Dorme o ceu, e a terra dorme,
 Devastada, muda, atroz !

Vendo cançar o cavallo,
 Cedeis tambem fatigado ;
 Não sentis o mesmo abalo
 Que vos tinha enthusiasmado ;
 Quereis voltar. — Para onde !
 Todo o vestigio se esconde,
 Nada vos pôde guiar...
 Nem o sol ; do dia em meio,
 Como vae ou d'onde veio
 Já não podeis afirmar.

Silencioso, frio, e morto
 O deserto vos suspende ;
 Vossa vista sem conforto
 Debalde ao longe se estende.
 Nem uma nascente pura !
 Nem um ramo de verdura
 Que vos livre do calor !
 O ar parece uma chamma
 Que vosso pulmões inflamma
 Sob um ceu abrazador.

O cavallo triste, inquieto,
 Sem alento affrouxa os passos ;
 Do paiz ao mudo aspecto,
 Como vós mede os espaços.
 Interroga o solo ardente ;

Vê com magoa o chão candente
 Queimando a vegetação;
 Vê só terras calcinadas,
 E nas plantas abrazadas
 Refrigério busca em vão.

Busca em vão nos horizontes
 Os bosques dos cacaueiros;
 O lago, a crista dos montes,
 Os cimos dos cajueiros.
 De repente, erguendo a crina,
 Ao longe fita a campina,
 E parte, e corre veloz!
 Largae a rédea ao cavallo,
 Não cureis de governal-o
 Que sabe mais do que vós.

Escutae... um grito rouco
 Distante nos ares sôa;
 O cavallo, quasi louco,
 Ouvindo-o, não corre, vâa.
 Lá fogem vinte veados
 Do seu galope assustados;
 Novo rugido estrugiu,
 Mais temeroso e mais perto!
 Fugir! que o rei do deserto
 A carne humana sentiu.

Já pouca esperança resta...
 Do tigre a furia redobra;
 Eis que se avista a floresta,
 E o cavallo animo cobra.
 Mais ardente corre e vôa,
 Mais nos seus ouvidos sôa
 Da fera ardente o correr!
 Nenhum a victoria cede;
 Cada qual o espaço mede
 Aonde conta vencer.

Aqui se acaba o deserto;
 Chega o cavallo primeiro,
 Porém com o peito aberto
 Cae sobre o seu cavalleiro.
 O tigre rugindo avança!
 Já como um raio se lança...
 Tendes a faca na mão?
 Espreitae-lhe o movimento...
 — A vida cessa um momento,
 Não vos pulsa o coração!...—

Suspende o tigre a corrida...
 Na floresta os olhos fita;
 E uma onça ensurecida
 Sobre elle se precipita!
 Trava-se lucta horrorosa,

Tremenda, mortal, ruidosa,
Que assusta, que faz pavor!
—Toma a vossa clavina;
Se o terror vos não fascina,
Fugi — se tendes valor.

Deixa e o vosso cavallo,
Do vencedor será preza;
Vós não podeis levantar-o,
Era loucura a defeza.
As duas feras que lutam
O seu cadaver disputam,
Por elle vivo ficaes.
Dizei adeus ao deserto,
Dizei-lhe adeus, estou certo
Que saudades não levaes.



XXXII

MEDICINA DE DEUS

Tudo sem ti é tristeza,
Tudo sem ti me aborrece;
Erma a terra me parece,
Não tem vida a natureza!

Por isso, mesmo doente
Venho aqui para te ver;
Pois antes quero morrer,
Que de ti viver ausente.

A tua vista amortece
A força da minha dor;
E longe do teu amor
É minha alma quem padece

Deixa-me pois a teu lado
O meu remedio buscar;
Basta-me ouvir-te fallar
Para logo ser curado.

Basta-me ver-te, querida,
Pois na luz dos olhos teus,
Achei sempre amor e vida,
A medicina de Deus.



XXXIII

PORQUE CHORAS?

Quem te fez mal? porque choras?
Como soluças! que magua!
Que dor é essa tão forte
Que te inunda os olhos d'agua?
Vem desabafar comigo;
A causa do teu pezar
Derrama n'um seio amigo;
Eu nunca te vi chorar,
Mas ha — não sei que — no pranto
Da mulher a quem se adora,
Que parece que a ternura
Em seus olhos tambem chora.

Que tens tu? pretende alguém
 Affastar-te de meu lado?
 Não ha na terra ninguem
 Que tal se atreva a fazer!
 Mas se houver... onde tu fores
 Lá contigo irei viver.
 Porque choras? Não receias
 De certo perder-me, não?
 Nem de mim te aborreces?
 Nem te aborrece a paixão?
 Saudades tens? ou desejos?
 — Mas porque choras então? —

Diz-me a rasão por que choras
 Que não te has de arrepender;
 Eu tambem fui desgraçado,
 Por isso te hei de intender.
 Soluças mais? Desafoga,
 Diz-me o terrível pezar
 Que assim te faz soluçar.
 — Cumes! de mim? oh! louca...
 Volve à rasão que perdeste,
 E chora com mais rasão
 Pelo pranto que verteste,
 Fazendo tal injustiça
 A um pobre coração,
 Que ainda não conheceste.—

Ciumes de mim! Não chores...
 E mais agora o teu pranto,
 Depois que lhe sei a causa,
 Tem para mim outro encanto ;
 Mas não importa ; não chores,
 Que por mais suave e doce
 Que me seja o ver-te assim,
 A chorar de amor por mim,
 Sempre é chorar! e não quero
 Que por fim tu me aborreças.
 Desejo só que não chores,
 E.... que melhor me conheças.

Enxuga os olhos, querida ;
 Olha que sem confiança
 Não ha socego na vida,
 Nem ha na vida esperança.
 Espera pois, e coulia,
 Que nunca verás mudança
 Em quem mais amor te dera,
 Se mais coração tivera,
 Ou se n'este onde tu vives
 Maior affecto coubera.



XXXIV

O FUNERAL E A POMBA

PARAPHRASE DE OUTRA DO SR. JOÃO DE LEMOS

I

Quem ergue a voz nos arrayaes contrarios?
O canhão inimigo já não trôa,
Despedindo ao clarão da chamma ignifera
Horridas balas!

Atravez das fileiras lá se mostra
Pasmado e triste o artilheiro ocioso;
E, em vez de solta aos ventos, a bandeira
Lugubre desce!

Que vae além nos arrayaes contrarios?
Tambem lugubremente dobram sinos,
E o tambor, despedindo accentos roucos,
Sente-se ao longe!

E nós, cobertos de funéreos crepes,
 Acompanhamos com silencio fundo
 Os despojos reaes, e em torno as tochas
 Tremulas fulgem!

Quem ergue a voz nos arrayaes contrarios?
 Vão cobertas de luto as nossas alas;
 Porque trajam de lá, tambem afflictos,
 Funebres pompas!

De cá perdemos mãe, rainha, e tudo;
 Vassallos, filhos, com a dor se prostram;
 De lá, seus inimigos, porque gemem
 Lagrimas tristes?

Que voz se ergueu nos arrayaes contrarios?
 Acaso o tempo, com a mão sinistra,
 Do seu hyro de fé rasgou um nome,
 Symbolo caro?

São os nossos irmãos; vede-os agora,
 Que a dor mostrando nos calados vultos,
 C'o a nossa perda morre-lhes nos olhos
 Fulgido brilho!

II

Inimigos de ha vinte annos,
 Vossos brios mais que humanos
 Sanctificam vossa fe;
 Respeitamos-vos de pé!
 Doeram-vos nossas maguas,
 E do vosso pranto as aguas
 Bañham nosso coração;
 Chorae, chorae desse lado,
 Que se ennobrece o soldado
 Que não nega seu irmão.

Porque andamos nós em guerra?
 Nascidos na mesma terra
 Não nos guia a mesma luz;
 Finde a guerra junto à cruz!
 Quem com seus irmãos pranteia
 Não pode ter causa alheia:
 Contrarios, perdão egual!
 Nenhum lado se envilece,
 E nós fazemos esta prece
 N'um recinto sepulchral.
 *

Aonde a melancolia
 N'estas horas de agonia
 Não vê ninguem descortez;
 Tudo aqui é portuguez!
 A dôr que estala nos peitos,
 O pranto em olhos affeitos
 A occultar o soffrer;
 Todos aqui vem das eras,
 Daquellas crenças sinceras,
 D'antes quebrar que torcer.

Todos nascemos soldados,
 E pela dôr consternados
 Oramos c' o a mesma fé;
 Eia, pois, todos de pé!
 E sob uma só bandeira,
 Da nossa paz companheira
 Nos esqueça a proscripção;
 Dos odios se acabe o grito,
 Vinde, amigos do proscripto,
 Cessae de gemer em vão.

Não renegaes vossas dôres,
 Já não desbotam as côres
 Que tem vinte annos por si;
 Mas podem unir-se aqui!
 A união, por Deus sagrada,

É dever da crença herdada
 E hade por fim triumphar.
 Teve o throno o seu calvario;
 Repasse o pranto o sudario
 E venha a dôr consolar.

Militando em campo opposto,
 Banhastes o nobre rosto
 Do pranto que a magoa dá;
 Em jorros brota de cá!
 Do luto da monarchia
 Prantear o infausto dia
 É de todos commum lei;
 Choremos, pois, a rainha,
 Foi do vosso rei sobrinha,
 E era mãe do nosso rei.

III

E o mundo que a vê sem vida,
 Lamenta a planta viçosa
 Morta em flor;
 E, flor no tumulo pendida,
 A dois reis, por mãe e esposa,
 Deixa a dôr!

Aos inimigos não basta
 Vêr os orphãos sem ventura
 C' o este mal!
 Mal que doera a madrasta,
 Quanto mais á magoa pura
 Filial.

Vede-o como vae sem fausto,
 Esse corpo que da alma
 Enviuvou!
 Enviuvou tambem exhausto
 O rancor que viva palma
 Desfolhou?

E o mundo que a vê sem vida,
 Lamenta a planta vígora,
 Morta em flor;
 E, flor no tumulo pendida,
 A dois reis, por mãe e esposa,
 Deixa a dor?

Oh! se orando aqui por ella
 Nossa união renascesse,
 Para Deus!
 Deus nos faria ainda vel-a,
 Pelo bem que nos fizesse
 Lá dos céus!

Todos culpas e erros temos,
 Fomos todos desterrados
 D'esta mãe;
 Mãe patria — Pois não seremos
 N'este voto acompanhados
 Cá tambem?

É o mundo que a vê sem vida,
 Lamenta a planta viçosa
 Morta em flor;
 E, flor no tumulo pendida,
 A dois reis, por mãe e esposa,
 Deixa a dor!

IV

Quando passava o preslito no arco
 Do sacro templo que a piedade ergueu,
 Fulgido lume brilhou n'um dos coches,
 N'esse em que a morte descerrára o veu!

Sobe o vapor da ethérea chamma ao alto
 E condensado nas regiões do ar,
 D'entre elle surge, mysteriosa, uma ave
 Que os olhos fitam sem poder cangar.

E logo ao carro da corda vê-se
 Que a meiga pomba sem temor voou;
 Seria um esp'rito que alli vinha agora
 Vêr ainda a terra onde já poisou?

Paz no futuro presagiando á c'rôa,
 Seria uma alma que alli vinha assim;
 A abençoar do alto desse carro
 Todo o seu povo reynido em fim?

Certo, era um anjo que descia ao povo,
 E vinha unil-o por favor do ceu;
 Porque apparecia nos portaes da egreja
 Do sacro templo que a piedade ergueu!

Triste daquelle que do fundo da alma
 Estes avisos do Senhor não vê!
 Que não decifra no ethéreo livro
 Este milagre que a fé viva lê.

Ou alma, ou pomba, como luz d'esperanças,
 Fulgiu na c'rôa que passava alli;
 Que do ceu veio juram-no mil bocas,
 Que ao ceu voára dizem todos — vi.

E do passado, arrependida e triste,
 Como um só homem a nação gemeu;
 E a voz da egreja, no luctuoso canto,
 Apaga os odios que o passado ergueu.

V

Quebraram-se as armas, e, unidos na prece,
 Da guerra fugimos ao duro fragor!
 Irmãos, o passado na loisa se esquece,
 Não quer inimigos a lei do Senhor!

Irmãos! esse corpo da morte colhido,
 Que agora da campa repoisa na paz:
 Penhor de concordia, por Deus escolhido,
 Ainda na morte esperança nos traz.

Que a mystica pomba não era sybilla,
 Mas antes seguro, divino signal!
 Foi a alma da mãe, que veio tranquilla
 Na c'roa do filho saudar Portugal.

Foi anjo que veio nos campos tão varios,
 Por Deus enviado, as pazes fazer.
 Que a pomba descia dos altos sacrarios
 Que os olhos do mundo não podem romper.

Se a c'rda é do reino, sabia-o a pomba;
Porém deste reino é filho também
O rei, que ajoelha na loisa que tomba,
De todos querido, sem odio a ninguem.

Quebremos as armas, e unidos na prece,
Da guerra fujamos ao duro fragor!
Irmãos, o passado na loisa se esquece,
Não quer inimigos a lei do Senhor!



XXXV

A ROSA

Leimbras-te daquella rosa
Que ha oito dias me deste?
Como tinha a cõr mimosa,
Como tinha o cheiro agreste!...
Era imagem do pudor ;
Mas não sei que me dizia,
Que o teu amor morreria
Se murchasse aquella flor.

N'um vaso de ouro lavrado
Lhe dei da agua mais pura;
Tive com ella o cuidado
Que merece a formosura;
Não lhe faltou luz nem ar,
Mas ella impallidecia,
E logo ao terceiro dia
Começou-se a desfolhar!

Dizer que chorei por ella,
Quem é que me acreditava ;
Se perdendo a rosa bella
Era por ti que eu chorava!...
Durou tanto o teu amor,
Como a rosa que me deste ;
Porque de mim te esqueceste,
Apenas murchou a flor.



XXXVI

O PRANTO

Le lacrime
Sono la miglior preghiera.
Niccolini.

Quem não viu n'alguma hora
Das muitas que tem a vida,
Chorar a mulher que adora,
D'uma culpa arrependida?

Ou verdadeira, ou fingida,
Quem resiste ao doce encanto
De vêr orvalhar o pranto
Por uma face querida?

Seja ella criminosa,
Ou justo seja o ciume;
Vendo-lhe a face chorosa,
Quem solta mais um queixume?

Não ama quem se não cala
Com receios de perdel-a;
Fallando o pranto por ella,
Ninguem se atreve a julgal-a.

Oh! mulher! que até podeste
Seduzir a natureza!
Não te bastava a belleza,
Tambem lagrimas quizeste!

Se Deus soubesse o encanto
Que o vêr-te chorar inspira;
Não te tinha dado o pranto,
Com que adornas a mentira.

—

XXXVII

NO LIVRO D'UM PINTOR

I

Se esgotaste uma vez a fonte d'alma
Se n'um pego de lagrimas amargas
Da esperança affogaste o doce brilho ;
Quando te viste fatigado, exhausto,
De lutar contra a dor que te opprimia ;
Quem foi erguer-te a descahida fronte ?
Se as procellas da vida em mór braveza
O teu limpido ceu annuviaram,
Se os olhos pelo pranto amortecidos
A luz buscaram no turvado oriente,
Que viste ? o mundo todo ermo de affectos
Para encherem o vacuo de tua alma.

II

Se á luz tremenda de funéreas tochas
 Viste descer os teus á sepultura,
 Orvalhando com prantos a saudade ;
 Não ouviste as risadas estridentes
 Das saturnaes infames ? e não viste,
 Em negras espiraes alevantar-se,
 Do meio dos festins, um mixto horrendo
 De fumo e vinho ? A compaixão do mundo,
 Do mundo que julgaste um paraizo,
 Não respondia assim a teus lamentos ?
 Pela fé, pelo amor e puras crenças
 Do coração aberto para todos,
 Ao despontar da vida, que te deram ?
 Mentira, hypocrisia os mais cobardes,
 Os ortros o cynismo dos insultos.

III

Todos te incitam a seguir a gloria ;
 E tantos desenganos não bastaram
 Para arredar-te do caminho incerto !
 Do teu genio de fogo as azas soltas,
 E imprimindo a inspiração na tella,
 Novo Pygmalião, á natureza
 Roubas um dos mais bellos attributos !
 Oh ! quem da tua fronte hoje podera
 Desviar do destino o dedo occulto !

—A gloria! a gloria é um vão fantasma ;
Triste origem de dores e misérias !
Um bello sonho — lisongeiro agora, —
Depois — ao despertar — cruel verdade !
É tua estrella. Segue-a pois, amigo...
Amigo; disse? Tão usado e gasto
Nome, que acoita a perfida mentira ;
Não mancharei com elle a casta folha
Do teu formoso livro. Irmão — é menos —
Fóra menos se amigos existissem.
Irmão, segue teu rumo, e se a desgraça
Toldar de novo o brião de teus dias,
Esconde o pranto que te venha aos olhos,
E chora só comtigo. O mundo é o mesmo
Em toda a parte. Para as dores d'alma
Põe os olhos no céu, lá só fulgura
Luz, que pôde chamar-se a da esperança.



LIVRO SEGUNDO.

A MARINHA PÓRTUGUEZA

A JOAQUIM PÉDRO CELESTINO SOARES

Auctor dos Folhetins Marítimos

I

Como o leão da fabula, abatidà,
Povos e reis avassallou outr'ora,
Porém cahiu, e vendo-a adormecida,
Quem della se temeu a insulta agora.

No corpo do leão já moribundo,
A cobardia descarrega a furia;
E o gigante que humilhára o mundo
Callado sofre a derradeira injuria.

Oh! como doe em peitos portuguezes
A vergonha de tanto abatimento!
Que desleixo, que gente ou que revezes
Nos cobrirão assim de aviltamento?
*

Fallece acaso o animo guerreiro
 Aos que tantas nações avassallaram?
 Ou assusta-se agora o mariuheiro
 Das mesmas ondas que seus paes sulcaram?

Não! — Ainda nos filhos desta terra
 Nascem os mesmos corações valentes,
 Que ao troar do canhão, á voz da guerra
 Se arrebatam intrepidos e ardentes.

Nem desejos de gloria lhes falecem,
 Nem temem imitar Vasco da Gama;
 Nem á vista das vagas estremecem,
 Inimigos não são de honrada fama.

O que te falta pois, nação guerreira?
 Nos mares onde foste vencedora,
 Deixas hoje affrontar tua bandeira
 Por esses de quem eras protectora!

Porque não vae o pavilhão das quinas
 Tomar vingança das nações ingratas?
 Varrer as ondas, converter em ruinas
 Os dominios de perfidos piratas?

Porque não vaes avassallar de novo
 Com tuas quilhas o soberbo oceano?
 E proteger os filhos do teu povo
 Longe do territorio lusitano?...

II

Porque?... choras, desgraçada!
Porque já não tens navios...
Porque vives deshonrada
Por miserias e desvios:
Para ti não vive a historia
Onde vive o Castro e o Gama;
Já teu peito não inflama
O amor da antiga gloria ?

Dos teus galeões a esteira
As ondas em vão procuram!
Por não vér tua bandeira
Do mar as brizas murmuram!
Africa e **Asia** se queixam
De tão criminosa ausencia;
Livres da tua ascendencia,
De estranhos domar se deixam.

A pouco e pouco perdidas
As Indias por ti choraram;
Despresadas, esquecidas,
Teu amparo inda buscarain,
Mas em vão! Já decadente,
Sem valor e sem nobreza,
Cedeste com vil fraqueza
O imperio do oriente!

E que imperio! sustentava
 Tuas naus, e enriquecia
 Um senhor a quem amava,
 E este — cobarde — o cedia!
 E fez-se tal injustiça
 Por medo talvez da guerra?...
 Não; fez-se para Inglaterra
 Contentar sua cobiça.

Nação de navegadores,
 Desditosa pátria minha,
 Que fizeste aos esplendores
 De tua antiga marinha?
 Já o mar não serve e sóa
 Em torno a teus galeões;
 O eco dos teus canhões
 Já no ar não corre e trôa.

Já não enche o vento as vellas
 Das tuas naus alterosas;
 Já não folgam as procellas
 N'essas prós orgulhosas!
 Já não vão dos oceanos,
 As mil vagas turbulentas
 Beijar durante as tormentas
 Os pavilhões lusitanos!

A voz dos teus marinheiros,
 Dominando os elementos,
 Já não assusta os banzeiros,
 Já não faz calar os ventos!
 E vão de todo esquecendo
 Aquelles dias de gloria,
 Em que, à mingoa de victoria,
 Os teus venciam — morrendo! —

III

Vede-os a meio Tejo adormecidos,
 Sem canhões, arrazados, sem defeza:
 São elles, esses cascos descosidos,
 Os restos da marinha portugueza!
 Por uma só amarra subjugados,
 Voltando-se ao capricho das correntes,
 Sem leme, rotos, e desmastreados,
 À voz do marinheiro indiferentes!
 A pouco e pouco descosidas tabuas
 Vae o tempo de todos separando;
 E, talvez com saudades de outras aguas,
 Ellas por barra fóra vão boiando!
 Alguns a preço vil foram vendidos
 Para servir empenhos de afilhados;
 E todos, quando houverem mais pedidos,
 Serão à mesma sorte condemnados!

IV

E estes são os restos venerandos
 D'uma grande nação,
 Que outr'ora ergueu em suas altas pôpas
 Das quinas o pendão!...

Oh! não os insulteis! é cobardia
 Da velhice zombar;
 Esses que vedes tristes e abatidos
 Foram leões do mar.

Nas azas da tormenta e da victoria
 Foram mais de uma vez,
 Levar a novos mundos o respeito
 Do nome portuguez.

Oh! não escarneçaes d'esses navios,
 Que levaram as leis
 Da vossa pátria a ignorados povos,
 E a soberbos reis.

Se ás affrontas que agora se nos fazem
 Não sabem responder,
 Em outro tempo o mar ensurecido
 Não os pôude vencer.

Descobri-vos ante elles! — São reliquias
 Da gloria que passou;
 Monumentos que o sangue lusitano
 E a victoria sagrou.

V

Alli jaz todo o passado
 Da portugueza nação!
 Em cada casco arruinado,
 Em cada velho canhão,
 Vive eterna uma memoria,
 Uma pagina da historia
 De nossos bravos avós;
 Aprende! oh! marinheiros!
 Como esses velhos guerreiros
 Oxalá sejamos nós!

Oxalá! mas no futuro
 Quem podéra ousado ler?
 O presente é mal seguro...
 Só Deus sabe o que ha de ser.
 —Canhões! canhões e navios!
 Que não havendo desvios
 Nós volveremos ao mar,
 E comnosco a nossa gloria;
 Novos mundos e a victoria
 Tornaremos a encontrar.



ASTRO

Eu bem sei que tu nasceste
Como no ceu nasce a luz;
E que tambem me perdeste
Porque o teu brilho seduz.
—Estrella a quem eu seguia
Sempre — de noite e de dia —
Para o meu caminho achar;
De mim agora te occultas!
Entre nuvens te sepultas
Quando me deves guiar...

Deste ceu anuveado,
Aonde outr'ora te vi,
Fanal por Deus enviado
Ás trevas onde eu cahi,
Porque foi que te ausentaste?
Por que rasão me deixaste
Em um caminho sem fim?...
E quando me abandonavas,
Outro horizonte buscavas
Muito distante de mim?

Se queres tornar a ver-me,
Se voltas com teu fulgir,
É porque queres perder-me
Se eu de novo te seguir!
Mas não posso crer-te agora;
Tua luz deslumbradora
A minha vista seduz;
Porém, não me guia ao norte,
Porque o teu brilho é tão forte
Que cega, mas não conduz!...





N'UM ALBUM

Aqui, como no templo,
Ha uma divindade
A quem se queima o incenso
Da adoração;
Aqui se cantam louvores,
E a devoção
Espalha flores.
Cheia de recolhimento,
A multidão
Sobe com o pensamento,
Abrindo o coração.

Oh! sublime divindade
É a belleza! —
Harmonia
E poesia
Da natureza.
Como todos também eu
Venho ajoelhar,
Devotamente,
Ao seu altar.
E só agora — pagão! —
Começo a achar
Sublime a religião,
Que por dogma tem — *amar.*



IV

TRISTEZA

Não te queixes da tristeza
De que se cobre o meu rosto;
Nasce da tua frieza
A causa do meu desgosto.
Se tu não fôras assim,
Mais alegre eu viveria ;
Porém foge-me a alegria
Como tu foges de mim.

O poeta, como as flores,
Busca o ar e a luz mais pura;
A vida sem ter amores
Para elle é sem ventura.
O teu modo bem me diz
Que o meu amor desconheces;
E por isso me entristeces,
E me tornas infeliz.

Queres que eu tenha saudade
 Das iHusões que passaram?
 E que chore a liberdade
 Que os teus olhos me roubaram?
 A ti propria fazes mal,
 Pois me acordas na memoria,
 Uma imagem illusoria,
 Da tua imagem rival.

Ao ver-te fria comigo,
 O meu carinho evitando,
 As visões do tempo antigo
 Passam por mim suspirando!
 Accusam-me de as deixar,
 De me esquecer do passado;
 Achando-me desgraçado
 Tornam por mim a chamar.

Queres, pois, que arrependido
 Volva a pensar no que é morto?
 E que fuja aborrecido
 D'onde buscava o conforto?
 Por te amar tudo esqueci:
 Palavras que fascinavam,
 Olhos que por mim choravam,
 Corações a quem perdi!....

E tudo que eu perco e deixo
Pagas-me tu com frieza!...
Tenho rasão se me queixo,
É justa a minha tristeza.
Se de mim foge o prazer,
Como heide eu ter alegria?
Por ti alegre vivia,
Triste sem ti quero ser.



V

ANJO—DEMONIO

Eu sonhei uma vez um sonho horrivel,
Que me encheu de pavor;
Vi um demonio transformado em anjo
Fallando me de amor.

Era ao sahir da infancia, eu não sabia
Fugir da tentação;
Tudo eram rosas para mim na vida,
E tudo aspiração.

A sonhar o tomei por luz divina
Da minha redempção.
E o anjo mau sorria-se nas trevas,
Da minha perdição.

Do demónio, cahido nos abyssmos
 Pela ira de Deus,
 Os olhos, como a luz altrahe o insecto,
 Attrahiram os meus.

Abrasou em seu fogo meus sentidos,
 Fazendo-me beber,
 Em seus lascivos temerosos beijos,
 Diabolico prazer!

Por sua bocca a lava dos infernos
 Em minh' alma coou;
 Mais a bebia, maior sêde tinha,
 Nunca me saciou!

Seu rosto ardente no meu rosto unido,
 Seu negro coração
 Dizia-me que Deus era mentira,
 Os ceus uma illusão.

E eu acreditei-o, embriagado
 Em delicias fataes!
 Patria, religião — Deus e familia,
 O amor de meus paes;

Tudo o que eu tinha, tudo me pedia,
 Nada lhe recusei;
 E, christão e poeta, a cruz e a lyra
 Maldito profanei.

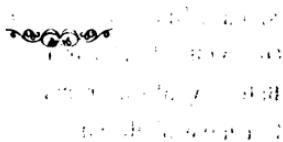
Folgaram nos infernos os demônios
 Cuidando-me já seu;
 E Deus no céu c' o as azas dos arcangels
 As faces escondeu.

Mas o anjo da guarda em mim velava,
 Pedindo ao Redemptor,
 Que salvasse a minh' alma, que era sua,
 Do anjo tentador.

Ouviu-o Deus, eu acordei, e o sonho
 Fugiu do dia á luz;
 Só n'um mau sonho eu renegar podia
 O alauide e a cruz.

Defende-me, formoso anjo da guarda,
 Não me deixes morrer;
 Nem me deixes sonhar d'estes maus sonhos,
 Que sempre te hei de amar.

Porque me converteste a cruz e a lyra,
 Os symbolos da dor,
 Em divinos fanaes de eterna esperança,
 De conforto, e de amor.



VI

MARIANNINHA

**Noite se fez no caminho,
Todo o souto escurecia ;
Se vae cheia na rígueira
Quem por ella passaria ?**

**Nanja a linda Marianninha
Que volta da romaria....
Bate o vento na ramada
E a neve d'alli caia.**

— As rodas da minha azenha
 Quem d'aqui as ouviria ;
 Que antes de ser o sol nado
 Abraçara a minha tia !
 Valei-me anjinhos do ceu,
 Valha-me santa Maria !
 Andam lobos na devesa,
 E eu n'ella vou perdida !...

Calou-se a Mariauninha
 Logo a ramada se abria :

— Queres ser mulher d'um conde ?
 Terás muita pedraria ;
 Comerás com a rainha,
 E de seda irás vestida :
 Lençoes do teu leito de oiro
 Serão de cambraia fina.—

Responde a minha donzella,
 Que bem que lhe respondia !

— Oh ! que lindo cavalleiro,
 Quem lhe dera a cortesia !
 Fallar assim á menina
 Que anda no matto perdida,
 Não é saber defondel-a,

Nem é mostrar bizarria.
Se me quer contar de amores
Levára-me a minha tia;
E de dia, não de noite,
Na minha porta o ouvira —

Ouvireis agora o conde,
O que o mau conde diria:

— Tu não vez o meu castello
Por detraz d'aquelle azinba?
A tua casa está longe,
Vem na minha companhia;
Ámanhã dirás a todos
Que voltas da romaria. —

— Vae-te com Deus, cavalleiro,
Mais a tua galhardia;
Que nunca da minha bocca
Ha de sair a mentira. —

— Ando a caçar no meu sotão,
A caça que achei é minha;
E voto á fé de quem sou
Que a ninguem a cederia! —

— Cavalleiro que tal diz
 Por villão o tomaria...
 Se meu irmão aqui fôra
 A lingua te cortaria
 Ha de salvar-me de ti
 A Virgem Santa Maria ;
 Ella é minha madrinha
 E eu venho da romaria.—

Na alma negra do conde
 O bruto desejo ardia.
 — Nem teu pae, nem teu irmão,
 Nem Deus te defenderia !—

Eis que sóa na devesa
 Uma grande tropelia ;
 Logo um lobo embravecido
 O cavalleiro investia !
 Por morto no chão o deixa,
 Mas comer não n'o comia !
 Sem fazer mal á donzella
 Para a moita se volvia ;

Ella vendo o conde morto
 Já d'elle se condoia ;
 E a seus pés ajoelhada
 Por aquella alma pedia.

Milagre! o conde chorando
Do chão a custo se erguia ;
Ambas as mãos lhe beijava
Entoando — Ave Maria! —

— Pela minha alma pediste,
Que a Deus e a ti offendia ;
Dos infernos a livraste
Dou-l'a para toda a vida ;
Não te contarei de amores
Senão ámanhã de dia !
Que ámanhã serás condessa
Nos paços de Santa Iria.
Cuidei que tudo era caça...
Mal haja a descortesia,
Com que tratei a romeira
Que vinha da romaria.
Vamos procurar teu pae,
Condessa Marianninha.—

De alegre salta a donzella,
Quem é que não saltaria !...
Tinha dado uma alma a Deus
E um sobrinho á sua tia.



VII

O CORSARIO

Quem dirá que d'estas aguas
Não sou eu sómente o rei ?
Todo o mar Mediterraneo
Ao meu sceptro sujeitei ;
Porque o meu sceptro é o leme,
Aqui só eu dou a lei.
A minha c'rda de nuvens
A ninguem a cederei.

— Vira, vira ao cabrestante
De levarriba a virar !
Mette as ancoras a píque,
Que anda o suéste a rondar !
Chega ás ad'riças de gavias !
Gageiro, vai desferrar ;
Que o navio sente a brisa,
E tem saudades do mar.

Deita a bossa ao ferro grande !
 Vai seguida a flor d'Argel ;
 Batem-lhe as ondas na prôa
 Como a langa no broquel ;
 Já no convez entra a vaga,
 Com o jogar do baixel,
 Que salta envolto de espuma
 Como fogoso corsel !

Amura bem o latino ;
 A beijar ! deixa gemer.
 O meu navio é veleiro
 E vem o vento a crescer.
 Toma cuidado no leme ;
 Não vez o pano a bater ?...
 Amantilhã essa retranca ;
 Bom ; ahí.— Deixa correr,

Temos tufão ; salta arriba !
 Oh ! mestre ! mande rizar.
 Os paus de cutello dentro
 Sobre-joannete, ferrar.
 Mette gavias nos segundos !
 Olha a barca !... bom andar.
 Cuidado nas arribadas ;
 Oh ! mestre ! lesto a virar !

Lesto a virar ! Leme encontro !

Larga as escotas por mão !

Aquartella a bujarrona !

Olha a escola do artimão...

Quem prendeu aquella escôta

Em cima do corrimão ?

Tres horas sobre o galope,

Oito dias no porão.

— **Uma vela a sotavento !**

Vai na bordada do mar...

— **Chega aos braços de bombeiro !**

Timoneiro, deixa ergar. —

Quem se atreve n'estes mares,

Que são meus, a navegar ?

Larga tudo e dá-lhe caça;

Vamos a prezantomar.

Oh ! do galope do mastro,

Se gostas de combater,

Acabou-se o teu enxigo ;

Tens licença de deseer.

Não ficarás sem a parte,

Que te deve pertencer,

Se no combate mostrares,

Que o perdão sabes mer'cer.

Iça a bandeira argelina !
 Vamos começar a ação ;
 Tira fóra as escotilhas
 Que já temos o mar chão ;
 E crava o meu catavento
 Em cima do corrimão ;
 Pela melhor pontaria ,
 Darei o maior quinhão .

Vai tomar-lhe barlavento ,
 Aprompta para abordar ;
 Faz-lhe um tiro ao lume d'água ;
 É tempo de o acordar .
 Ferio-o nas obras mortas ;
 Arriou sem pelejar !
 Vinte homens para a lancha !
 Vão meus tributos buscar .

Se o navio fôr veleiro ,
 Dal-o-hei a meu irmão ;
 Se traz formosas captivas ,
 Que ninguem lhes ponha mão !
 Para vós são os thesouros ,
 As mulheres minhas são ;
 Quem se atrever a tocar-lhes
 Ficará sem coração !

Cruza gavias! d'estas aguas
Quem dirá que não sou rei?
D'esses monarchas da terra
Não invejo a immensa grei.
São escravos do seu povo,
Aqui só eu dou a lei!
A minha c'rda de nuvens,
A ninguem a cederei.

VIII

A ESTRELLA DO DIA

Quem hâde dizer-te adeus?
Estrella desconhecida,
Brilhas de dia nos céus,
De noite vagas perdida!
Só eu te via e te amava,
Quando tua luz celeste
Para ti me encaminhava.
Ninguem mais te conhecia,
Que ninguem busca as estrelas,
Depois que apparece o dia.
Todos no céu querem vel-as,
E nunca desconfiavam,
Que a minha estrella nascia
Quando as outras se occultavam.

Oh! como eu quiz à ventura,
 Quando vi que me guiavas,
 E na tua luz tão pura
 Minh' alma regeneravas !
 Cuidei que minha serias ;
 Que sendo estrella do ceu,
 A este mundo virias ;
 Por um triste como eu ! —

Vê como sou desgraçado,
 Pois tenho de te perder ;
 Para sonhar acordado
 Melhor fôra não te vêr ! ..
 Porém agora, querida,
 Como viver separado
 Da luz que me deu a vida ?
 Que nunca meus olhos cança
 E quando a tenho buscado,
 Sempre me disse — esperança ! ..
 Mas se eu tinh' de perder-te,
 Melhor fôra nunca ver-te !
 Adeus, para sempre adeus,
 Oh ! minha estrella querida !
 Feliz de mim se nos céus
 Ficares desconhecida ! ..

IX

O DIABO

Em nome do Padre e Filho,
E do Espírito tambem,
Que em sua graça nos temham
Para todo o sempre — *Amen.*

Antes de fallar no demo
Deve-se a gente benzer,
Que o velhaco arde em desejos
De nos tentar e perder.

Eu tenho-lhe tanto medo,
Que me sinto arrepiar;
Se querem saber a causa,
Um conto lhes vou contar.

Havia uma vez um conde,
 Senhor de rico solar;
 Casado com a condessa,
 Formosa Dona Guimar.

Uma noite muito negra
 Começa o conde a sonhar,
 Que ao seu pagem favorito
 A condessa ia abraçar.

Acorda muito zangado,
 Entra no caso a pensar;
 —Diabo! diabo! diabo! —
 Torna a dormir e a sonhar.

Apparece-lhe o demonio,
 Começa a rir e saltar,
 Fazendo taes diabruras,
 Que o conde poz-se a gritar.

Vereis agora o bonito?
 Era o diabo a fallar.
 —Calla-te lá meu pateta!
 Pois não te queres vingar?

Por tres vezes me chamaste,
 Eu venho por te ajudar;
 Ou fosse eu que faltasse,
 Outro te obrigasse a esperar.

Bem vês que sou bom diabo...
 Mas vamos negociar.
 Serão meus teu corpo e alma
 Se a condessa te enganar ?

— Voto a todos os diabos ! —
 Exclama o conde a sonhar
 — Que se o pagem fôr com ella,
 Duas almas te hei de dar.

O demonio de contente,
 Alli se poz a dançar ;
 E c'o a pontinha do rabo
 Fez o conde despertar.

Vae-se ao quarto da condessa,
 Parece-lhe ouvir fallar...
 Chega ao leito ensurecido,
 E mata Dona Guimar ?

Ouviu uma gargalhada,
 Como o demo as sabe dar ;
 Tinha morto uma inocente
 No inferno o foi pagar.

Um homem com pés de cabra,
 Com um rabo a rabear,
 Armado com dois chavelhos,
 Põe-se ao pé delle a busar !

O conde, muito assustado,
Nem se benzeu nem rezou...
—Pum! — o ar cheira a chamusco
Onde o meu conto acabou.



X

O DINHEIRO

(SATYRA)

Dinheiro, invicto dinheiro
Só em ti é que eu me fundo;
Teus o direito da força,
És o tyrauno do mundo.

Tolentino.

Povos e reis, inclinai-vos,
Meus escravos todos sois!
Diante de mim prostrai-vos,
Arqistas, sabios, heroes!
Eu inspiro a paz e a guerra,
E posso tanto na terra
Como Deus pode no ceu.
Do vicio faço a virtude;
Não preciso quem me ajude,
O sceptro do mundo é meu.

O anjo do mal no inferno
 Por vingança me gerou,
 Quando a justiça do Eterno
 Dos céus o precipitou.
 Contra a summa sapiência
 A minha infernal potencia
 Antepôr na terra vim;
 Os humanos por mim choram;
 Se a Deus nem todos adoram,
 Todos me adoram a mim!

Vinde ver no meu cortejo
 O que Deus fez, o que eu fiz;
 Vede tudo como eu vejo,
 E direis se—Deus o quiz.—
 Eis a graça, a formusura,
 Que nasceu candida e pura
 Mas que cede ao meu poder...
 E depois, sendo eu por ella,
 Mais inocente e mais bella
 Para todos volve a ser.

Nunca lhe falta um marido,
 Facil em tudo olvidar,
 Que de falso dó rendido,
 Por mim a quer desposar.
 A feia, faço-a formosa,

Faço a modesta vaidosa,
 Dou ás loucas discrição ; —
 E, o meu poder antepondo,
 Ao rosto mais hediondo
 Dou da belleza o condão.

Nem a virtude resiste
 Ao meu dominio fatal ;
 Na minha voz sempre existe
 A voz do genio do mal.
 Eu tudo compro e domino ,
 Tudo seduso, e fascino
 Quanto meu desejo quer ;
 Tudo comigo é victoria ;
 Para o homem sou a gloria ,
 Dou a paixão á mulher.

Do ministro tenho a graça ,
 Do magistrado o perdão ;
 Na egreja como na praça ,
 Eu ponho tudo em leilão .
 Tudo comigo é vencido ;
 N'este tempo corrompido
 A justiça em mim só crê .
 E ai ! da misera innocencia ,
 Faltando-lhe a providencia
 Que o meu povo em mim só vê !

Que vedes por toda a parte?
 Só homens a calcular;
 Mulheres de engenho e arte
 A vender-se ou a comprar.
 Só ambições e torpeza!
 Lá onde existe a belleza,
 Vereis a especulação;
 Lá onde existe o talento,
 Os que tem honra um momento
 Mais caros se venderão.

Andam os paes contratando
 As filhas que vão cazar;
 E os noivos regateando
 Para sem honra as levar.
 Além, o marido infame
 Recebe alegre um enxame
 Dos amantes da mulher;
 Um vende-a por conhecê-la,
 E o outro para vendê-la
 Nem a consulta sequer!

Até novos hemisferios
 Vae meu amor descobrir;
 E vastíssimos imperios
 Eu faço erguer ou cahir.
 Por mim se affrontam as vagas,

Por mim a remotas plagas
 Se vae a morte affrontar;
 Por mim é grande a sciencia,
 Que só com minha existencia
 Abre a terra, o ceu, e o mar.

Para mim não ha segredos
 Nem de povos nem de reis;
 Eu faço e desfaço enredos,
 E faço e desfaço leis.
 Tudo cede a meu imperio;
 E é simples o mysterio
 Que me dá todo o poder:
 — Oiro, mais oiro, e mais oiro! —
 O que não cede a um thesoiro,
 Ha de a thesoiros ceder.

Honestidade ou vergonha,
 —Nomes vãos que fazem dó! —
 Eu lavo toda a peçonha,
 Fama, infamia, dou eu só.
 Eu dou virtude e nobreza,
 Poder, e gloria, e belleza,
 Gôso, prazeres, e amor.
 —Dinheiro! dinheiro é tudo!
 A todos sirvo de escudo,
 A ninguem peço um favor.

Assim falla o deus erguido
Nas aras da corrupção;
E o seculo convencido
Adora-o com mais paixão:
Outro deus já não conhece;
E se o Deus do ceu se esquece
De taes erros castigar,
Verá um dia o dinheiro,
Rival de Deus verdadeiro,
Tendo a terra por altar.

XI

O CÉU É SUA PÁTRIA

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente;
Reposa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Camões.

Espirito immortal porque tão breve
Deixaste o gentil corpo abandonado ;
Tornando em fria desmaiada neve
As vivas rosas de que fôra ornado ?

Branca, mais branca do que a luz do dia,
Lhe pende a face descorada e bella ;
Aonde a vida que ao amor sorria
Parece ainda suspirar por ella.

Nos labios puros, fonte dos amores
Aonde doce vida amor bebera,
Deixou a morte desbotadas flores,
Mudando a rubra côr em côr de cêra.

Porque assim dos seus olhos te apartaste,
 Formosa luz do ceu branda e serena,
 Aquelles que no mundo allumiaste
 Agora ficam em perpetua pena !

O fanal que os guiou noites e dias
 Ao sôpro se apagou da eternidade ;
 Extincta a chamma, sobre as cinzas frias
 Já não suspira amor, geme a saudade.

Espirito immortal, de luz se veste ;
 Sóbe purificada aos ceus a alma ;
 E alli, o coro angelico e celeste
 Lhe dá da vida eterna a eterna palma.

Um anjo, que por Deus fôra escolhido,
 Ensinar a virtude ao mundo veio ;
 Agora que a missão tem já cumprido
 Entra de novo do Senhor no seio.

Por todos que na terra conheceste,
 Por quem, mulher te amou, e anjo te adora,
 Pede a Deus ! — tu, que a gloria mereceste,
 Pede a Deus que perdôe a quem te chora.



XII

DEVER

Bem sei que devo fugir-te,
Que é meu destino perder-te ;
Se não posso possuir-te
Não devo tornar a ver-te.
E posso dizer-te adeus,
Sem deixar contigo a vida ?
Quando for a despedida
De mim se dôam os céus !..

Partir ! levando a lembrança
De que só por ti vivia !
Partir ! sem um esperança
Para voltar algum dia !...
E tu deixas-me partir ?
Mas se amor por mim sentiras,
De Deus, do mundo fugiras
Para o amante seguir !

Oh ! perdão... isto é demencia,
 E saudade, amor e pena;
 Porque a voz da consciencia
 A fugir-te me condemna.
 Nunca mais te posso ver,
 Nem seguir teus olhos bellos ;
 Nem teus formosos cabellos...
 Nem por ti jamais soffrer !

E amavas-me ? é verdade ?
 Choras por mim ? isso basta ;
 Cale-se a voz da saudade,
 Que o dever de ti me affasta.
 Eu tambem choro por ti ;
 Eu, que a ventura seguia
 Que á terra e ceus a pedia,
 Fugi della quando a vi !

Não posso, nem devo amar-te ;
 Mas como apagar a chamma
 Que no instante de deixar-te
 Em vez de morrer se inflamma ?
 — Esquecer-te ? nunca, oh ! não —
 O fugir é já bastante...
 Onde eu fôr, o teu semblante
 Ha de ir com meu coração

E tu podes ser ditosa
 Nunca mais tornando a ver-me ?
 Mais adulada e formosa
 Podes acaso esquecer-me ?
 Tuas maguas terão sim
 Tendo tu novos amores ?
 A cidade, o campo, as flores
 Não te fallarão de mim ?

Não soltarás um lamento,
 Quando os suspiros sentidos,
 Que leva o sopro do vento,
 Chegarem a teus ouvidos ?
 Sabendo que são os meus
 Não sentirás, doce amiga,
 Este dever que me obriga
 A dizer-te agora adeus ?

Oh ! se eu fôr de ti lembrado
 Volve logo os olhos bellos ;
 Que me verás a teu lado
 Com a bocca em teus cabellos ;
 Cabellos que Deus creou
 Para prender uma vida,
 Que esta cruel despedida
 Ao dever sacrificou !

Adeus, pois, adeus, querida ;
Por te amar sou desgraçado !
Fôra menos dar-te a vida
Que o fugir, tendo-te amado.
Levo morto o coração,
Porque o levo sem ventura ;
Morto, por essa loucura
Que o mundo chama razão !

Adeus, pois ! se tu pensares
O quanto eu perco em perder-te ;
Se algum dia te lembras
Que jámais posso esquecer-te :
Olha bem tudo o que eu fiz,
E se não fores ditosa
Volta á minh' alma saudosa,
Vem comigo ser feliz.



XIII

NÃO ÉS TU

Não és tu; a mulher que eu amava
Já não vive senão em minh'alma;
Já dos anjos a fulgida palma
Lhe foi dada no reino dos ceus.
Bem lhe ouvi o adeus derradeiro
Suspirado na voz que morria;
Bem ouvi da sua bocca já fria
Despedir-se o amor n'esse adeus.

Não és tu; a mulher que eu amava
Só por mim a paixão conhecia;
Para mim só no mundo vivia,
Outro affecto jámais cobiçou;
Só por mim se adornava nas festas,
Para mim se cobria de flores,
Só comigo fallava de amores,
E só morta de mim se apartou.

Não és tú; a mulher que eu amava
Nunca foi como tu inconstante;
Como tu não mudava de amante,
Nem de gelo era o seu coração;
Os seus meigos e languidos olhos,
Se julgavam os meus criminosos,
Para mim se volviam piedosos
Trasbordando de amor e perdão.

Ai! perdi a mulher que eu amava!
Mas ainda uma sombra querida
Vem lembrar-me do tempo e da vida,
E do amor que a ventura nos deu;
E eu creio que, morta na terra,
Foi por Deus convertida em estrela;
E saudosa de mim, como eu della,
Os meus olhos attráe para o céu.



XIV

50

**Sobre o ramo do pinheiro,
Que a tempestade lascou,
Chora a rôla o companheiro
Que a morte lhe arrebatou.
Chorou de dia e de noite
Mas o amante não voltou.**

**A solitaria avezinha,
Não podendo à dor fugir,
Outro sustento não tinha
Senão gemer e carpir;
Até que, sentindo a morte,
No chão se deixou cahir.**

Como a rôla abandonado,
 Tambem eu vivo a gemer;
 Tambem de chorar cançado
 Quizera poder morrer;
 Mas é peior meu destino,
 Que é de chorar e viver.

A minha alma toda é lucto,
 É lucto o meu coração;
 Da saudade o amargo fructo,
 Nos meus olhos nasce em vão;
 Que o chorar não torna á vida,
 E é triste consolação.

Viver só! n'um mundo immenso
 Onde não temho ninguem;
 Andando como suspenso,
 Ancioso buscando alguém;
 E vendo a todos estranhos,
 Estranho eu delles tambem!

Estender com ancia o braço,
 Procurando a mão dos meus;
 E achar sómente o espaço,
 Toda a solidão dos céus!
 Sempre sósinho na terra,
 Como um castigo de Deus!

*

Longas noites de vigilia,
 Dias de negro pesar;
 Eis-aqui toda a familia
 Que me rodeia o meu lar!
 Foi a dor meu patrimonio,
 A minha vida é chorar.

Pãe, e mãe, irmãos queridos,
 Meus thezoiros de affeção!
 Uns distantes e perdidos,
 Outros debaixo do chão...
 A minha alma está deserta,
 Deserto o meu coração!

Sósinho, n'este abandono,
 Que me resta senão Deus?
 Como as folhas que no outono
 Dispersa o vento dos ceus;
 Pela vontade do Eterno
 Vi dispersados os meus!

Faça-se a vossa vontade,
 Senhor! que tudo podeis!
 Que eu chore eterna saudade,
 Pois vós assim o quereis;
 E cumprindo o meu destino
 Obedeço ás vossas leis.

XV

MARIA

Propter nomen tuum.

Maria, porque me deixas
N'este viver d'esperança?
De minhas amargas queixas
O teu coração não cança?
Como hei de esperar ventura
De tanta desesperança!...

A ti vâa o meu desejo,
Se te não tenho a meu lado;
E nos meus sonhos te vejo,
Como se fôra acordado;
Porém de sonhar contigo,
Acordo sempre enganado.

Tu que me serves de guia,
 Minha perdição não queres;
 Se o nome tens de Maria,
 Será bom quanto fizeres;
 Pois quem te deu esse nome
 Foi bendita entre as mulheres.

Não dês à Virgem desgosto,
 Nem a mim me dês castigo;
 Mostra que o nome é bem posto,
 Sendo piedosa comigo;
 Como Deus foi com Maria,
 Meu amor será contigo.

Do nosso affecto em tributo,
 Nascerão vígorosas flores;
 E será bendito o fructo
 Que brotar dos teus amores;
 E tu bem cheia de graça,
 Se comigo sempre fores.

Só me basta ver teu riso
 Para me encher de alegria;
 E eu creio no paraíso
 Com a tua companhia;
 E também creio que inferno
 É viver sem ti, Maria.

Por teu nome, por tua alma,
Pois que martyr me fizeste,
Do martyrio dá-me a palma,
Se é palma de amor celeste.
Para os ceus te hei de ir seguindo,
Se foi dos ceus que vieste.

Deixa-me viver contigo,
Leva-me aonde quizeres;
Só tua vontade sigo,
Farei o que me disseres;
Ou sejas anjo entre os anjos,
Ou Maria entre as mulheres.



XVI

O ANJINHO

A MANUEL JOSE GONÇALVES

*Justus Dominus in omnibus viis suis, et sanctus
in omnibus operibus suis.*

Ps. cxlii. v. 18

Era o silencio profundo,
E essa mudez dizia:
Que ninguem cá neste mundo
Tamanha dor entendia;
A dor da mãe abraçada
Na filhinha amortalhada !

Oh ! como ella contemplava
Essa porção da sua vida !
A triste ás vezes cuidava
Ter a filha adormecida;
Como ella já não gemia,
Cuidava a mãe que dormia !

Mas logo quebrava o encanto
Do pae a acerba saudade,
Redobrando a dor e o pranto
Porque lembrava a verdade.
A mãe de novo a chamava,
Mas ella não acordava!

Com mais amor e carinho,
Nos seus braços apertando
O frio corpo do anjinho,
Ao pae o mostra chorando :
Fructo de amor tão querido,
Por mãos da morte colhido !

Depois, os padres cantando
Ao cemiterio o levaram ;
Devotamente rezando
Na terra fria o deitaram ;
O pae de longe os seguia
Sem saber o que fazia.

Não chores, pae desolado,
E diz á esposa querida,
Que um anjo a Deus tendes dado
N'essa fil. inha perdida ;
Um anjo que lá nos ceus
Por nós todos pede a Deus.

XVII

CONSELHOS

(SATYRA)

Mura
Teade as satyras p' r' boas.

Tu das golpes nos custumes.
E cuidam que é nas pessoas.
Tolentino.

Queres ser feliz na terra?
Querido por toda a gente?
Pois **teu** rosto aberto e franco
Transforma em rosto impudente.

Não mostres intelligencia,
Deixa a sandice reinar;
E não ralhes á calumnia,
Quando os teus assassinar.

Adora a maledicencia,
Não deixes ninguem em paz;
Nem ao **teu** maior amigo
Poupe a satyra mordaz.

Faz-te insolente e pedante
 Quando entrees nos salões ;
 Das impudicas mulheres
 Lisongeia vis paixões.

A estas falla de amores,
 E em politica aos maridos ;
 E nos seios que elles mostram
 Põe os olhos atrevidos.

Louva a brancura das carnes,
 Que a victoria é quasi certa ;
 Nem duvides pôr a bocca
 Sobre a espadua descoberta.

N'este tempo, e nesta terra,
 De tudo se faz leilão ;
 Tudo se compra e se vende,
 Porque tudo é corrupção.

Se queres ter importancia,
 Falla do que não entendes ;
 Vendo-te todos os dias,
 E diz que nunca te vendes.

Aspira a todos os cargos,
 Que muitos has de obter ;
 Allegando mil serviços,
 Que ninguem te viu fazer.

Quanto mais parvo te faças,
 Quanto mais inutil fores,
 Ganharás maiores honras,
 Acharás mais protectores.

Não dês quartel à vergonha,
 Nem tenhas opinião;
 Affronta, insulta a virtude,
 Mas ao vicio estende a mão.

Da desgraça e da miseria
 Não dês ouvidos à voz;
 Reserva para os que choram
 Zombaria e riso atroz.

Ao roubo e crime não cores,
 Tira o chapeu com respeito;
 Bem vês que passam de coche,
 E tem commendas ao peito...

Se estes conselhos seguires
 Ninguem te ha de fazer guerra;
 Serás vil, infame, e nescio,
 Mas será feliz na terra.



XVIII

PRIMAVERA

Vens em vão, oh ! primavera,
Sorrir-me com teus verdores !
Dias de abril e de maio
Levai os vossos fulgores,
As vossas manhãs formosas,
As vossas mimosas flores

Dos vossos doces aromas
Que me importa a intensidade ?
Eu já não tenho alegria,
Não tenho já mocidade.
Do provir só medo tenho,
Só do passado saudade.

Que me importa d'outras flores
O perfume recendente,
Se as rosas da minha vida
Murcharam rapidamente?
Do primeiro sol do estio
Queimou-as o fogo ardente.

Vai-te, pois, oh! primavera,
Que apenas por mim passaste;
Eu amava o céu e a terra.
Quando de mim te apartaste;
Meu primeiro amor tu foste,
Primeiro me abandonaste.

Agora pouco me importa
Ver fugir os teus verdores;
Se tenho menos tristeza
Diante dos teus fulgores,
Tambem mais da mocidade
Lastimo as perdidas flores.



XIX

O AMAZONAS

A AGOSTINHO JOSE DE ALMEIDA.

I

Leguas mil a correr, furioso, alaga
O solo d'este fertil continente;
Na corrida feroz o cedro esmaga,
E montes leva na voraz corrente!

Veia enorme que a sabia naturesa
No corpo introduziu do novo mundo,
Mostrando que tem forças e grandesa
Para um rio egualar ao mar profundo!

Bem largo oceano sua foz parece,
Aonde o mar em vão tenta sustê-l-o;
Porém vendo que a força lhe fallece
Resigna-se no leito a recebê-l-o.

**E o gigante dos rios magesto,
Rasgando o seio do soberbo oceano,
E suspendendo o curso impetuoso,
Assim falla em idioma lusitano,**

II

**Ondas do mar não cuideis
Que me assustais;
Vinte leguas me vereis,
Ou inda mais.**

**Eu dos rios sou o rei,
Como sabeis;
E por isso, bem o sei,
Me não quereis.**

**Como entrada vos não dou
No leito meu,
Louco, o mar tambem tentou
Negar-me o seu.**

**Mas eu faço-o murmurar
Junto a meus pés,
Em quanto o vou adoçar
Por leguas dez.**

Ao encontro dos que vêm
 Para me ver;
 De longe correr também
 É meu dever.

Mas a gente d'álem-mar,
 Quem m'a mostrou?
 Seu viver e seu fallar,
 Quem m'o ensinou?

Quem os trouxe d'outros céus
 Ao meu sertão,
 Para dar aos filhos meus
 Religião?

Quem meu nome foi levar
 Do mundo além?
 Foram as aguas do mar,
 E mais ningném.

Meus productos vão vender
 Aos europeus;
 Ao meu seio vem trazer
 Todos os seus.

Como tu, oh! mar, sou rei;
 És meu irmão;
 Tu nas costas dás a lei,
 Eu no sertão.

III

Com altivez as vagas
 Atentas o escutaram,
 E para novas plagas
 Soberbas se voltaram.

Movidas com violencia
 Do tumido gigante,
 A sua omnipotencia
 Pregdam já distante.

Descrevem-lhe a riquesa
 Da terra que percorre,
 A fertil natureza
 Aonde nasce e morre.

O mundo de pasmado
Não crê taes maravilhas;
D'um sonho desvairado
Cuidando que são filhas.

Mas eu, que o rio imenso
Vou navegando agora,
A contemplar suspenso
Dos bosques seus a flora;

Que a sua voz escuto,
Soberba murmurando,
E em tom absoluto
O seu poder cantando;

Eu, pobre desterrado,
Sobre as turbidas águas
Do rio agigantado
Chorando minhas maguas;

Do meu paiz distante,
E cheio de saudade,
A divagar errante
Por triste soledade;

*

Vou traduzir do rio,
Na voz da minha lyra,
O rude mormurio
Que seu poder lhe inspira.

A pavida corrente,
Que os montes seus abalta,
Descendo fera, ingente,
Assim soberba falla:

IV

Sou dos rios o primeiro,
No mundo não tenho igual,
Nem sob o ceu do cruceiro,
Nem sob o ceu boreal!
Corto quasi um hemispherio;
Orgulho sou d'um imperio
Onde corre o leito meu.
Do Nilo a fama se calle,
E o Mississipi não falle,
Que o Amazonas sou eu!

Nas minhas aguas barrentas
Ha ondas como as do mar,
Erguidas pelas tormentas
Que vem meu colo agitar.
Nas minhas vagas ferventes
Tambem mergulham ardentes
As azas do furacão!
Eu gero monstros informes,
Colossaes, brutos, enormes.
Prodigios da criação.

Tenho peixes de mil cores,
E tartarugas tambem ;
Ilhas cobertas de flores
Sobre mim boiando vem.
Mil rios de nomes varios,
Mil rios meus tributarios
Me conhecem por senhor ;
Aguas verdes e aniladas,
Pretas, vermelhas, douradas,
Em meu seio vem depôr,

Eu tenho matos de rosas,
De assucenas, e jasmim,
Onde crescem as mimosas
Abraçadas no angelim.
Tenho selvas de itaúba,

De cedro, e maçaranduba,
 De pau d'arco, e condurú ;
 Onde a canella, e baunilha,
 O cravo, a salsa parrilha,
 Se enlaçam ao cumarú.

Guerreiras tribus sustento
 No fundo dos meus sertões ;
 E nas margens dou assento
 Aos restos de cem nações.
 Pelas minhas ribanceiras,
 Ao lado das bananeiras,
 Vive o formoso ananás,
 Aos lados dos cajueiros,
 Goiabas e araçáseiros,
 E doces maracujás.

Tenho abacates, e mangas,
 Abíos e bacoris ;
 Tenho as acidás pitangas
 E os doces sapatís.
 Do assucar tenho a cana,
 E cresce a nicoçiana
 Ao pé dos algodoaes.
 Selvas são meus cacáoeiros,
 Bosques os meus cafezeiros,
 Cem leguas meus arrozaes.

Entre as tintas preciosas
 Tenho anil e tatajúba ;
 Nas plantas mais venenosas
 Urari, e a caxinduba.
 Tenho os oleos e resinas,
 Os leites e gomas finas
 Que vendo a muitas nações ;
 Das Indias crio a pimenta,
 E a mandioca rebenta
 Por todos os meus sertões.

No meio dos meus palmares
 As aves de fina cór,
 Em ternissimos cantares,
 Se juram eterno amor.
 A brisa de amor suspira,
 Amor a selva respira
 Nos mil perfumes que tem ;
 E sob este céu ardente
 A onça, o tigre, a serpente
 Amor se dizem tambem.

Nos meus vastissimos lagos,
 Entre a flor do mururé,
 De amor os ternos affagos,
 Tambem sente o jacaré.
 Em torno a mim todos amam,

Todos os peitos se inflamnam
 Com o sol do meu paiz;
 Tudo é paixão e ternura,
 É tudo amor e doçura,
 Tudo em torno amor só diz.

Minhas languidas selvagens,
 Astros do céu do Equador,
 A quem as brandas aragens
 Levam dos bosques a flor,
 Não tem na face mimosa
 A cor vermelha da rosa,
 Nem a alvura do jasmim;
 Mas tem a cutis morena
 Macia como a assucena,
 Mais liza do que o setim.

São tapuias, mas tão bellas
 Como as brancas d'álem-mar;
 Seu coração, como o dellas,
 A paixão faz palpitar
 Seu amor tem mais ternura,
 Tem seu fallar mais doçura,
 Seu olhar mais languidez;
 Ninguem as vence em caricias,
 Ao amor dão mais delicias,
 E mais doce embriaguez.

Nadando como as sereias,
 As vejo no leito meu,
 Querendo apagar nas veias
 O fogo que Deus lhes deu ;
 Porém minhas brancas águas
 Domar não podem as fraguas,
 Que a paixão faz acender ;
 Tudo aqui a amar convida,
 São tudo flores e vida,
 É tudo amor e prazer !

Eu tenho riqueza imensa
 Em brilhantes e metaes ;
 Eterno perfume incensa
 Minhas águas colossaes.
 Tenho monstros e tormentas,
 E florestas corpolentas
 Em vastíssimos sertões ;
 Tenho gigantescas flores,
 Aves de todas as cores,
 E povos de cem nações.

Os meus astros são formosos,
 Não os ha de igual fulgor !
 Meus animaes temerosos
 Causam aos homens pavor.
 Tanto poder e grandeza

Que deus deu á natureza,
 E a natureza me deu,
 Ninguem mais o tem no mundo,
 Pois eu não tenho segundo,
 Que o Amazonas sou eu.

V

Assim fallam as aguas magestosas
 No murmurar da rapida corrente,
 E a seu lado recosta-se indolenle,
 Soberbo um povo pelas ver e ouvir;
 Mas que será de ti, rio famoso,
 Quando os braços do tempo e da sciencia
 Do teu curso domarem a violencia,
 Transformando-te aos olhos do provir?

Quando o machado nivelar teus bosques,
 E o ferreo carril abrir teus montes;
 Quando invadirem tuas grandes fontes
 A hydralica, as artes, e o vapor;
 Quando cortadas as florestas virgens,
 Que hoje te dão soberba magestade,
 Erguer em cada legua uma cidade
 O genio do porvir civilisador?

Quando as selvas de cedro succumbirem,
 Roubando a tuas margens teus verdores,
 Teus perfumes, teus hymnos, teus amores,
 A harmonia das tuas solidões?
 Em tuas ribas surgirão palacios,
 E teu solo poetico e florido,
 Por machinas enormes revolvido,
 A face mudará dos teus serões.

Mil navios verás e varios povos,
 Dia e noite ouvirás linguas estranhas,
 Sem que repita o ecco das montanhas
 A lingua que o teu povo conheceu!
 Porém com a sciencia da luz nova,
 Que te venha arrancar à barbaria,
 Conhecerás tambem como a poesia
 Com a tua rudeza feneceu.

O bafo pestilente das cidades,
 A corrupção que o seio lhes devora,
 Nos mesmos sitios que percorro agora
 Virão um dia celebrar festins!
 E tu verás na tez acobreada,
 Das que são hoje virgens innocentes,
 Succederem-se os beijos impudentes
 Às candidas capellas de jasmins!

Oh! não, meu rio! não te civilises
Pois vive em tua virgem natureza
Uma imagem de Deus, uma grandeza,
Que leva para os céus a aspiração.
E nas cidades onde o vício reina,
Onde o dinheiro como Deus se adora,
Foge a religião a cada hora
Porque Deus vive só na solidão.



XX

LUZ MYSTERIOSA

I

Estrella do ceu vivida
Cujo rasto eu perdi,
Surge de novo languida
Como ha tempos te vi.

Por ti minh' alma timida
Inunda-se de amor,
Quando meus olhos avidos
Enches de teu fulgor.

Oh ! minha luz, meu idolo,
 Rompendo a escuridão,
 Conduz teu brilho mystico
 Á minha solidão.

Faz no meu peito gellido
 A esp'rança renascer ;
 Eu vivo sem ter animo,
 E posso-me perder.

II

Ouves, clamando horrida,
 A voz do furacão ?
 Rola do ceu nos terminos
 O ecco do trovão !

A lua cinge tremula,
 De nuvens denso veu ;
 E nem uma luz pallida
 Brilha no escuro ceu.

Reserve o mar indomito
 Do raio á breve luz ;
 O maraheiro intrepidão,
 Ja clama por — Jesus ! —

Na antena a onda pavida
 Rebenta, sob ao laes;
 Mergulham-se no pelago
 Eu xarcias e brandaes!

E d'agua serras tumidas,
 Umas sobre outras vem!
 Em vão a es'perança timida
 Se vê raiar além.

Além o porto, a patria,
 Aonde estão os meus,
 A quem, vertendo lagrimas,
 Disse—partindo—adeus!

Além a terra prospera,
 A mãe, a amanto, o amor...
 Porém em breve o jubilo
 Se vae tornar em dor.

III

Cresce a procella de impelo
 Aos eccos do trovão;
 Sibilla o raio fulgido
 Sobre a mastreação!

Ao duro golpe, o rígido
 Arvoredo tremeu,
 E com horrendo estrepito
 Na tolda se abateu !

Na rota prôa, turbido
 Bramindo, o mar entrou ;
 Um turbilhão de victimas
 Comsigo arrebatou !...

Salta, rebenta, servido,
 Faz o casco estalar,
 Depois no abysmo tetrico
 Sumir-se e não voltar.

Soou um brado ultimo
 D'angustia, d'afflição,
 Cobrindo ao mar o fremito
 E a voz ao furácão !

Depois sinistra, lugubre,
 Triste a manhã rompeu ;
 No céu nublado e humido
 O sol não appar'ceu.

E lá na costa gelada
 Que dor, que angustia vae !
 Chora a donzella timida,
 Irmão, amante, ou pae !...

IV

O nauta ao porto proximo
 A terra não tocou;
 Que a sua luz fatídica
 Primeiro se apagou.

Eu tambem neste Golgotha
 Onde vivo a soffrer,
 A minha estrella vivida
 Verei desappar'cer?

E sem que a luz purpurea
 Da aurora que sonhei,
 Me faça ver o idolo
 Que nunca reneguei?...

Oh! minha estrella provida
 Conduz-me até ao fim;
 Sempre tua luz candida
 Brilhe só para mim.

Oh! guia-me bem rapido
 Ao porto que sonhei!
 Porque só a ti, credulo,
 A vida confiei.

V

Acaso, oh! rosa mistica
Podes-me abandonar,
Ao som das aguas, misero,
Perdido no alto mar?

Tu és o doce vinculo
Com que me prende amor;
E o teu brilho o balsamo
Que atranda minha dor!

E não te offusques timida
Por um mortal te amar;
Se és um anjo, salva-me,
Se luz, vem-me guiar.

Mas se teu brilho é perfido
E tem de se apagar;
Em tua ardente orbita
Oh! deixa-me abrazar.

Sendo teu fogo o thalamo
Que agora me seduz;
Será tambem meu tumulo
Depois de morta a luz.

XXI

NÃO AMES

Dizem teus olhos amor,
Amor a edade florida
Que revela o teu fulgor;
Logo ao começo da vida
Amor diz tua innocencia,
Teus sorrisos, teu pudor.

E tu com teu meigo olhar,
Procuras timidamente,
Amor na terra encontrar.
Mas, oh! virgem innocent,
Se a paixão dorme em tu'alma
Não a deixes despertar.

*

Por mim te posso dizer
 Que preço tem a ventura,
 Que o amor faz conhecer ;
 Pois com annos de amargura
 Tenho comprado no mundo
 Cada instante de prazer.

Oh ! não ames, anjo, não !
 Affasta de mim teus olhos,
 Fecho-me o teu coração ;
 A terra é cheia d'escolhos,
 Eu sou, como os outros homens,
 Um monstro de ingratidão.

Foge delles e de mim ;
 Não deixes tua belleza
 Immolar em vil festim ;
 Porque a bruta natureza,
 Estranha ao amor dos anjos,
 O goso só tem por fim.

Eu não te quero mentir,
 Se foi do céu que vieste
 Para lá torna a fugir ;
 Porque só o amor celeste,
 Amor que por Deus é dado,
 Tu'alma deve sentir.

O sacrificio que eu fiz,
Em te dizer a verdade,
Recusando ser feliz;
É porqne na tua idade,
Que não creias na virtude
Ainda o vicio não diz.

Não ames, pois; é fatal
Toda a paixão que na terra
Fere um peito virginal;
Daqui teus olhos desterra,
E procura os teus amores
Na patria celestial.



XXII

A. J. VIANNA

Tu que tens nas tempestades
A verdadeira poesia,
No poeta das cidades
Como has de achar harmonia?
Busca no mar e nos ventos,
Procura nos elementos
O que te não posso dar.
A terra não tem encantos,
Para quem conhece os cantos
Da voz eterna do mar.

XXIII

DEVANEIO

Veio a flor dos meus amores
Do ceu ;
E quem a viu entre as flores
Fui eu.

Como a violeta singella,
Nasceu ;
E no meu peito mais bella
Viveu.

Todos os olhos que a viam
Prendeu ;
Mas a quantos a seguiam
Perdeu.

Quando o amor que ella me tinha
Tremeu,
A fé que do céu me vinha
Morreu.

Minha fronte amortecida
Pendeu ;
A uma illusão perdida
Cedeu.

E o meu coração triste
Gemeu ;
Mas logo a ti que o feriste
Volveu.

Em mim o extremo amoroso
Cresceu,
E teu coração cioso
Venceu.

Trata sempre com brandura
O meu ;
Que só deseja e procura
O teu.



XXIV

PERDIDOS !

Eu nunca te quiz perder ;
Se tu perder-me quizeste,
Meu sér unindo a teu sér,
Dois desgraçados fizeste.
Ai ! nós ambos nos perdemos
E tu culpa não tiveste.

Se houve culpado fui eu ;
Quiz ler no teu pensamento
Não sabendo ler no meu !
Procurei no teu alento,
Para minh'alma captiva,
Esperança e salvamento.

Mas contigo me perdi ;
 Cuidava luz d'esperança,
 A luz que em teus olhos vi !
 E não sei n'esta mudança
 Se amar-te foi um inferno,
 Se uma bemaventurança.

Quem me pode perdoar
 As impiedades que digo,
 E as culpas de te amar ?
 Fui criminoso contigo ;
 Se agora tentas fugir-me,
 Eu, perdido, inda te sigo.

Temes das iras do céu ?
 Mas se nós ambos peccamos
 O mais culpado fui eu.
 Ambos do mundo fujamos,
 Que o perdão de Deus teremos
 No muito que nos amamos.



XXV

OS PIRATAS

• O'er the glad waters of the dark blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free,
Far as the breeze can bear, the bill we foam,
Survey our empire, and behold our home!
These are our realms, no limits to their sway—
Our flag the sceptre all who meet obey.
The Corsair — Byron.

Sobre as ondas do mar é nossa pátria
Onde reina commosco a tempestade;
Onde vive e não morre a liberdade,
E até onde nos leva o furacão!
Onde livres as almas e as ideias
Discorrem no horizonte sem barreiras;
Onde se humilham todas as bandeiras
Ao nosso obedecido pavilhão.

Olhai em torno: pelo nosso imperio
 Folgam ridentes, azuladas vagas;
 Doces perfumes de longiquas plagas
 Nos enviam as brisas sem cessar;
 D'uma ilha mesquinha onde nascemos
 O mundo quasi inteiro dominamos,
 E se por toda a terra não chegamos,
 Correm nossos navios todo o mar.

Quem se atreve a seguir a nossa esteira?
 Quando rugem iradas as procellas,
 Quem ousa, sem ferrar todas as vellas,
 Á furia da tormenta resistir?
 E quem conserva mastareus á cunha
 Quando joga o navio em calmaria?
 E quem por negras noites ousaria
 Inimigas esquadras perseguir?

Só nós; ao sofrimento indiferentes,
 Que do polo do sul ao polo norte,
 Zombando dos perigos e da morte,
 Não sentimos dos tempos o rigor;
 Só nós podemos dominar as ondas!
 Embora nos alcunhem de piratas,
 Mas aonde não vão nossas fragatas
 Tambem os mares não terão senhor.

Deus formou para nós os elementos,
 O homem para nós fez os navios;
 Nasceram os canhões de nossos brios,
 De nossas armas o terror nasceu.
 Vôa connosco o anjo da victoria
 Submissos povos para traz deixando,
 Vão nossas baterias arrazando
 Toda a barreira que ante nós se ergueu.

São de ferro e de bronze nossas quilhas,
 Em nossas bordas não penetra a bala;
 E nossos mastros, quando o raio estala,
 Ficam immoveis contemplando os céus!
 E nem gemem sequer nossas enxarcias
 Quando do mar as alterosas vagas
 Nos atiram a cima das ostugas,
 Com os seus temerosos escarceus!

Corremos com os laizes sobre as ondas;
 O nosso pavilhão açoita os ares,
 A nossa artilharia varre os mares,
 E elementos e homens faz tremer.
 Nunca damos a pôpa aos inimigos,
 Nem as nossas bandeiras arriâmos;
 Mas os nossos paioes incendiâmos
 Quando já não podemos combater.

Se nos chamam corsarios e piratas,
 Quem do mar nos disputa o predomínio?
 Esses que pedem nosso patrocínio,
 Que só vivem de nossas protecções?
 Que offendidos de seus adversarios
 Só ousam revelar sua inergia,
 Quando os proteje a nossa artilharia
 E a sombra dos nossos pavilhões?!

Somos piratas, sim! porque das ondas
 Domam nossos navios os furores;
 Nosso imperio não soffre dois senhores,
 Nem o nosso poder um só rival.
 Mas ai! daquelles que nos conheceraam
 E o nome terrivel revelaram!
 Uma vez que piratas nos chamaram,
 O nosso imperio lhes será fatal!

As nossas prôas abrirão seus portos,
 E nós iremos, sem temer a guerra,
 Ao coração de sua mesma terra
 Pedir tributos a seus próprios reis.
 Levaremos a ruina ao seu commercio,
 E ás suas colonias as rapinas;
 E tudo deixaremos em ruinas,
 Ou tudo obedecendo a nossas leis.

Seu orgulho e seu nome despresando,
Calcaremos aos pés sua bandeira ;
Quanto mais a nação seja guerreira
Mais humilhada ficará por nós ;
E os escravos hão-de vir submissos,
Atterrados de ver nossas fragatas,
Implorar a clemencia dos piratas
Nas escadas dos nossos portalos.

Ai ! dos que cegos de vaidade estulta
Se atrevam a tomar-nos barlavento,
Pois o premio do seu atrevimento
Em nossas baterias acharão !
De sua audacia temeraria e louca,
Embora saibam perecer com gloria,
Nem as ondas do mar guardam memoria,
Nem os rapidos eccos do canhão.

Nós não sómos corsarios argelinos,
Ora vencidos ora vencedores ;
Captivos uma vez, e outra senhores
Dos navios suspeitos a fugir ;
Nós, jamais evitámos o combate ;
A luta para nós é a exsistencia ;
E quem offenda nossa omnipotencia,
Abatido ante nós tem de cair.

Livres corremos pelo nosso imperio,
 Com prazer aspirando a marezia,
 No monotono arfar da calmaria,
 E no rouco estridor dos furacões ;
 Somos piratas ! porém livres somos !
 E não ha maior bem que a liberdade,
 Que vem de Deus, do ceu, da immensidão,
 Das procellas, das lutas, dos canhões !

Oh ! livres ! como vôam nossas prôas,
 Por ondas livres que elles vão cortando ;
 E as aves livres pelo ar cançando
 Nos vem das vergas reposar no lais.
 Oh ! liberdade ! liberdade é a vida
 Que nós vivemos no deserto oceano !
 É livre o vento que nos enche o panno,
 Como as brisas que gemem nos estais.

Nos topes orgulhosos dos piratas,
 Fluctua a bandeira da victoria ;
 — Pelejar e vencer—eis nossa historia,
 Todo o nosso futuro é pelejar.
 Quando nossas insignias se arriarem,
 Não por nós ! mas por mão desconhecida,
 Ou os piratas não terão já vida,
 Ou já senhores não serão do mar.

Mas no tope da ultima fragata,
Ou na lancha do ultimo navio,
Sobre as aguas do mar, ou nas do rio,
Havemos defendel-as como a Deus !
Da bandeira nos vem o nosso alento ;
Não perdemos jamais a confiança,
Em quanto a vemos, astro d'esperança,
Como um signal a tremular nos ceus.



XXVI

O CAÇADOR E A TAPUYA

« Tapuya, linda tapuya,
« Que fazes no cacáoal! »
— Por aqui é meu caminho
Para ir ao cafezal.—

« Nem por aqui faz caminho,
« Nem ha café que apanhar;
« Tapuya, linda tapuya,
« Que vinhas aqui buscar? »

— Eu ia apanhar goiabas
 Para dar a meu irmão. —
 « Ficam á beira do rio
 « Não é n'esta direção. »

— Ando em busca de baunilha,
 Que minha mãe me pediu. —
 « Menina, nos cacaoeiros
 « Nunca a baunilha subiu. »

— Pois então... eu vou ao lago,
 D'onde meu pae hade vir... —
 « Ao lago por estes sitios !
 « Para que estás a mentir ? »

— Se o branco tanto pergunta,
 Que já não sei responder... —
 « Se tu dizer-me não queres,
 « O que vens aqui fazer ! »

« Todos os dias te vejo
 « No meu cacáoal andar ;
 « Sempre seguindo meus passos,
 « Meus olhos sempre a fitar.

« Pergunto-te o que me queres,
 « E tu olhas para mim ;
 « Ou para longe te affastas,
 « Sorrindo-te sempre assim !

« Vens assustar-me as cotias,
 « Pois nenhuma inda avistei ;
 « Mas se tornas a seguir-me,
 « A teu pae me queixarei ».

— Adeus, branco ; vou-me embora
 Para não tornar a vir ;
 Se o branco não achou caça,
 Não fui eu que a fiz fugir.

Não assusta a minha idade ;
 Que sou bella o branco diz ;
 Mas o que meus olhos mostram,
 O meu branco ver não quiz.

Eu sósinha atraç do branco,
 Pelo cacáoal andei ;
 E o branco vem queixar-se
 De que a caça lhe assustei !

Era a caça quem caçava
 Ao cego do caçador !...
 Quem vê tão pouco não caça,
 Que caça... adeus, meu amor. —

« Anda cá, linda tapuya,
 « Não vás assim a fugir ;
 « Tuas palavras tão doces
 « Volve, volve a repetir.

— Para traz não volve a caça,
Meu branco, aprenda a caçar;
Quem deseja caça fina
Deve-a saber farejar. —

Disse a tapuya, e na selva
Para sempre se occultou;
Mas o caçador das duzias
Parvo da caça ficou.



XXVII

PERDOAS-ME ?

Deixa-me ver no teu rosto
Os signaes do meu perdão;
Occulta-me o teu desgosto,
Que é minha condenação.
Por cada sombra que vejo,
Cobrir-te as rosas do pejo,
Dos remorsos sinto a dor ;
Oh ! perdõa meus ciumes !
Não me ouvirias queixumes
Se não fôra o meu amor.

É talvez grande maldade
 Atrever-me a murmurar,
 Do poder da divindade
 Que me pode castigar;
 Mas que queres? temo tanto
 Ver quebrar o doce encanto,
 Que teus olhos prende aos meus!...
 E se me não perdoares,
 A falta dos teus olhares
 Me fará descrever de Deus.

Eu confesso o meu peccado,
 Dóe-te do meu coração;
 Diz-me que estou perdoado,
 Por ter feito a confissão.
 Foi caso de consciencia...
 Mas não me dês penitencia,
 Que juro de me emendar.
 Sê hoje boa comigo,
 Porém dobra-me o castigo
 Quando eu tornar a peccar.



XXVIII

A MULHER DE MARMORE

Raphael

O fille de marbre ! fille de marbre.

Marco

Ah ! tenez, mon cher Raphael, vous êtes ridicule.

Les Filles de Marbre

Quem és tu? qual é teu ser?
És algum anjo de Deus,
Que anda na terra a soffrer!
És desses astros dos ceus
Em cuja luz pudibunda,
A natureza se inunda?
És uma dessas visões,
Que vivem na phantasia,
Sorrindo à melancolia
Das perdidas illusões?
Quem és tu, formosa imagem?
És filha de um sonho vão?
És... o que és? vaga miragem...

Tens ou não tens coração?
 Oh! não tens!.. tu és mulher:
 É pedra todo o seu ser.

Não tens coração; não tens
 Senão a dura materia,
 Onde nascem taes desdêns,
 E tanto orgulho!... miseria!
 É de desprêso esse riso?
 Mas sabes tu quem sou eu?...
 Posso expulsar-te do ceu,
 Ou levar-te ao paraíso!
 Posso dar-te um ceu d'amor,
 Ou um inferno de dor.

Sou poeta, eu: sou rei,
 O meu sceptro e minhas galas,
 Não qs ganhei pelas salas
 Onde ignaros dão a lei.
 Onde tu vives!... aonde
 Te querem como rainha...
 Onde o vicio-rei caminha,
 E a virtude a face esconde!
 E desses vassallos queres?
 Por esses me bas de trocar!
 Oh! como são as mulheres!...
 O seu prazer e reinar.

Reinar na sala, na praça,
 C'o a rasão, ou c'o a folia;
 Reinar até na desgraça,
 Inda que seja um só dia!
 Tarde, aí! só quando perdidas
 Se mostram arrependidas! ...

Mas desse prazer os travos,
 Tarde — embora! — chegarão.
 Em tua corte de escravos,
 Não terás um coração!
 Vê bem o que vaeis fazer;
 N'um momento de demencia
 Jogas a tua innocencia,
 Por instantes de prazer!
 Vê se tens a cobardia,
 Pelo gosto da vaidade,
 De aceitar a potestade
 Que orna mal uma agónia;
 De trocar por um dos teus
 Um poeta, um rei, um Deus!

Sou rei — sou Deus; — a poesia
 Brota do meu coração
 Em torrentes de harmonia,
 Nas horas da inspiração.
 O poeta é um rei, um Deus:

Tem de um Deus toda a grandeza,
 Quando á sua mente acesa
 Desce uma chamma dos céus!
 Quando invoca do passado
 Os reis, os povos, a historia;
 Quando canta uma victoria,
 Ou conforta um desgraçado.
 É sempre um Nume o poeta,
 Quando canta as desventuras,
 Ou das desgraças futuras,
 Se faz tremendo propheta.

Para ouvir-lhe o doce canto
 Param as ondas do mar;
 Comovidas com seu pranto
 Calam-se as aves no ar.
 Tem maior brilho as estrellas,
 Mais perfumes dão as flores,
 Se o poeta á vista dellas
 Canta e suspira de amores.
 Tornam-se as noites serenas,
 Mais branda a lua fulgura,
 Se elle conta as suas penas,
 Se lhe sorri a ventura.
 Até com os cantos seus
 Folgam os anjos de Deus!

Só tu me queres fugir...
Cheia de louca vaidade,
Só tu não queres ouvir
Como suspira a saudade !
E por quem me vaes trocar ? ...
Regeitas d'amor a palma,
E à turba que não tem alma,
Por vangloria te vais dar ! ...
Despresas um nome eterno
Em meus hymnos immortaes ;
Para seguir os venaes,
Deixas o ceu pelo inferno !
Ganhavas perpetua fama
Nos eccos da minha lyra ;
Nosso amor aos ceus subira
Cercado de ethérea chamma.
Em versos de ouro cantada
Serias, como Leonor ;
Como a Laura celebrada,
Tua vida fôra amor.
Oh ! não ! que o não merecias
Sempre marmore ficarias !

Vai ; quebrou-se o meu encanto,
Nunca mais has de ouvir queixas.
Sei que te aborrece o pranto,
Que zombas destas endeixas...

Vai; dura pouco a belleza,
E depois que ella passar,
Diz adeus á realeza,
Que não tornas a mandar.
Então, cheia de amargura,
Chorarás arrependida,
Sentindo acabar a vida,
Sem começar a ventura.
Não me sabes entender,
Porque não tens coração...
Mas concedo-te o perdão,
Para nunca mais te ver.



XXIX

O INVERNO

Hélas ! Comme tout ce qui s'en va, s'en va !

Victor Hugo.

Tu não vês, no principio do inverno,
Como os campos se despem de flores ?
Como as folhas, perdendo os verdores,
Cahem seccas e tristes no chão ?
E não sentes cahir como as folhas,
Pouco a pouco, levando-te a vida,
A esperança que morre opprimida
No silencio do teu coração ?

Quando já não exhalam as balsas
Os milhões de perfumes suaves,
Quando cessam os cantos das aves
E se cobre de nevoas o céu ;
Tu não sentes acerba tristeza
Que te vem recordar o passado ?
Que te diz que o inverno é chegado
E te envolve com gelido veu ?

Quando as aguas da chuva, em torrentes,
Se despenham do cimo dos montes,
E depois, trasbordando das fontes,
Espumantes se arrojam no mar ;
Tu não sentes com esse tumulto
Confrangirem-se os membros de frio ?
O pavor d'esse arruido sombrio
Na tua alma não sentes coar ?

Ai, feliz, se não ves e não sentes !
Se caminhas na terra ao de leve,
Sem tocar no sudario de neve
De que o sopro do inverno a vestiu !
Se em teu peito revive a esperança
Como ao prado revive a verdura,
És feliz ! oh ! feliz, se a tristura
Da saudade jámais te pungiu !

Ai, feliz ! és feliz se o inverno
 Te não diz em seu livo aspecto,
 Que, perdido o teu ultimo affecto,
 Da tua vida o calor se acabou !
 Mas eu não ! para mim tudo é morto ;
 E no meio deste ermo profundo,
 Diz-me o frio do inverno e do mundo,
 Diz-me tudo que a vida passou.

Para ti volverão outros dias,
 Outras noites de vivas estrellas,
 Outras horas de vida mais bellas
 Que jámais para mim volverão !
 N'este ceu carregado de nuvens,
 Onde vi toda a luz esconder-se,
 Novo sol para ti ha de erguer-se
 Com a aurora da nova estação.

Para ti a existencia começa,
 Tudo é riso, fulgor, alegria...
 Se a paixão te arrebata n'um dia
 Outro dia outro affecto volveu !
 Que te importa o inverno gelado,
 Se no teu coração innocent
 Pula o sangue de vida fervente,
 D'essa vida que ha pouco nasceu ?

Nem a pavida voz da tormenta,
 Quando incita do mar a braveza,
 Nem dos montes a rude aspereza
 Na tua alma diffundem pavor;
 Para ti o futuro é de rosas,
 Que te bordam a estancia da vida;
 Onde a terra parece despida
 Tu vês mundos de luz e de amor.

E eu não; com o gelido inverno
 Tenho frio, saudade, e receio...
 Oh! eu sinto apertar-se-me o seio
 E repito assustado — talvez? —
 Que apesar deste sol desmaiado,
 Cada hora que o vejo sumir-se,
 Os meus olhos parecem fundir-se
 Com desejos de o ver outra vez!

Para mim tudo é morto na terra:
 O que resta de mim não é vida,
 É a sombra que vaga perdida
 Dos regelos da morte a fugir...
 E fugindo procura saudosa,
 Nas memorias de extintos amores,
 Um espaço coberto de flores
 Onde possa tranquilla dormir.

XXX

DEVES AMAR

Laisse-toi donc aimer ! — Oh ! l'amour, c'est la vie,
C'est tout ce qu'on regrette et tout ce qu'on envie
Quand on voit sa jeunesse au couchant décliner.
Sans lui rien n'est complet, sans lui rien ne rayonne,
La beauté c'est le front, l'amour c'est la couronne.
Laisse-toi couronner !

Victor Hugo.

Quando me vi sem ventura,
E não quiz que partilhasses
Comigo a minha tristura,
Disse-te que não amasses :
Mas bem vês que foi loucura.
Porque amar-te não podia,
Na minha torpe avaréza,
Tambem ceder não queria
Tantas graças e pureza !

Que maus conselhos te dei !
 Porque amor me maltratava
 De amar tambem te affastei.
 Vingada estas, bem o vês !
 Eu venho agora pedir-te
 Que o teu affecto me dês,
 Porque não pude fugir-te.
 Sem amor viver quizera
 Porém vi n'essa demencia,
 Que é sem amor a existencia
 Um anno sem primavera.

Sabes que as flores singellas
 Seu perfume dando ao vento,
 Como o fulgor das estrellas
 Brilhando no firmamento,
 Dizem na terra e nos ceus
 Amor aos homens e a Deus ?
 Pois ama e serás feliz ;
 Receias amar ? loucura !
 Olha que o tempo te diz
 Que a mocidade não dura ;
 E traz velhice a esperança
 Com promessas de ventura.
 Que és tu sem amar ? que queres
 Que digam d'essa belleza
 Todas as outras mulheres,
 *

A quem manda a natureza
 Querer o que tu não queres ?
 Não vês que a flor quando nasce
 Logo tem aroma e côr,
 Que são indícios do amor ?
 E que na primeira noite,
 Logo depois de nascida,
 No ar derrama o perfume
 Que a outras flores dá vida ?...

Receias não ser amada ?
 Com essas faces radiantes,
 Com olhos tão scintillantes,
 Que mais que todas as flores
 Na terra espalham amores ?!...
 Pois eu, que só de te vêr,
 Só da tua companhia
 Sinto em meu peito acender
 Luz que em teus olhos ardia ;
 Eu, que á dor soccumbiria
 Se te chegasse a perder,
 Não te heide amar ? — desvario ! —

Quando encontrais os meus olhos
 Mudamos ambos de côr ;
 Eu, por ver como sou louco
 Em querer com tanto amor

A quem me quer com tão pouco.
 E tu ? nasce o teu rubor
 Da sensação mysteriosa,
 Que levando ao coração
 A innocencia da paixão,
 Traz ao rosto a cõr da rosa ?
 O teu silencio que diz ?
 Olha que se não amares
 Nunca podes ser feliz.
 Porém, cala-te... não falles,
 Que o olhar que me seduz
 Agora vejo animar-se
 D'uma viva e nova luz.
 É por mim essa mudança ?
 Ou tomei como esperança
 O que pode ser ainda
 O riso d'uma creança ?
 Mas a illusão é tão linda !
 Antes me quero illudido,
 Do que ouvir uma verdade
 Que me deixe arrependido !...

Não me digas a verdade
 Que pode ser crueldade.
 Dêves amar, se não amas,
 Que a paixão é como o dia ;
 As suas vividas flamas

Geram no mundo a alegria.
 Ama, sim, deves amar ;
 Gosa da tua existencia,
 Não deixes em vão murchar
 O viço d'essa innocencia.

Cede-me a flor da tu'alma
 Que não a sei profanar ;
 Minh'alma tambem é pura
 Sem pejo a podes tomar.
 Outro amor inda não tive :
 Se na minha fantasia
 Perpassam outras imagens,
 São fugitivas mirageus
 Que duram menos que um dia.
 Sonhos são ; viver sem elles
 Dado aº poeta não é ;
 Dos sonhos nasce-lhe a fé
 Por isso dura tão pouco !
 E por elle crer em sonhos
 É que o mundo o julga louco !
 Mas nunca amei, porque nunca
 Outros olhos como os teus,
 Se encontraram com os meus.



XXXI

FANTAZIA

NA BOCA DO AMAZONAS EM 1848

I

Sobre as aguas azues do mar profundo,
Ao declinar da tarde,
Banha o sol os seus raios derradeiros;
E o mar adormecido
Em torno dos rochedos,
Espreguiça o seu collo movediço.
A onda cubiçosa
Beja de vez em quando a roxa areia
Onde deixa vestigios
De suaves ternuras.
Aqui, sob os copados arvoredos,
Do bosque as divindades,
Aguardam a luz doce do crepúsculo
Para vir á clareira,
Dos perfumados zefiros

O premio receber de seus amores.
 A brisa esvoaçando
 Vae colhendo os aromas recedentes
 Da flor que desabrocha ;
 E n'outra flor vizinha,
 Depositando o germem amoroso,
 Novos seres fecunda !
 Nem uma nuvem pelos ceus se avista !
 A natureza inteira
 Parece adormecida !
 Mas em seu seio fertil continua
 O lavor mysterioso
 Que harmonisa e dá vida ao universo.

II

Solitario, nas praias do desterro
 Com a patria sonhando,
 Eu venho aqui adormecer saudades
 Diante do spectaculo
 Destas selvas immensas, que assoberbam
 As margens do oceano.
 Aqui, tardes inteiras suspirando
 Com os olhos na vaga,
 Que vae e vem, atravessando os mares,
 Como o meu pensamento,

Aqui meu coração saudoso geme.
 O involucro pesado
 Que me involve nos seios das cidades
 Eu sinto aqui romper-se;
 A viva luz d'uma existencia nova
 Meus olhos se descerram.
 O cheiro agreste que da selva emana,
 O cantico das aves,
 O fremito das ondas e dos bosques,
 O odôr da marezia,
 Esta harmonia estranha e mysteriosa
 Que as solidões derramam,
 Parece que embriagam meus sentidos
 Levando-me em espirito
 À patria, ao ceu, a regiões fantasticas.

III

Oh! como fica longe
 O meu paiz querido!
 Mas eu sou marinheiro! largo! aos mares!
 Eu não tremo das vagas alterosas,
 Que meu pae ensinou-me a despresal-as.
 Meu pae, o marinheiro
 De quem o mar tremia;
 Que por maior que fosse a tempestade

O panno, temerario ! não rizava !
 O leme subjugando, a borda toda
 Nas ondas mergulhada ;
 O laes cortando a vaga,
 A quilha fóra d'agua, as vellas todas
 Tufadas pelo vento da tormenta ;
 Os mastros enclinando, e as enxarcias
 Estalando, ou gemendo,
 Mas elle não cedia ! ...
 Cem vezes naufragou, cem vezes salvo,
 Aos restos dos navios abraçado,
 Lutando como o genio das procellas
 A navegar tornava,
 E a naufragios novos !
 Por fim nas vagas, como desejava,
 Achou sepulchro temeroso, immenso !
 Já morto e uma bala aos pés atada,
 Como do mar no fundo
 Não via o seu navio,
 Por tres vezesolveu ao cimo d'agua !
 Mas seus olhos cerrados já não viram
 Que outra mão empunhava ao leme a roda.
 Pois eu que sou seu filho
 Temerei as tormentas ?
 Oh ! não receio ! mas o meu destino
 É agora vagar n'estes desertos ;
 Errar por estes bosques e montanhas... .

E não é só da patria
Que hoje tenho saudades!...

IV

Tambem já, infeliz! d'amor suspiro!
Eu, que ria e zombava dos poetas,
Quando os via d'amor gemer escravos,
 Captivo sou agora!
Tornei meus inimigos muitos olhos
Que o fulgor das estrellas offuscavam.
O amor levantou á minha vista
 O veu mysterioso,
Que os mil segredos da belleza encobre!
Thesouros que não sonha a fantazia,
Encantos que o desejo não concebe
 Meus olhos viram!
E nem sequer um rapido lampejo
D'essa luz que a existencia vivifica
Foi do meu coração raiar nas trevas!
 Amor desesperou-se
De não ver succumbir tanta bruteza
Ao seu absoluto e eterno imperio,
E jurou que de mim se vingaria.
 Gastou mil artificios,
 Esperdiçou encantos;

Tentou da formosura a flor mais bella
 Empregar contra mim ; eu, ignorante,
 Das suas seduções escarnecia !

Desafiei as iras
 Da barbara creança,
 Exaltando o prazer da liberdade ;
 Alardeei a minha independencia,
 E disse que a paixão era mentira ;
 E o amor desvario,
 Porque amar não sabia !
 O meu erro fatal pagando agora
 Do vingativo Deus sôffro o castigo,
 E minha escravidão bem digo ainda !

V

Ardente fogo me devora o peito !
 E o meu sangue em turbilhões fervendo
 Salta de veia em veia !
 Rapidos me opprimem
 Desejos que a desejos se succedem !
 Desamparado estou ; amor, venceste,
 Mas não foste leal nos teus combates !
 Tu só, não me vencias ;
 Foste aos astros roubar o doce brilho,
 E n'uns olhos de fada

Forjaste o raio que feriu minh'alma !
 Mas quem é ella, a virgem innocent,
 Que serve de instrumento á paixão cega
 Do meu odioso barbaro inimigo ?

É filha destes bosques ;
 As amarellas flores do pau d'arco
 Lhe serviram de leito ;
 As assucenas bravas,
 Tecidas no cipó da salsarana,
 Lhe corðam a fronte.
 O curimbó, o cravo, e a baunilha
 Enfeitam as clareiras
 Aonde ella adormece,
 Em camas de jasmins e de verbenas.
 O sabiá suspira,
 E geme o juruti quando ella dorme ;
 E tudo em torno d'ella
 Descanta alegre quando nasce o dia,
 Vendo-a encher os cabellos
 De rosas mogorins e de baunilhas.

VI

Mas eu em vão a chamo,
 Invoco-a inutilmente,
 Meus suspiros, meus ais não a commovem ?

No cimo das florestas,
 Sobre as aguas do lago.
 Do Amazonas na rapida corrente,
 Pelas ondas do mar adormecido,
 No crepusculo das tardes,
 Nas nevoas matutinas,
 Eu vejo-a em toda a parte e a toda a hora!...
 Porém vejo-a fugindo
 De mim, do meu amor, de meus desejos!
 Oh! vingativo nume,
 Se já satisfizeste o teu capricho
 Meu coração domando,
 Que mais queres de mim? porque me negas
 Aquella que me fez teu tributario?
 Ai! horrivel verdade!
 Meu peito anceia com amor violento
 Pela filha d'um sonho mentiroso!
 Vingou-se Amor de mim! porém ao menos
 Tal como eu a sonhei nem tú, tyranno,
 Se te abrazáras em teu proprio fogo
 Acharias imagem tão formosa,
 Como a que vive em minha fantazia!



XXXII

A JOÃO DE LEMOS

1849

Tens um estro fulgurante,
Meu inspirado cantor !
O teu caminho brilhante
Abriu-o a mão do Senhor.
Elle te deu por thezoiros
Corões de verdes loiros,
Doce voz para cantar ;
E a mim, em vez de cantos,
Só me deu acerbos prantos,
E coração para amar.

Se não és dos orgulhosos
Que repelem com desdem,
Os testemunhos saudosos
Que da grandeza não vem,
Os meus afectos aceita ;

Nenhum coração regeita
 Afecto como este meu;
 Divergem nossas ideias,
 Porém eu tenho nas veias
 Sangue igual ao sangue teu.

Sômos ambos portuguezes,
 Livres ambos das paixões,
 Que nasceram dos revezes
 Das passadas dissensões.
 Se tu tens nobreza antiga
 A minha tambem obriga,
 Que a virtude é meu brazão.
 Tu és um rei da harmonia,
 E eu amando a poesia
 Desejo ser teu irmão.

Se temos diversas crenças,
 Foram irmãos nossos paes;
 Mas que importam diferenças
 Sendo nós ambos leaes?
 Eu adoro a liberdade
 Por que foi a divindade
 Que no berço me embalou;
 Criei-me junto com ella,
 E vendo-a joven e bella,
 Minh' alma se lhe entregou.

Vivi com ella nos mares
 No meio dos vendavaes;
 Da America nos palmares,
 E em seus rios colossaes.
 Toda a terra achei liberta;
 A minh' alma sempre aberta
 Captiva jamais se viu;
 E sempre o meu pensamento,
 Sem nenhum constrangimento,
 A minha voz traduziu.

Amei tudo quanto via
 Em liberdade viver;
 Tomei odio á tyrannia,
 Jurei guerra ao seu poder;
 E sem susto da metralha
 Já nos campos de batalha
 Contra ella o braço ergui;
 Já, nas fillas ignorado,
 Da liberdade soldado,
 Sua causa defendi.

E tu, vate harmonioso,
 Tu segues diversa lei;
 Eu só Deus julgo pod'oso,
 Tu julgas tambem o rei.
 Crença na infancia bebida
 48

Não pode ser esquecida,
 Nenhum de nós a perdeu;
 Tu sonhas com monarchia,
 E eu?... a esp'rança perdi-a,
 Mas a crença não morreu.

Que importa, nobre poeta,
 O que o futuro dirá?
 Nenhum de nós é propheta,
 E Deus o melhor fará.
 Para mim a liberdade,
 Para ti a magestade,
 Entre os dois eterno amor.
 Para nós é morta a guerra;
 Seremos sempre na terra
 Tu poeta, eu trovador.

Como tu tens da poesia
 Torrentes d'inspiração,
 Tenho tambem sympathia
 Brotando em meu coração;
 E foi por ella animado
 Que ao poeta sublimado
 Eu hoje ousei invocar;
 Quiz minha lyra singella,
 Na tu c'rôa tão bella
 Mais uma flor enlaçar.

XXXIII

O POETA EXPIRANDO

A. J. G. DA S. BARBOZA

O toi ! d'un feu divin préioense étincelle,
De ce corps périssable habitaute immortelle,
Dissipe ces terreurs : la mort vient t'affranchir !
Prends ton vol, ô mon âme ! et dépouille tes chaînes.
Déposer le fardeau des misères humaines,

Est-ce donc là mourir ?

Lamartine

I

Era uma tarde nebulosa e fria ;
O nordeste soprava ;
No olmeiro que as folhas despedia
A rola se acoitava,
E vendo a natureza tão sombria
Pelos dias do outono suspirava.

As plantas sem verdores
No jardim devastado,
Mostravam os furores
Do dezembro gelado ;
*

A meia encosta do visinho monte
 Um raio desmaiado
 Do sol, que se abysmava no horizonte,
 Cobria de tristeza o monte e o prado.

Além, no cemiterio, silenciosos,
 Da morte sentinelas,
 Os cimos dos ciprestes luctuosos
 Fitavam as janellas,
 D'onde partiam eccos dolorosos
 Ao quebrar-se uma lyra das mais bellas.

N'um pequeno aposento
 De poucos visitado,
 Tendo por ornamento
 A Deus crucificado,
 Jaz sobre um leito de madeira escura
 O vate sublimado,
 Que sentindo já perto a sepultura
 Não suspende seu cantico inspirado.

Duas santas irmãs da caridade,
 Aos-lados do seu leito,
 Lhe contemplam do rosto a magestade;
 E cheias de respeito,
 Se admiram de ver tanta piedade
 N'um ser que das paixões viveu sujeito.

Porque o poeta canta
 Deleites ou amores,
 Sua piedade espanta,
 Os outros peccadores!
 Oh! não, minhas irmãs, não são singidos
 Os ferventes louvores
 Que nós mandamos para Deus, erguidos
 Como perfumes de bemditas flores.

Pois sem religião não ha poesia,
 E quando nós cantamos,
 Dentro de nossas almas se allumia
 A fé que idolatramos.
 Inspira-se nos ceus a fantazia
 E não por este mundo em que vagamos.

Da morte pavorosa
 Ouvindo o son profundo,
 E vendo-a temerosa
 Do aposento ao fundo:
 Pela ultima vez empunha a lyra
 Que arrebatava o mundo,
 E com a voz aonde a vida expira
 Assim canta o poeta moribundo:

II

« Bem vinda sejas hora do repouso ! »
 Eu sei que tenho perto a sepultura,
 E que posso ámanhã chegar ao termo
 Do meu triste caminho d'amargura.

Ámanhã, quando a luz volver de novo
 A dar vida e calor ao novo dia,
 Eterna sombra cobrirá meus olhos
 Immoveis e ante o sol sem alegria !

As minhas mãos descairão inertes
 Sobre as cordas da lyra adormecida;
 Mostrarão os meus labios entre-abertos
 A ultima canção interrompida.

Recostada em meu corpo regelado
 Só minha musa se achará comigo ;
 De mim a morte afastará depressa,
 Amantes, filha, o derradeiro amigo !

Depois meus restos cobrirão de terra
 Os affectos, o orgulho, ou a piedade;
 E virá junto á minha sepultura
 Dizer-me adeus a ultima vaidade.

N'aquelles a quem amo, pouco a pouco,
 A magua irá cessando de perder-me;
 O tempo apaga todas as saudades,
 E em menos d'um anno hão de esquecer-me.

A mulher immortal pelos meus cantos,
 Nem essa ao menos me será constante?
 Essa que ha pouco meus sonoros versos
 Revelavam ao mundo a minha amante?

Essa viu-me no termo da existencia,
 E em vez de adoçar as minhas dores,
 Não esperou a morte do poeta
 Para ir procurar outros amores!

Deixando-me no leito da agonia
 Em busca do prazer correu furiosa;
 E ante os olhos do amante moribundo
 Nos braços d'outro se lançou radiosa!

E nos meus cantos vivirá seu nome,
 Sem que eu possa viver mais uma hora,
 Para tornar eterna a sua infamia,
 Vingando a injuria que me faz agora!?...

E eu gastei por ella a minha vida,
 Cantando e adorando seus encantos!
 Offendendo talvez o céu e a terra
 Com meu amor e desvairados cantos...

Mas perdo-o-lhe... e Deus que me perdoe
 O peccado de a amar tão loucamente,
 Quando em breve minh'alma fôr levada
 Aos degraus do seu throno omnipotente.

Talvez a minha morte dolorosa,
 Rematando tão rapida existencia,
 Alcance da divina misericordia
 O perdão dos meus erros e demencia.

Que venha pois a hora do descanso
 Libertar a minh'alma encadeada!
 Que anseia e tenta remontar-se aos ares
 Em procura da ultima morada.

Quem vela em torno a mim ? a caridade,
 Essa filha dos céus que á terra veio,
 Para dar á pobreza e orfandade
 Tão doce amor que não parece alheio !

Sois vós, minhas irmãs ? sede bem vindas,
 E abençoada seja a caridade !
 Sem ella eu morreria aqui sózinho,
 Esquecido por toda a humanidade.

O mundo inteiro me chamou poeta,
 Dizendo que meus versos viviriam ;
 Em suas línguas as nações mais cultas
 Os meus poemas ávidas vertiam !

E de mim leve orgulho a minha pátria,
 Chamando-me divino e inimitável !
 Mas deixa-me morrer ao desamparo
 Como o seu derradeiro miserável !...

Onde estão meus antigos companheiros,
 Os amigos do tempo da grandeza ?
 Ai ! aos pés do poeta moribundo
 Só enxergo a humildade da pobreza !

Leva teus cultos para novos astros
 Ó mundo enganador, cobarde, ingrato !
 Eu julgo-me feliz morrendo agora
 Já longe do teu vil infame trato.

Nem sequer esperou meu egoísmo
 Que meus olhos cerrasse a morte fria !
 Como já te não sirvo me abandonas,
 Desertaste ao saber que eu morreria !

Que importa ? um raio deste sol que foge
 Vale mais do que tu, e eu vou perde-lo !
 Conhecendo quem és n'este momento,
 Da morte com prazer sinto o regalo.

E se me fica no teu seio immundo
 Um só amigo, que por mim suspira ;
 Um coração que o meu adivinhara,
 Mais amigo do homem que da lyra :

A esse coração lego as memórias
 De mim, da minha vida e meus amores ;
 E não lhe peço para a minha campa
 Nem uma c'rda de modestas flores.

Estatuas, bronzes, epitaphios, versos,
 Monumentos eternos da escultura ;
 Eu imploro esse amigo generoso
 Que os affaste da minha sepultura.

Poucas palavras, uma vez por anno,
 No silencio da noite repetidas,
 Com voz imperceptivel para o mundo
 Para serem de Deus sómente ouvidas.

Eis o que peço, ó coração saudoso !
 Dá-me por monumento uma oração ;
 E deixa embora destruir meus cantos,
 Que Deus por elles não me dá perdão.

Ora por mim nos meus anniversarios,
 Maior poeta ficarás do que eu,
 Pois se minhas canções na terra vivem
 Podem as tuas conduzir-me ao céu. »

III

Disse o poeta ; a morte silenciosa,
 Na porta do aposento

Hesitou por instantes, duvidosa
 Se devia cortar tamanho alento ;
 E, pela vez primeira, dolorosa
 Julgou sua missão neste momento.

A duvida foi breve; um passo avança
 E a mão descarnada,
 Assugentando a face da esperança
 Na alma do poeta reclinada,
 Sobre o peito do misero descança,
 Cortando-lhe a existencia atribulada.

Cahiu no chão a harmoniosa lyra,
 Ouviu-se um ai sentido ;
 Era o adeus da alma que partira
 Quando a lyra das mãos tinha cahido ;
 E apenas uma para os céus fugira
 Tinha a outra na terra adormecido.

Já o sol no horizonte não mostrava
 Do dia a claridade ;
 E da morte o silencio só quebrava
 A fervente oração da caridade,
 O soluçar do amigo que chorava
 Pelo amigo desrido á eternidade.

Vive eterno seu cantico inspirado,
Mas o homem descança
No sepulchro de todos olvidado ;
E só n'um coração vive a lembrança,
Porque acceitou ao vate sublimado
De orar por elle a piedosa herança.

O mundo, a sua patria, os seus amores,
O poeta esqueceram ;
Do seu jardim as derradeiras flores
Do amigo saudoso as mãos colheram,
E o ramo secco sem arôma e côres
Em sagrada reliquia converteram.

E cada anno que a terra desfallece
Da verdura despida,
O ramo secco aos olhos reflorece
Como a lembrar a oração pedida ;
Porém logo que a Deus se envia a prece
Tornam as flores a ficar sem vida !



XXXIV

SOBRE O ROCHEDO

Aqui onde a terra acaba,
Sobre um rochedo isolado
Pelas ondas carcomido
E dos ventos açoitado,
Aqui, fugindo do mundo
Eu venho chorar meu fado.

Sóbe a onda pela rocha
Do nordeste ao sibilar ;
Um navio em panos largos
Vejo ao longe a velejar ;
Ouço a voz dos marinheiros
Alegre saudando o mar.

Oh ! se eu partilhasse agora
Esse viver vacillante
Do marinheiro, que a vaga
E o vento levam distante ;
Essa vida aventurosa
Que arrebata o navegante !

Oh ! se eu tivesse a ventura
De poder hoje partir,
Em busca de novos mares
E novos céus descobrir !
Se eu podesse destas praias
Os meus olhos despedir !...

Oh ! feliz, se neste instante,
Cessando o meu desvario,
Visse fugir esta rocha
Da popa do meu navio !
Nunca mais molhára a quilha
Nas turvas águas do rio !

Com perigos me esquecera
Das saudades do passado ;
Meu coração se tornara
Do balanço apaixonado,
E abordo do meu navio
Seria o mundo esquecido.

Que me importavam os cantos,
 Os meigos sonhos do amor ?
 Na terra tudo é mentira
 Tudo é vã e enganador.
 Onde reina a hypocrisia
 Só se dá bem o impostor.

Ai ! se no mar eu me visse
 Achára lá mais poesia !
 No clamor das tempestades
 Ha magestosa harmonia ;
 E tambem hymnos parecem
 Os ruidos da calmaria.

Levae-me, ó ondas, levae-me,
 Aonde ninguem chegou :
 Aonde só mar e vento
 Deus até hoje mandou ;
 Aos sitios desconhecidos
 Que a minha mente sonhou !

Levae-me longe da terra,
 Aonde fica perdida
 A flor da minha existencia
 Por estranhas mãos colhida ;
 Aonde vive a esperança
 Para mim desconhecida.

Ai! surdas ao meu pedido
 As vagas passando vão;
 Some-se ao longe o navio
 Levado da viração;
 Em suas vellas me foge
 Mais uma doce illusão.

Todos podem ir correndo,
 Em procura de outro ceu;
 A todos o mundo é livre,
 Todos vão — fico só eu;
 N'esta rocha encadeado
 Como um novo Prometheu!

Vôa em vão meu pensamento
 Dos horizontes além;
 Meus passos ficam suspensos
 Onde o mar pâra tambem;
 Por isso a todas as horas
 Minh'alma aqui chorar vem.

Adeus rochedo isolado
 Batido do mar e vento;
 Amanhã virei de novo
 Dizer-te o meu sofrimento,
 Até que Deus me permita
 Seguir o meu pensamento.

XXXV

A NUVEM E A TORMENTA

Immovel dorme na região dos ares
Formosa nuvem que reflecte o sol;
Talvez gerada no vapôr dos mares,
Ou nas nevoas cinzentas do arrebol.

Pouco a pouco se tornam suas cores
Diafanas e alvas como um veu;
E vão-se dilatando os seus vapores
Até a nuvem se esvair no ceu.

Mas em breve apparece novamente,
Já mais inchada condensando o ar;
E descendo depois ao mar fervente
Vae no seio das ondas mergulhar.

Tomando as formas de gigante immenso
Devora as aguas onde foi descer;
Colosso enorme sobre o ar suspenso
O horizonte começa a escurecer.

Estende as garras pelo firmamento,
E c'o as fauces atrae o furacão;
Derramando na esphera o seu alento,
Fuzila o raio e ouve-se o trovão.

A nuvem precursora da tormenta
As aguas lança que no mar bebeu;
E a tempestade em destruir sedenta
Nos mastros do meu brigue se abateu.

Vergas estalam, vôle o panno em tiras,
Vem ao convéz um mastareu cair;
Redobra o furacão as suas iras,
Pelas bordas o mar sóbe a rugir.

Dos elementos a feroz discordia
O ceu cobre de negra cerração;
Mas os olhos da Eterna Misericordia
Enxergam atravez da escuridão.

Já meu navio com o tempo corre;
Mas a vaga espumando no convéz,
De ouvir magoada o temporal que morre
Cubiçosa ao fugir me lambe os pés.

*

Deus é grande ! a devota marinhagem,
 Implorando-o, á manobra se lançou ;
 E não foi só o zelo e a coragem
 Quem do certo naufragio nos livrou.

Extinguiu-se a tormenta, ó marinheiros,
 O serviço um instante abandonae ;
 E ao som cadenciado dos banzeiros
 De joelhos comigo a Deus orae.

Para que nos defenda eternamente
 Das tormentas do mar, e das paixões ;
 Que umas levam a vida de repente,
 As outras lentamente os corações.

Ha pouco vistes essa nuvem bella,
 Alva, purpurea, de variada cor,
 Dos seios vomitando uma procella
 Que a natureza revestiu de horror !

Pois, como a nuvem, as paixões violentas
 Nascem brandas no humano coração ;
 E depois crescem mais do que as tormentas
 E causam maior mal que o furacão.



XXXVI

A ORAÇÃO

Tu sola
Sorgi al mio labbro, flebile preghiera,
Sorgi dal cor, cui dolce idea consola
Di calma vera.
Mancini.

Nasce o dia; — a natureza
Do veu da noite despida,
Apparece em toda a terra
De novas galas vestida.

A manhã surge formosa
Cercada de rubras cores;
E nos prados desabrocham
As lindas mimosas flores.

Nos salgueiraes e vimeiros
Ouve-se o cantor plumoso,
Ternas queixas entoando,
Dos seus amores saudoso.

Dormiu só dentro do ninho
Junto á penna derradeira,
Caida das azas mortas
Da perdida companheira.

O seu canto não cessava,
Quando a amante inda vivia ;
Cantava a todas as horas,
Quer da noite quer do dia.

Agora ?... o canto nocturno
Inspira maior tristeza,
Mas o rouxinol só canta
Quando ri a natureza.

Brilha ainda sobre as plantas
O orvalho da madrugada ;
Cobre ainda os altos montes,
Alva nevoa condensada.

Começa o ruido da terra
Nos campos e povoados,
Repelindo hymnos eternos,
Para Deus alevantados.

Abrem-se as portas da ermida
E o christão n'ella se lança ;
C'o a prece n'alma e nos labios
Busca a fonte da esperança.

O velho cura das almas,
 Sahindo do presbyterio,
 À capella se incaminha
 Atravez do cemiterio.

Ao passar, a um lado e outro,
 Vae orações espalhando
 Sobre os que dormem nas campas,
 E sobre os que vão passando.

Ante a sua fronte augusta,
 Pelas virtudes sagrada,
 A mãe que chora a filhinha
 Vae curvar-se resignada.

Consolam-se os desgraçados
 Que uma vez o tem ouvido ;
 Para Deus, com seus conselhos,
 Muitas almas tem colhido.

E Deus tomando-as em conta
 Ao patriarca da aldeia,
 Mostra que atraç de seus passos
 A fé mais viva se ateia.

Entra na ermida — e o povo
 No mesmo instante ajoelha ;
 E além todo o horizonte
 Se tinge de côr vermelha.

**Surge o sol — e o sacerdote
De Christo e sangue levanta ;
Prostram-se todos os mundos
Ao erguer da hostia santa.**

**Ora toda a natureza ;
Toda a terra, mar e céus,
Dizem Sanctus, Sanctus, Sanctus,
Ante a imagem do seu Deus.**

**Cada vez que nasce o dia,
As vozes da criação
Unem-se todas no mundo
Repetindo esta oração.**



XXXVII

A FLORESTA VIRGEM

Salve, imagem do eterno paraizo,
Fonte de inspirações e melodias !
Tu és a patria da verdura eterna,
O reino das eternas harmonias !

Immenso templo, magestoso, infinito,
Erguido pelas mãos do proprio Deus !
Tendo milhões de cedros por columnas,
E por tecto as abobadas dos ceus.

Mas eneobrem o azul do firmamento
Fantasticos ornatos de mil cores ;
Se falta a luz, sobejam os perfumes,
Quem estrella procura encontra flores.

Por toda a parte vividas se abraçam
 Mil variadas familias de cipós ;
 Ipecacuanhas, guapohis, baunilhas,
 Salsas, carajurtis, ou curimbós.

Só bem do chão aos cimos elevados,
 E do arvoredo os ramos enleando,
 Descem do lado opposto para a terra
 Onde novas raizes vão lançando.

Como o apparelho d'uma nau colosso,
 Fingem estes enxarcias e brandaes ;
 Outros, prendendo em arvores diversas,
 Parecem-se aos cabrestos e aos estaes.

Entre os braços, escotas, e amantilhos
 Cruzam brios, estingues, e bolinas ;
 Cabos de laborar, e cabos fixos,
 Para vellas redondas ou latinas.

Sergideiras, adriças, endrebellos,
 Amarras que não cabem em baileus ;
 Estralheiras mais fortes do que o linho,
 Que farão rebentar os arganeus.

Ha tudo aqui ! E dos cipós immensos
 Pendem flores e fructos differentes ;
 Caprichosos na forma e multicores,
 Gigantescos, formosos, recendentes.

No denso, emmaranhado labyrintho
 Não podem os meus olhos penetrar ;
 E ao aspecto selvagem da floresta
 Os meus passos recusam avançar.

É tudo grande, magestoso e fero,
 Fructos, flores e arvores possantes !
 Um mundo de verdura os céus ameaça
 E a terra esmaga sob os pés gigantes.

Oh ! Senhor ! e lançaste cá na terra
 O homem que estas selvas hade abrir !
 Nas mãos do pigmeu puzeste a força
 Que pode as tuas obras destruir ! ...

Serão estas florestas abatidas
 Por uma tão pequena creatura ! ?
 Oh ! perdão, Senhor ! o genio do homem
 Não se deve medir pela estatura

**Tu creando-o pequeno lhe disseste
Que o fazias o rei da criação ;
E elle ousa tocar nas maravilhas
Que alevantára tua propria mão !...**

**Onde tu cultivavas os palmares
Ousa elle erigir suas cidades ;
E sobe, audaz ! á região dos ventos
Sem receio das tuas tempestades !**

**Muda teus rios, os teus mares corta,
E teus astros fitando sem temor,
Pergunta á natureza os teus segredos,
Oppondo aos teus prodigios o vapor !**

**O louco ! mas perdoa o seu orgulho,
Quando o cegam os vãos da sciencia ;
Elle sabe que o fogo do seu genio
Traz o impulso da tua omnipotencia.**

.....

**Nos paizes d'Europa não se criam
D'estes matos e selvas colossaes ;
As arvores são lá menos altivas,
Mais humildes os verdes pinheiraes.**

Aqui crescem os cedros gigantescos ;
 E vão até ás nuvens as palmeiras ;
 E lá são infiezados os carvalhos,
 E não chegam a bosque as oliveiras.

Aqui tudo é formoso, immenso, eterno,
 Mas não posso julgar-me aqui feliz...
 Porque além, onde tudo é mais modesto,
 Lá fica a minha patria, o meu paiz.

O ceu é lá mais doce, o ar mais puro,
 E mais branda e suave a natureza ;
 Aqui tudo é maior, porém minh'alma
 Não se assusta ao aspecto da pobreza.

Rugidos, gritos, eccos mysteriosos
 Quebram de vez em quando a solidão ;
 Interrompendo o fremito das selvas
 E o pavor conduzindo ao coração.

E lá é tudo paz ou doce ruido,
 Que se interrompe ao acabar o dia,
 Recomeçando na manhã seguinte
 Quando os sinos redobram d'alegría.

Aqui, do meio das soberbas flores,
A cabeça do tigre vejo erguer;
Molha os fructos a baba das serpentes,
E apparece o terror junto ao prazer.

E lá tudo é pacifico e tranquillo,
As nossas flores não encobrem feras;
E cada anno os saborosos fructos
Renascem como as novas primaveras.

Nos nossos campos vivem mansos gados,
Que á mão que os amansou tomam amor;
Aqui, se encadeassem estes monstros,
Elles devorariam seu senhor.

Mas fosse a minha patria mais humilde,
Nunca della no exilio me esquecera;
Só não tem coração quem não suspira
Pela terra do berço onde nascera.



XXXVIII

A HUNGRIA

1848

Infelizes! Da turba guerreira
Fica um resto, que prompto a morrer,
Cobre a face o' o a rota bandeira,
Para os meus a effronta não ver!

Mendes Leal.

I

Da revolta o clarim nos montes sóa,
Aos valles desce, pelos campos vôa
Fallando em liberdade ao coração;
E a nação, dos tyrannos fatigada,
Ergue ás mãos ambas sua rija espada
Com furor saccodindo a escravidão.

Liberdade! — repele o povo inteiro
Espedaçando o jugo do estrangeiro,
Que sua nobre terra avassallou;
Liberdade! — era o hymno da esperança
E ao mesmo tempo o grito da vingança
Que o poder dos tyrannos provocou.

Liberdade! — eis o nome que levanta
 Esse povo correndo á guerra santa,
 Aonde a independencia lhe reluz.
 Não se extremam os sexos e as idades;
 Combatem pelas patrias liberdades
 Com a espada, o punhal, e o arcabuz.

Voam dez esquadrões á rédea solta
 Conduzindo o estandarte da revolta,
 Que deve toda a Hungria libertar.
 Contra as hordas do fero despotismo
 Praticam mil prodigios de heroismo
 Os que querem a patria resgatar.

Agora ninguem pôde dominar-los!
 A terra escarvam seus leaes cavallos,
 Mordem freios com ancias de correr!
 E livres como os bravos cavalleiros,
 Galgam vallados, pantanos, e outeiros,
 Ajudando seus donos a vencer!

O espaço, ardentes, na carreira imbebem,
 Mas se nas luctas do Senhor percebem
 O braço e duros golpes affrouxar,
 Voltam, fogem com elle ao inimigo
 E, desmaiado ou morto, o seu amigo
 Reconduzem fieis ao patrio lar!

Oh! raça illustre de corseis brioso!
 Valerão teus instintos generosos.
 A teus nobres senhores e paiz?
 Ou este alegre, entusiasmado povo,
 Depois da guerra curvará de novo
 Ao jugo dos estranhos a cerviz?

II

Em vão, desgraçada terra,
 Os teus valentes armaste!
 Em vão na escola da guerra
 Alguns heróes alcançaste!
 Para oppôr tua justiça,
 Dos estranhos á cubiça,
 Devias ter mais canhões.
 Não pode haver liberdade
 Onde as leis são a vontade
 Dos mais fortes esquadrões.

De novo o céu te condena.
 Aos ferros do captiveiro;
 Do Danubio até ao Sena.
 Tremula o pendão guerreiro;
 Corre ás armas toda a gente,

Do norte até o occidente
 Para te vir algemar..
 A Russia, a Allemanha, a França,
 Um quarto do mundo avança
 Para teus campos talar.

Não ouves confusa grita
 Na fronteira da Esclavonia ?
 É da horda moscovita
 Dos tyrannos da Polonia.
 Das bandas da Lithuania,
 Do Don, do Caucaso, e Ukrânia
 Surge immensa multidão ;
 O feroz kalmuko avança,
 E o Cossaco estende a lança
 Dividindo o seu quinhão.

Fartar ! fartar, salteadores !
 Fartar, canalha d'escravos !
 Devastae, vis oppressores,
 A terra santa dos bravos !
 Vinde oh ! filhos de Vienna,
 Filhos dos heroes de Jena,
 Vinde, franceses lóaes !
 Que importa o odio passado ?
 Já Moscow foi apagado
 E os Cossacos abragaes !...

Do povo as luctas supremas
 Encerram altos mysterios ;
 Para a este dar algemas
 Se cançaram tres imperios !
 Mas vencida foi a Hungria,
 Folga pois, oh ! tyrannia,
 Opprime-a com seu poder ;
 Que a liberdade não morre ;
 Se ninguem hoje a soccorre,
 Deus a virá proteger.

Volvem os ultimos bravos
 Da patria aos lares sagrados,
 Onde vão curvar escravos
 Os seus membros mujilados !
 Para outro, apoz a guerra,
 Vão lavrar a mesma terra
 Que o martyrio lhes sagrou !...
 Para o despotismo bruto,
 Com suor molhando o fructo
 Que o seu sangue secundou.

Exultae, reis deshumanos,
 Algozes da liberdade !
 A historia chama aos tyrannos
 Flagellos da humanidade.
 Folga, oh ! despota do Sena,

*

**Mas olha que em Santa Helena
Outro maior succumbiu !
E a esse perdão a historia,
Não por sua immensa gloria
Mas pela dor que o pungiu.**

**Esse ao menos a memoria
De Alexandre recordava ;
E dos loiros da victoria
Seu despotismo adornava.
Esse ao menos não fingia,
Como o Cesar combatia
Pelas mesmas condições ;
E como o Cesar vencendo
Ia o seu poder fazendo
Equal aos seus batalhões.**

**Mas esse, como Tiberio,
Revelava os seus intentos,
Do consulado ao imperio
Gastando apenas momentos...
Esse, erguendo a forte espada,
A velha Europa aterrada
A seus pés ia cahir ;
E elle, o genio profundo,
Era grande, porque o mundo
N'um imperio quiz fundir ! ...**

Porém tu, republicano,
 Teu braço perjuro armaste ;
 E ao livre povo romano
 Os pulsos de novo ataste,
 Do Beresina esquecido,
 Com a Russia agora unido
 Vaes a Hungria escravizar !
 Eis teus feitos ! É teu vulto
 Á liberdade um insulto
 Que os povos hão-de vingar.

O que vale o nome herdado
 Do prestigio inda brilhante,
 Sem a espada do soldado,
 Sem as forças do gigante ?
 Se te exalta um povo louco,
 Ouviste-o pedindo ha pouco
 A morte do proprio rei...
 Tremie pois que, vinda a hora
 Da justiça vingadora,
 Te condemne a mesma lei.

III

E elles cairam, os heroes da Hungria,
 Caíram nos abertos parapeitos

Glorificados por seus altos feitos,
 Cobertos de seus rotos pavilhões !
 Ide alli aprender, povos da terra,
 Como se morre com eterna gloria,
 E como o vencedor paga a victoria
 Quando tem a vencer taes campões !

Por cada bravo que cerrára os olhos,
 A morte preferindo ao captiveiro,
 Dez soldados do exercito estrangeiro
 Com rugidos de dor mordem o chão ;
 Dão aos infernos as damnadas almas
 Blasfemando contra o céu e a terra ;
 E contra aquelle que os mandou á guerra
 Lançando a derradeira maldição !

E os filhos da Hungria, succumbindo,
 Morrem certos que o sangue derramado
 Deixa o solo da ideia secundado,
 Reservando seus fructos ao porvir ;
 E que ao sagrado amor da liberdade
 A prova do martyrio retempera ;
 E que o sangue vertido regenera
 Os que para vingal-o hão-de surgir.

Oh ! mas não lastimeis os que ficaram
 Sem achar no fragor de cem batalhas,

As glorioas celebres mortalhas
 Que a maior parte da naçao achou !
 Missão tambem illustre cabe a estes
 Que é fazer de seus netos bons soldados,
 Para um dia cumprarem os legados
 Que a morta independencia lhes deixou.

Encaminhae-os pois, briosos velhos,
 Porque os não degenera o captiveiro ;
 E todo o que receba do estrangeiro
 Um servigo, um emprego, um só favor,
 À face do paiz seja infamado !
 Renegue-o a familia e seus amigos ;
 Similhante ao ~~mais~~ vil dos inimigos,
 Morra pelo punhal como um traidor !

E depois, quando o dia for chegado
 De invocar novamente a liberdade,
 Não mancheis com inutil cruidade
 A victoria que certo alcançareis ;
 Mas se não a ganhades, como os Decios
 Não vos deis dos infernos à potencia ;
 Morrei antes c' o a vossa independencia,
 A novo captiveiro não torpeis.

XXXIX

A UMA JOVEN BAHIANA

Pedes-me um hymno sómente,
E não vez que o teu paiz
Com hymnos d'amor fervente
O ceu e a terra bemdiz!

Se a brisa nocturna incensa
O ar em torno de ti,
Não ouves na selva immensa
Os cantos do juruti?

Canta a floresta e as aves,
As flores, o lago, o ceu;
Tudo são vozes suaves
Na patria que Deus te deu.

Como pois se atreveria,
Minha voz a murmurar,
Onde tudo é melodia
Que só Deus sabe imitar?

A poesia verdadeira
Que busca o teu coração,
Vive à sombra da palmeira
Dos bosques na solidão.

Lá cresce a rosa selvagem
Ao pé da brava cecem,
E da magnolia á folhagem
A rôla suspirar vem.

Em torno à tua existencia
Lançando os olhos, que vez?
Amor, ternura, indolencia,
Uma eterna languidez.

Não busques pois a poesia
Do poeta nas canções;
Pede ás selvas da Bahia
Mais doces inspirações.

— — —

**Eu amo o teu paiz, virgem formosa,
Eu amo a tua terra hospitaleira ;
E sinto a minha musa inda chorosa
Com saudades da terra brasileira.**

**Lá passei minha infancia descuidada ,
Seus bosques me inspiraram a poesia ,
Despertando em minh'alma apaixonada
Os primeiros instintos da harmonia.**

**Eu amo a tua patria e seus verdores ,
Os seus rios, seus lagos, e cidades ;
Suas aves, seus cantos, seus amores ,
Tudo em meu coração deixou saudades.**

**E tudo me roubou o meu destino
Para longe impellindo a minha vida ;
Mas tu ao teu paiz leva o meu hymne ,
Oh ! flor, nas praias do Brasil nascida.**



XL

FILHO E MÃE

« Adeus, mãe, adeus... » Menino,
Filho do meu coração,
Onde vaes tão pequenino ? —
« Correr mundo é meu destino,
Deus me dará protecção.
« Adeus, mãe... » — Oh ! filho meu,
Porque não vives contente
C'ó a sorte que Deus te deu ?
Tua mãe é tão doente !... —
« Mãe, se me não deixas ir... »
— Que fazes ? — « Oh ! mãe, contente !... »

— Se não deixo ?... — « Hei de fugir. »
 — Filho ! — « Perdão... é destino. »
 — Mas tu és tão pequenino... —
 « Adeus, mãe ; eu vou partir. »

— Só tens dez annos, creança !
 Com essa idade onde vae ? —
 « Mãe, tenho em Deus confiança,
 Não preciso nada mais. »
 — Vae, meu filho ; dizes bem,
 Quem põe no ceu a esperança
 É que no mundo a não tem.
 Vae, menino, vae, querido ;
 Eu fico sempre a chorar,
 Pelo meu filho perdido... —
 « Não chores que hei de voltar.

« Hei de trazer um thesoiro
 Das terras d'álem do mar... »
 — Oh !... — « De grossas contas de oiro
 Te hei de fazer um colar.
 Não chores, oh ! mãe querida,
 Não chores que hei de tornar, »
 — Ai ! filho da minha vida
 Nunca mais te torno a ver !
 Filho, não vás, não me deixes
 Que não te quero perder. —

« Mãe... » — Não quero! — « É meu destino... »
 — Não quero! que vais morrer... —

« Vou em busca da riqueza,
 Oh! mãe confia no céu... »
 — Não, não, eu quero a pobreza
 Ao lado do filho meu.
 Não sejas ambicioso,
 Filho do meu coração... —
 « Mãe, no instante doloroso
 Da nossa separação,
 Roga por mim ao Senhor... »
 — Se rogo! bem sei de certo,
 Oh! filho do meu amor,
 Que n'este mundo deserto
 Só me fica immensa dor!
 Ai! eu jamais te verei...
 Se tu sem mim não morreres,
 Eu sem ti não viverei. —

« Oh! mãe!... » — Parte, e se voltares
 Bem rico e muito feliz.
 E a tua mãe não achares...
 Não digas que Deus o quiz... —
 « Mãe!... » — Adeus; eu fico orando
 Porque sou mãe... — « Voltarei... »

— Lembra-te de vez em quando... —
 « Oh ! sempre me lembraré ! »

Partiu o filho ; e dez annos,
 Buscando a fortuna em vão,
 Só amargos desenganos
 Encontrou sua ambição.

Pensando na mãe que amava,
 Cuidando tornal-a a ver,
 Noite e dia se cançava
 C' o a desdita a combater.

Por fim vencido e quebrado,
 Mais pobre do que partiu,
 Ao seu ninho abandonado
 A saudade o conduziu.

Mas a mãe já não vivia
 Quando o triste alli chegou ;
 E deserta, muda, e fria,
 Sua ingrada encontrou.

Então no chão, de joelhos,
 Cae humilde a soluçar ;
 Ao lembrar-se dos conselhos
 Que não soube aproveitar.

Se a mãe tivera attendido,
Não fôra tão infeliz ;
Nem chorára um bem perdido,
Que em outro tempo não quiz.

—
Ai dos que não obdecem
À doce voz maternal ;
Que n'ella não reconhecem
Affecto mais que mortal !

—
Ai delles ! a desventura
Que não prevenir a mãe,
Ninguem, nenhuma ternura
A pode prever tambem.

XLI

A CORVETA

A CARLOS EUGENIO C. DA SILVA

I

Apenas se tornou geral a guerra,
As legiões francesas
Partiram com pesar da nossa terra,
Temeendo as represalias portuguezas.
Fazia o povo alarde
Do seu patriotismo e valentia;
O brio portuguez acordou tarde
Do sonno em que dormia...
Mas emfim despertou, e de maneira
Que, dentro em poucos mezes,
Ressurgiu a nação forte e guerreira
Dos bravos portuguezes.

II

Os navios de guerra que ficaram
 No Tejo abandonados,
 Logo rapidamente apparelham
 E foram artilhados.
 Uns tomaram distintos commandantes
 Ao mar habituados ;
 E a outros couberam ignorantes
 D'amor da independencia arrebatados,
 Que a manobra ignoravam ;
 Mas que faziam feitos sublimados
 Cada vez que os franceses encontravam.

III

Uma linda corveta
 De novo pintadinha,
 Que os franceses chamavam « Marieta »
 E que os nossos crysmaram « Douradinha »
 Pelo Tejo sabia,
 Com ordem de cruzar nas nossas costas ;
 E a instrucção dizia :
 « Os franceses que achar faga-os em postas. »
 21

IV

Fóra da Roca a pavida corvela
 Largava todo o panno,
 E deixava na alheta
 Um sulco immenso aberto no oceano.
 Era gentil navio !
 Nunca a prôa na vaga mergulhava ;
 E tinha tanto brio,
 Cada vez que o balanço o levantava,
 Que nem molhava o gio !

V

De vez em quando o casco descobria,
 E no cobre lucente
 Logo se reflectia
 O sol que despontava no oriente.
 A borda, a solavento
 Debaixo d'agua, apenas se descobre !
 Mas aguenta o navio tanto vento
 Que ninguem temerá que elle sogobre.

VI

Os mastros, o velame, e o apparelho,
 Tudo é novo e perfeito ;

Reluzem os metaes como um espelho ;
 As vergas com preceito
 Vão bem orientadas,
 Mostrando que o navio é commandado
 Por quem sabe das regras consagradas.
 Tudo vae arrumado ;
 Reina por toda a parte
 A ordem, um aceio deslumbrante ;
 Gosto, prudencia, e arte,
 Já se vê que reune o commandante.

VII

Sabe do seu officio ;
 E como tem de combater franceses
 Faz continuo exercicio,
 Para evitar vergonhas ou rgevezes.
 É um moço esforçado,
 Que se achar contendores,
 Ou elle hade ficar bem derreado
 Ou cumpridas as ordens sup'riores.

VIII

Com estes marinheiros,
 Quem estranha que fossemos outr'ora

*

Nos mares os primeiros?
 E talvez inda o fossemos agora,
 Se tantas coisas futeis
 Quizessem suprimir-se;
 Os generaes e exercitos inuteis
 Bem podiam fundir-se
 Em duas ou tres duzias de navios,
 Que trariam de novo
 Ao paiz os perdidos senhorios,
 E a opulencia ao povo.

IX

Trinta peças em suas baterias
 A corveta levava;
 Todas tão luzidias
 Que tudo no seu bronze se espelhava.
 A bordo havia um moço,
 Que o luzente metal aproveitava,
 Para arranjar o lenço do pescoço;
 E até dizem que alli se barheava.

X

Era o luxo do bravo commandante!
 Quando alguém exaltava

Dos seus canhões o brilho rutilante,
 Elle as mãos esfregava,
 E tomndo depois um ar profundo,
 Mentia como um mouro ;
 Pois com o ar mais serio deste mundo
 Affirmava que as peças eram d'ouro !...
 E tanto o repetia,
 Querendo persuadir quem o escutava,
 Que pouco a pouco a si se convencia
 E, por fim, que eram d'ouro acreditava !

XI

Não tinha outra fraqueza ;
 Era leal e intrepido soldado,
 E havia-o dotado a natureza
 D'um corpo agigantado.
 A sua marinhagem,
 Conhecendo-o apenas d'alguns mezes,
 Amava n'elle o genio e a coragem,
 Chamando-lhe o leão dos portuguezes.

XII

A corveta corria
 Sobre o dorso das vagas espumosas ;

O vento secco do nordeste enchia
 Suas velas airochas :
 Toda a gente do quarto se entretinha
 Em fazer alças, pinhas e gaxeta,
 Enfeites para a linda « Douradinha »
 Porque todos amavam a corveta.

XIII

O velho immediato,
 Bom marinheiro, um pouco rabujento,
 Porém homem cordato,
 Não antepondo os annos ao talento ;
 Andava passeando
 Na pôpa a barlavento ;
 E uma velha cantiga recordando
 Ouvia com prazer a voz do vento.

XIV

O moço commandante,
 Conhecendo a prudencia do segundo,
 Reposava um instante ;
 Não com o sonno placido e profundo,
 Proprio da mocidade,

Mas dormir desinquieto, entrecortado,
 Pela responsabilidade
 Do navio ao seu zelo confiado.

XV

Por ser dia, e mar alto,
 Nem por isso na maca se encostára
 Com menos sobresalto,
 Do que se em mar d'escolhos navegára.

XVI

Um grito do gageiro,
 Que da gavia chegou a seus ouvidos,
 O fez erguer ligeiro
 E no uso completo dos sentidos.
 — Navio a barlavento ! —
 Esse grito dizia,
 E logo o commandante n'um momento
 Para a tolda subia.
 « Onde está ? »— Pelo turco d'estibordo ;
 Parece uma fragata,
 E corre como nós no mesmo bordo
 Só em gavias e gata. —

XVII.

Deitou-lhe o oculo. « Espera que viremos
 « E por isso não larga todo o panno;
 « Pois não lhe fugiremos !
 « E, se me não engano,
 « Boa dança com ella dançaremos.
 « Senhor imediato,
 « Mande desatracar a artilheria;
 « Trabalhem com recato,
 « E cada um à sua bateria. »

XVIII

Depois, continuando
 A encarar o navio suspeitoso:
 « Elle já vem lufando !
 « E dentro em pouco, menos vergonhoso,
 « Tentará dar-nos caça,
 « Conhecendo que sómos portuguezes;
 Porém antes que o faça,
 « Nós iremos fallar aos seus franceses.
 Sei que são inimigos...
 Basta vel-os seguir o meu caminho,
 « Andando sem rebeça e papa-figos,
 « Com vento no focinho ! »

XIX

Apenas acabava,
 Fere os ares um grito do vigia,
 Que outra vella enxergava
 Nas aguas do navio que os seguia.

XX

« Dois navios ? embora ! ...
 « Vim talvez mais ao mar do que devia,
 « Mas dentro d'uma hora
 « Acharemos alegre companhia.
 « Já lhe ves a grandeza ? »
 Perguntou ao gageiro.
 — O segundo hade ver-se ahí da mesa
 E parece maior do que o primeiro.
 « O' mestre ! tudo claro
 « A virar por d'avante !
 « O que vamos fazer é talvez raro,
 « Mas que ninguem se espante. »

XXI

Voltando-se depois para o tenente :
 « Faça favor, senhor immediato,

« De chamar para ré a toda a gente,
 « Mas sem espalhafato. .
 « E ninguem me appareça na fileira,
 « Sem que tenha invergado o melhor fato.
 « Isto não é charrua cangalheira ;
 « E faço muito empenho
 « De mostrar aos franceses,
 « Que para recebel-os tambem tenho
 « Homens de brio, limpos, e cortezes.

XXII

« E nós, senhor tenente,
 « Vamos tambem a baixo n'um instante
 « O exemplo imitar da nossa gente.
 « Faça-se homem galante,
 « Enfie a melhor farda ;
 « Não é bem que nos vejam n'este estado
 « A honra nacional fazendo a guarda.
 « Eu vou pôr-me adamado
 « Para o baile que rapido se apresta ;
 « Entre no camarote,
 « E volte logo para entrar na festa
 « Daquelle peralvilho franchinote.»

XXIII

O velho marinheiro
 Vendo-o descer, sorria ;
 Agradava-lhe o genio prasenteiro
 E a coragem fria :
 « É o bravo dos bravos ! » esclamava.
 « Com mil diabos ! a victoria é certa ! »
 E d'um pulo galgava
 Ao beliche que tinha na coberta.

XXIV

Entre tanto se achavam
 Os navios suspeitos já mais perto,
 A ponto que mostravam
 O casco quasi inteiro a descoberto.
 Eram finos veleiros !
 E pelo rumo certo que seguiam,
 Mostravam ter a bordo marinheiros
 Que uma unha do vento não perdiam.

XXV

Dentro na » Douradinha »
 Toda a tripulação, trajando gala,

Ja do seu commandante se avisinha,
 E este assim lhe falla :
 « Vae virar-se de bordo por d'avante,
 « E a bordada correndo
 « Chagaremos diante
 « Dos navios que ao longe estamos vendo.
 « Eu julgo-os inimigos,
 « Julgo-os ambos franceses ;
 « Expômo-nos por tanto a dois perigos,
 « Porém todos aqui são portuguezes... »

XXVI

Delete-se um momento ;
 O imediato fez cessar a murro
 Um grande movimento
 De aprovador sussurro.
 Depois o commandante proseguia :
 « As instruções que tenho
 « Não dizem que o perigo evitaria ;
 « E comtudo, convenho
 « Que talvez, neste caso, bom seria
 « Pouarmos o navio ;
 « Duas fragatas vão accommetel-o,
 « E todo o nosso brio
 « Pode ser que não baste a defendel-o.

« Mas se é grande o perigo,
 « Poderei eu dizer voltando ao Tejo
 « Que nós démos a pôpa ao inimigo ?...
 « Senhores, tenho pejo !...»

XXVII

« Mas a todos permitto,
 « Por suas graduações, patente, e edade,
 « Que, sobre tudo quanto deixo dito,
 « Possam dar o seu voto em liberdade.
 « Senhor tenente, falle...
 « Senhor guarda-marinha, e aspirante...
 « O' mestre, não se cale...»
 — Vamos aos *franchipanas*, commandante ! —

XXVIII

À voz do mestre toda a marinhagem,
 Que o respeito continha,
 Sentindo redobrar sua coragem,
 Fez tremenda esplosão na « Douradinha. »
 Porém rapidamente
 Foi a ordem de novo estabelecida,
 E logo o commandante nobremente,
 Retomando a palavra interrompida :

XXIX

« Eu bem sabia, amigos,
 « Que não vive a meu bordo a cobardia.
 « Ora pois! em chegando os inimigos :
 « Obediencia, ordem, e harmonia.
 « Cada um ao seu posto !
 « E conto, se por nós não fôr a sorte,
 « Que morram todos sem voltar o rosto
 « Com bem illustre morte !
 « Ainda uma palavra : dentro em pouco
 « Vae içar-se a bandeira portugueza ;
 « Se ao aspecto da morte eu ficar louco,
 « Pretendendo-a arriar ante a franceza :
 « Em meu juizo, agora,
 « E em virtude da minha auctoridade,
 « Mando: que n'essa hora
 « Me decepem os punhos sem piedade ! »

XXX

Todos impressionados
 Das palavras do bravo commandante,
 A seus postos correram apressados
 E o navio virou no mesmo instante.

As fragatas seguiam
 Direitas à corveta ;
 O rumo não perdiam,
 Uma da outra procurando a alheta.
 Não dão signal de vida ;
 Nem amostram sequer uma pessoa !
 E a corveta no bordo vae seguida
 Tomar-lhes barlavento pela proa.

XXXI

O commandante desta,
 Ao pé do catavento,
 O seu oculo assesta
 Aos contrarios que vem furando o vento ;
 E curioso da festa,
 Manda firmar com bala
 As quinas portuguezas ;
 A ver se aos outros sae do buxo a falla,
 Ou as aguias francezas.
 O luso pavilhão vâa nos ares,
 O som do bronze eccôa ;
 Porém nos dois navios singulares
 Nenhuma voz resôa !

XXXII

Perdendo a paciencia,
 Exclama o commandante em ira acezo :
 « Bem vos conheço, cães ! essa insolencia
 « Não ficará por vez ! »
 Ia-se a este tempo prolongando
 Á primeira fragata que chegava,
 Quando a segunda de repente orçando
 A corveta entre as duas collocava.
 O nosso commandante
 Com tal manobra tinha já contado,
 Porque no mesmo instante
 Empunha o porta-voz entusiasmado :
 « Orça ! orça ! prolonga c'o a primeira !
 « Aponta ao lume d'agua ! aponta em cheio !
 « Os canalhas não mostram a bandeira ?...
 « O leme todo a meio !
 « Silencio ! façam boas pontarias...
 « — Como a outra caminha ! —
 Fogó ! fogó nas duas baterias !
 « Viva o congresso ! o principe ! e a rainha ! »

XXXIII

Trinta balas partiram,
 Mas as nuvens do fume

De ver os seus effeitos impediram.
 Mal se mudava o rumo,
 Que os canhões inimigos rebombavam;
 E nos cimos dos topes orgulhosos
 Os pavilhões franceses se mostravam.
 Aos eccos temerosos
 Da sua artilheria,
 Se não tremiam peitos valerosos
 O casco da corveta estremecia.
 Mas nossos marinheiros
 Depressa manobraram ;
 Os bravos artilheiros
 Entre o fumo tão rápidos andaram,
 Que antes d'elle cessar inteiramente
 Outra banda ás fragatas enviaram,
 Entre as duas passando novamente.

XXXIV

Dizia o Commandante,
 Subindo um enfrechate :
 « Cuidavam que o navio era mercante,
 « E quizeram tomá-lo sem combate !
 « Pois verão o bonito... »
 Voltou-se de repente
 Ouvindo um grande grito :

Era o velho segundo commandante,
 Que foi bater em cheio
 No pé do cabrestante
 Onde uma bala o dividiu ao meio ! ! ...
 « Mette encontro ! ala gavias e joanete !
 « Carrega a sobre-gata !
 « Larga a escota ao traquete !
 « Fogo vivo ! no bojo da fragata !

XXXV

Famosas pontarias !
 Levou-as na bochecha e nas alcaichas,
 Causando-lhe terríveis avarias,
 Por serem muito baixas.
 — Porém já do outro lado,
 Com os nossos se achava
 O segundo inimigo prolongado. —
 « Fogo a bombordo ! » intrepido clamava
 O bravo commandante.
 « Braceia tudo ! — fogo ! — Mette em cheio !
 « Deixa seguir ávante ! »

XXXVI

Mas não pôde seguir a corvetinha
 Porque desarvorara !
 A banda da fragata mais visinha

Seu formoso arvoredo lhe arrasara !
Se bem que no convez da « Douradinha »
O valor portuguez não acabára...
Entre a immensa cordagem
Que o exercicio dos canhões vedara,
Com denodo e coragem,
O moço commandante se lançara
Empunhando o machado da abordagem.
Agarrou na bandeira
E com ella cobrindo o largo peito,
Se dispôz a subir para a trincheira.
Mas antes d'esse feito
Chamou um aspirante,
E fallou-lhe em segredo ;
E vendo-o desmaiar no mesmo instante
Perguntou-lhe se acaso tinha medo.
A creança córou ao responder-lhe :
« Descance, commandante ;
« Fique certo que eu hei de obedecer-lhe. »
E este, commovido,
Ia a mão estender-lhe ;
Já da ordem que dera arrependido,
Ia talvez dizer-lhe
Que a não cumprisse, quando de repente
Separados ficaram
Por uma nuvem de metralha ardente,
E jámais se encontraram !

XXXVII

Os navios contrarios encostavam
 Para tomar a preza ;
 E os arpéus da abordagem engalavam
 Nas bordas da corveta portugueza.
 O choque foi tremendo !
 A corveta esmagaram,
 De modo que a infeliz ficou gemendo
 Quando os dois vencedores a abordaram.
 E horrorosa carnagem
 Logo nos tres navios succedia,
 Ao primeiro momento da abordagem.
 O commandante portuguez corria
 D'uma a outra fragata ;
 O machado terrivel empunhando,
 Fere, derriba, e mata,
 Não dá quartel ! e a vida recusando
 Na lucta não descança ;
 Porém algumas vezes
 Ao navio perdido a vista lança,
 E vendo-o bem seguro aos dois franceses
 Lhe renasce maldita uma esperança.

XXXVIII

Abrem-se as vagas e um clarão terrível
Refulge sobre os mares;
O espaço abala uma explosão horrivel,
E os tres navios, vñam pelos ares!.....

Morrera satisfeito
O heroe portuguez, amortalhado
Nas quinas que levava sobre o peito.
Tal foi o resultado
D'essa ordem que o fero commandante,
Ao ver-se dos franceses apanhado,
Tinha dado em segredo ao aspirante.



NOTAS.

NOTA A

Resolvi então voltar a Portugal, com a firme vontade de vir para Lisboa estudar, e decidido a morrer na luta se tanto fosse preciso . . . pag. XVI

Como complemento à noticia que serve de introducção a este livro, deve ler-se o que escreveu o Sr. Lopes de Mendonça nas suas *Memorias de Litteratura Contemporanea*, paginas 309 e seguintes.

NOTA B

À morte de Garrett pag 4

No jornal a *Imprensa e Lei*, de 10 de dezembro de 1854, escrevia o Sr. Mendes Leal, referindo-se à noticia que eu dava na mesma folha da morte de Almeida Garrett, o artigo d'onde se extraem as poucas linhas que seguem.

« Em breve e tocante resumo damos a sentida narração « dos seus ultimos momentos, escripta, entre lagrimas, pela « mão tremula do amigo que lhe cerrou os olhos—pela mão « daquelle de quem elle, se agora podesse vel-o, diria, como « pela sua bocca dizia o grande antecessor de que o sepa- « ram trezentos annos :

Que me resta j'agora ?. . .

.....
**O que me resta
 Sobre a terra dos vivos ? um amigo,
 Um amigo n'este arido deserto.**

« **E este amigo não era nenhum dos grandes da terra que
 « hombream com elle, sem serem seus eguaes. Olhai a as-
 « signatura d'essa narração succincta, que tanto diz, e acha-
 « reis o nome de Francisco Gomes de Amorim, um poeta
 « também, que brilha pelo esplendor do talento e do cora-
 « ção, e não acrescenta outras pompas a estes dons que só
 « recebeu de Deus.**

« **Os dignatarios, que o fôram muitos á custa do seu es-
 « pirito, esses não estavam ao lado do moribundo.**

« **Ao nome do sr. Amorim devemos ainda reunir o de
 « outro amigo que o não foi dos dias de prosperidade e que
 « o soube ser nos da provação — este nome é o do sr. Ma-
 « noel José Gonçalves, um homem de espirito que se com-
 « praz na modestia. »**

**Se julgarem vaidade da minha parte a reprodução des-
 « as palavras em que a amizade do sr. Mendes Leal exaltou
 « o meu nome e as minhas qualidades; direi que eu poderia
 « talvez aceitá-las, sem ser immodesto, como recompensa do
 « muito que penei durante a longa agonia do grande poeta.
 « Porque, é perciso dizer-se, eu não estava assistindo só-
 « mente a um amigo, nem ao membro d'uma unica familia ;
 « procurava mitigar os sofrimentos d'un homem que pertencia
 « a toda a nação, que honrava a todas as familias portuguezas,
 « porque o seu nome é uma gloria nacional. E eu, se excep-
 « tuar a presença de um amigo, que fôra apresentado por mim,
 « e de duas virtuosissimas e santas irmãs da caridade portu-
 « guezas, também reclamadas por mim, eu estava alli só-
 « simho para representar o meu paiz, sem que ninguem me**

incumbisse de similhante commissão; mas que se eu a não tivesse tomado pelo impulso do meu coração, Portugal ficaria uma segunda vez coberto de vergonha pela morte de um poeta celebre!

Declaro-o sem medo, e hei de dizer-o sem ser nas notas d'um livro; se não fosse eu, o visconde de Almeida Garrett teria morrido, n'um leito muito elegante, é verdade, e cercado de primores d'arte e de gosto, mas sem ter quem lhe desse uma chavena de caldo! Bem o sabem todos os que se deram ao encommodo de penetrar até proximo do moribundo. E por isso não era um amigo, embora elle seja um grande escriptor, o que devia louvar o meu procedimento.

Porém n'esta terra onde sobejam os vilões, considero-me feliz em receber por paga o voto dos homens que pensam tão generosamente como o sr. Mendes Leal. A providencia, conduzindo-me dos sertões da America para vir cerrar os olhos do maior poeta portuguez moderno, não me preveniu de que a gloria de recolher para a posteridade as suas ultimas palavras me custaria a vida do meu maior amigo; sacrificio como o que eu fiz não se paga, nem com a celebriidade; não tenho porém a louca pretenção de aspirar a ella, apesar de conhecer quanto foi cobiçada a dolorosa e momentanea popularidade que me deu o acontecimento. E os miséraveis que me invejaram, dizem-se hoje tambem discípulos de Almeida Garrett?

Eram os seus diffamadores!...

O *Lidador*, jornal do Porto, no seu numero 121, de 21 de dezembro de 1854, publica uma poesia á morte de Almeida Garrett, á qual o seu auctor, o sr. Nuno Maria de Sousa Moura, poz a seguinte nota:

« O sr. F. Gomes de Amorim, unico amigo do sr. Garrett que lhe assistiu sempre, e o acompanhou na hora

« angustiada do passamento, cumprindo um dever sagrado de amigo fiel, entrelaçou, sem o cuidar talvez, o seu bom nome com o do grande poeta. Sirva-lhe se quer essa glória de lenitivo na saudade, em recompensa dos crueis apertos do coração por que passou. »

O meu amigo Manoel José Gonçalves, citado no artigo do sr. Mendes Leal, havia sido apresentado por mim a Almeida Garrett, que logo se lhe affeçoou, apreciando devidamente o seu coração e os seus talentos. Fôra injustiça da minha parte o não declarar aqui, que o tive por companheiro muitas noites à cabeceira do poeta, e que elle partilhou comigo a triste honra de lhe assistir aos últimos momentos.

NOTA C

As duas fragatas... pag. 33.

Ácerca desta e outras poesias marítimas, que fazem parte da presente collecção, leia-se, no Panorama de 1856, a paginas 108 e seguintes, o que escreveu o Sr. Rebello da Silva. Por ser muito lisongeiro para mim o artigo do ilustre critico, não me atrevo a transcrevel-o aqui. Receio tornar alguém hydrophobo de inveja com a sua leitura, e creio que este livro já leva elementos de mais para damar alguns cães...

NOTA D

*Oh! mal haja quem deseja,
Aute a humildade da egreja,
Preferir um reino a Deus! pag. 60*

Estes versos, e os subsequentes, não devem tomar-se como ofensas feitas ao chefe da egreja. Não é este o logar para emitir a minha opinião sobre o poder temporal do herdeiro

de S. Pedro ; mas peço aos que me julguem menos orthodoxo, que se lembrem de que toda a poesia « Garibaldi » foi escripta ha dez annos, quando a Europa estava em effervescencia, e todos os espiritos mais ou menos exaltados.

NOTA E

Paraphrase de outra do sr. João de Lemos . . . pag. 129.

Por occasião da sentida morte de S. M. a senhora D. Maria II, o partido realista, abaixando immediatamente as armas, veio ajoelhar commosco sobre a sepultura da augusta princeza. O jornal que representa aquelle partido cobriu-se de luto, como os nossos; e o seu artigo à morte da rainha foi um dos mais nobres, mais eloquentes, e mais sentidos que podia inspirar à pena d'um grande poeta o coração d'um grande e generoso inimigo. O sr. João de Lemos, querido de quantos o conhecem, como poeta e como homem, publicou então uma poesia — *o Funeral e a Pomba* — que eu paraphraseei como se vê na pagina citada. Toda a gente conhece o original e a paraphrase, porque foram raros os jornaes que as não publicaram ambas; mas peço licença ao meu amigo e poeta para novamente transcrever aqui a sua, em beneficio dos meus leitores.

O FUNERAL E A POMBA

Por João de Lemos.

I

Que vae além nos arrayaes contrarios ?
De espaço a espaço a artilheria trôa,
Mas não vomita na golfada ignifera
Rabidas balas !

**A sentinelha, prepassando, mostra
De cano à terra o arcabuz ocioso ;
Ao meio d'baste a bicolor bandeira
Lugubre desce !**

**Que vae além nos arrayaes contrarios ?
Saudoso dobre de plangentes sinos,
Casado ao rufo de lambores roucos
Ouve-se ao longe !**

**Lá vem... lá vem... um saimento ! Os crepes
Rojam por terra ! O silencio é fundo,
E na fileira exequial as tochas
Tremulas fulgem !**

**Que dor é essa nos arrayaes contrarios ?
Com toda a tropa desdobrada em alas
Que perda choram, esmerando afflictos
Funebres pompas ? !**

**Vão no cortejo os generaes, vae tudo,
Seus esfandartes pelo chão se prostram
Sob a passagem do ataude, e gemem
Musicas tristes !**

**Que perda choram os arrayaes contrarios ?
Dir-se-ha que a morte lhes arrancou sinistra
Da crença ao livro n'um augusto nome,
Symbolo caro !**

**E' certo... é certo... que distincto agora,
Por entre o escuro dos calados vultos,
Aureo diadema despediu aos olhos
Rapido brilho !**

IT

**Soldados que, ha vinte annos
Com esforços sobre humanos,
Batalhaes por vossa fé,
Soldados, ei!, de pé !**

Respeitem-se aquellas maguas,
E do nosso pranto as aguas
Lavem d'odio o coração ;
Não ha odios d'este lado,
Nem se deshonra um soldado
Quando abraça seu irmão.

Ponham-se treguas á guerra,
E ninguem manche esta terra
Ao pé de funerea luz ;
Soldados, olhae a cruz !
Demos pranto a quem pranteia,
Demos dor á dor alheia,
Nos dois campos luto igual !
Nenhum, nenhum se envilece,
Unidos na mesma prece,
Junto á loisâ sepulchrat.

Solemne melancolia,
Seja n'hora da agonia
Nosso tributo cortez ;
Que o tomem, que é portuguez !
Portuguez d'aquelles peitos
Por tantos annos affeitos
Na lealdade a sofrer ;
Portuguez, que vem das eras
D'aquellas crenças sinceras
D'antes quebrar que torcer.

Que o tomem, e nós, soldados,
Ao vel-os tão consternados,
Respeitemos-lhe a sua fé :
Amigos, eia, de pé !
Era o seu chefe e bandeira,
Diziam-n'a companheira
De infortunio e proscripção ;
Comprehendemos, pois, seu grito.
Nós, soldados do proscripto,
Vinte annos gemendo em vão !

A cada um sua crença e dores,
Cada qual estréme as cōres

Do pendão que traz por si ;
 Todo branco é o nosso aqui.
 Mas, se d'elle voz sagrada
 Nos manda por gloria herdada
 Ou morrer, ou triumphar ;
 Tambem no alto do Calvario
 Outro estandarte, um sudario,
 Manda os tristes consolar.

Porque é de arrayal opposto
 Não córa o tributo o rosto
 A quem o toma ou quem dá ;
 Soldados, luto de cá !
 É tributo à monarchia
 Por dois campos n'um só dia,
 Cada qual por sua lei ;
 Um faz honras à rainha,
 Outro à princeza, sobrinha
 D'aquelle que jurou rei.

III

E eil-a que alli vem sem vida,
 Que inda era ha pouco viçosa
 Como a flor ;
 E, flor do tusão pendida,
 Agora da mãe, da esposa,
 Resta a dor !

Aos filhos não, não lhe basta
 Do mundo fallaz ventura
 N'este mal !
 Mal em que a terra madrasta
 Não basta à saudade pura
 Filial

À viuzez que importa o fausto
 Quando uma alma d'outra alma
 Enviuvou ? !
 Se enviuvou n'um peito exhausto,
 Toda a flor d'essa êrma palma
 Desfolhou.

E eil-a que alli vem sem vida,
 Que inda era ha pouco viçosa
 Como a flor;
 E, flor do tufão pendida,
 Agora da mãe, da esposa,
 Resta a dor!

Oremos todos por ella!
 Que na morte renascesse
 Para Deus!
 Que Deus, n'aquella hora ao vel-a,
 Da dor escada fizesse
 Para os ceus!

Oremos todos; nós temos
 D'innocentes desterrados
 Uma mãe;
 Mãe e pae, de quem seremos
 N'esta prece acompanhados
 Lá tambem.

E eil-a que alli vae sem vida,
 Que inda era ha pouco viçosa
 Como a flor;
 E, flor do tufão pendida,
 Agora da mãe, da esposa
 Resta a dor!

IV

Silencio! Eis pára o saimento ao arco
 D'esse mosteiro que um Affonso ergueu;
 O vento agita, de redor dos coches,
 Co'a chamma funebre, lutooso veu.

Que ponto incerto se desenha no alto,
 Como vagando na amplidão do ar!?
 E baixa, e baixa, simulhando uma ave
 Que já das azas se sentiu cangar.

Baixou mais perto ; e, pairando, vê-se
Mimosa pomba, que dos ceus vôou ;
Eil-a veloz se precipita agora,
E sobre um carro funeral poisou !

É sobre o carro que levava a c'rda !
De susto isenta, como poisa assim ? !
E quêda, quêda... mas de novo o carro
Segue o cortejo... levantou por fim.

Já no successo reflectindo o povo
Decifra avisos, que lhe vem do ceu ;
E o saimento se sumiu na egreja
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu !

O povo, ás vezes, allumiado na alma,
Dizem que as letras do futuro vê ;
Ou seja Deus que lhe confia o livro,
Ou seja o povo que por Deus só lê.

O povo é fôra, pode ser que esp'rangas
Manso ao ouvido traduzindo alli,
Da pomba o caso correrá mil boccas,
Crêem-se ditosos os que dizem — vi.

Lá dentro, em tanto, pela nave triste
Mais triste o orgão na oração gemeu ;
E dos levitas lacrimoso canto
Eccou na egreja que um Affonso ergueu !

V

De joelhos, soldados, na ultima prece !
Da lousa na queda cá sinto o fragor !
E a mystica pomba qual lembra ou esquece
Dos campos oppostos ?... — Rogar ao Senhor.

A pomba da arca, no ramo colhido,
C' o as aguas descendo, fallava de paz :
Findava o castigo, e um povo escolhido
À terra um Messias consigo lhe traz.

Aquella hoje poisa, por nova sybilla,
 No carro que leva dos reis o signal ;
 Se a c'rda é do reino, na pomba tranquilla
 Tranquillos agouros terá Portugal.

Os campos oppostos são livres nos varios
 Oppostos juisos que podem fazer ;
 Que ha outros mais altos, fechados sacrarios,
 A que homens não podem as portas romper.

Confiemos, pedindo ; esp'remos que a pomba,
 De paz mensageira, da patria por bem,
 Não venha hoje ao lado da loisa que tomba
 Trazer injustiças, por mal de ninguem.

De joelhos, soldados, na ultima prece !
 Da loisa na queda cá sinto o fragor !
 De joelhos, que a pomba só lembra ao que esquece
 N'est' hora solemne — rogar ao Senhor !

NOTA F

Auctor dos Folhetins Maritimos. . . . pag. 147.

O sr. conselheiro Joaqnín Pedro Celestino Soares, que me honra com a sua amizade, publicou ha annos uma collecção de *Folhetins*, que depois reuniu em livro com o titulo de *Quadros Navaes Portuguezes*, onde descreveu admiravelmente varias e brilhantes scenas da vida maritima. É um livro de verdadeira e grandiosa poesia, que o auctor não devia deixar sem continuação. Perdi-me o distinecto director da Escola Naval, mas preferia vê-lo proseguir na carreira de escriptor maritimo. Antes queria que elle dotasse o paiz de muitos livros como os seus *Quadros Navaes*, do que de muitos officiaes de marinha, que apesar de sahirem excellentes marinheiros correm o risco de não poderem mostrar nunca a sua habilidade, por falta de navios onde possam embarcar.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO pag I a XVIII

LIVRO PRIMEIRO		1
I	À morte de Garrett	<i>ib.</i>
II	Meditação.....	8
III	As duas estrelas	11
IV	A Luiza	12
V	O Jau	15
VI	Oremos	19
VII	Se eu a amei ?	24
VIII	A madrugada	27
IX	O desterrado..	29
X	Versos a um amigo	31
XI	As duas fragatas	33
XII	O crepúsculo.....	40
XIII	A uma poetisa	42
XIV	O marinheiro.....	47
XV	Rosa colhida.....	52
XVI	Garibaldi.....	55
XVII	A visão	65
XVIII	Ámanhã.....	68
XIX	Sonhos.....	71
XX	Adeus !	74

XXI	A uma flor	78
XXII	Coração morto.....	80
XXIII	Melancolias.....	85
XXIV	Quinze annos !.....	92
XXV	A morte do conde das Antas	96
XXVI	Destino.....	99
XXVII	Deliro.....	103
XXVIII	Quando eu te vi.....	108
XXIX	Meu pae	111
XXX	Alboni	115
XXXI	O deserto	117
XXXII	Medicina de Deus	124
XXXIII	Por que choras ?	126
XXXIV	O funeral e a pomba	129
XXXV	A rosa	139
XXXVI	O pranto.....	141
XXXVII	No livro de um pintor	143
 LIVRO SEGUNDO		147
I	A marinha portugueza	ib.
II	Astro	154
III	N'um album	156
IV	Tristeza	158
V	Anjo—demonio.....	161
VI	Marianninha	164
VII	O corsario.....	169
VIII	A estrella do dia.....	174
IX	O diabo	176
X	O dinheiro.....	180
XI	O céu é sua patria	186
XII	Dever.....	188
XIII	Não és tu	192
XIV	Só.....	194
XV	Maria	197
XVI	O anjinho	200
XVII	Conselhos	202
XVIII	Primavera	205
XIX	O Amazonas	207
XX	Luz mysteriosa	221
XXI	Não ames	227
XXII	A J. Vianna	230

XXIII	Devaneio.....	231
XXIV	Perdidos !	233
XXV	Os piratas.....	235
XXVI	O caçador e a tapuya	242
XXVII	Perdoas-me ?.....	246
XXVIII	A mulher de marmore.....	248
XXIX	O inverno.....	254
XXX	Deves amar.....	258
XXXI	Fantazia	263
XXXII	A João de Lemos.....	271
XXXIII	O poeta expirando	275
XXXIV	Sobre o rochedo	286
XXXV	A nuvem e a tormenta	290
XXXVI	A oração	293
XXXVII	A floresta virgem	297
XXXVIII	A Hungria	303
XXXIX	A uma joven bahiana.....	312
XL	Filho e mãe	315
XLI	A corveta	320
NOTAS		343

ERRATAS

viagante	— pag.	117	linha	5 — Viajante
companhi ;	— "	198	"	22 — companhia ;
fil inha	— "	201	"	22 — filhinha
vendo-te	— "	203	"	19 — vende-te
deus	— "	218	"	1 — Deus
provir ?	— "	ib.	"	13 — porvir ?
hydralica	— "	ib.	"	17 — hydraulica
sob	— "	223	"	2 — sóbe
bill ws	— "	235	"	5 — billows
arriámos ;	— "	237	"	22 — arriámos ;
incendiámos	— "	ib.	"	23 — incendiámos
e reinar	— "	249	"	25 — é reinar.
estas,	— "	259	"	4 — estas,
A. J. G. da S.	— "	275	"	2 — A. J. G. da S.
A manhã	— "	289	"	21 — A'manhã
obdecem	— "	319	"	5 — obedecem
Crysmaram	— "	321	"	17 — Chrismaram
chagaremos	— "	332	"	5 — Chegaremos

EMENDAS

Escaparam mais alguns erros de orthografia e pontuação que o Leitor corrigirá facilmente.

P. Geddes

UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 06303 3461

